



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

SIMONE FRIGO

**GÊNERO, AMBIENTE E TÉCNICA NA PESCA DA TAINHA DE
ENCANTADAS**

FLORIANÓPOLIS

2018

Simone Frigo

GÊNERO, AMBIENTE E TÉCNICA NA PESCA DA TAINHA DE ENCANTADAS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora
em Antropologia Social

Orientador: Prof.^a Dr.^a Carmen Silvia de Moraes
Rial

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Frigo, Simone

GÊNERO, AMBIENTE E TÉCNICA NA PESCA DA TAINHA DE
ENCANTADAS / Simone Frigo ; orientador, Carmen
Silvia de Moraes Rial , 2018.

196 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia . 3.
Pesca. 4. Gênero. I. , Carmen Silvia de Moraes
Rial. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
III. Título.

Simone Frigo

Título: Gênero, ambiente e técnica na pesca da tainha de Encantadas

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Francisca de Souza Miller, Dra.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Cornélia Eckert, Dra.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Paulo Jorge Pinto Raposo, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Antropologia Social.

Prof.^a Dra. Vânia Zican Cardoso

Coordenadora do PPGAS/UFSC

Prof.^a Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial

Orientadora

Florianópolis, 01 de março de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Carmen Rial que incentivou e contribuiu para a realização desta pesquisa. Obrigada por não ter desistido de mim.

Foi de extrema importância o fomento proporcionado pela CAPES, pois sem ele seria impossível à realização desta pesquisa.

Nesta trajetória de doutoramento minha família, meus amigos e amores tiveram papel fundamental. Os amores refizeram-se, a família cresceu e as amizades fortaleceram-se. Meus sobrinhos Joaquim e Tarcila, vocês são renovação da minha fé na humanidade. Francis querido chegaste aos 47 do segundo tempo. Obrigada por todo seu apoio. Não teria conseguido sem ti. Mabelle Bandoli, Fernanda Marcon, Maria Emília Rodrigues, Janaína Moscal e Patrícia Martins não existem palavras que demonstrem minha gratidão. Obrigada por fazerem parte da minha caminhada.

Agradeço profundamente a todas as pescadoras e pescadores e também moradoras e moradores da Vila de Encantadas. O convívio com vocês foi uma experiência fantástica, transformadora.

“Se eu te narro toda essa jornada é porque você também nela está.”

(Deleuze Recombination, 2017)

RESUMO

Sob a aparente calma no mar de movimentações humanas, o inverno se aproxima em Encantadas, localidade da Ilha do Mel, Paraná. O tempo do turismo cessou e, aos poucos, pescadores (as) recolocam a centralidade nas atividades pesqueiras. Dentre as práticas está o “lanço da tainha”. Marcado por tempo distintos, no tempo da pesca as relações dos pescadores (as) com o ambiente mudam, a vida se expande e o habitar avança junto com seus habitantes (humanos e não humanos). As fotografias desta tese são os nós que entrelaçam uma longa experiência de trabalho de campo marcada pela perspectiva de gênero. Pescadores (as) estão descentrados nas fotografias propositalmente e os ângulos marcam o lugar físico das pescadoras na maquinaria da pesca. Sendo a percepção um modo de engajamento no mundo, a tese aqui exposta tem a intenção de apresentar a dinâmica própria da pesca da tainha de Encantadas e seus habitantes pescadores (as) e, também, objetiva as teses focadas na complementariedade das mulheres na pesca. Aqui discuto o ambiente pesqueiro e as técnicas desenvolvidas pelas pescadoras. Para tanto, opto por caminhar junto às elas, nos afetos e jogos de conjugalidade.

Palavras-chave: Pesca. Gênero. Técnica.

ABSTRACT

Under the apparent stillness within the sea of human movements, winter approaches in Encantadas, at Ilha do Mel, in the state of Paraná, Brazil. The time of tourism has come to an end, and fishermen and fisherwomen gradually reinstate fishing activities at the center of their lives. Among such practices is the “mullet seine-haul”. Marked by different times, during the time of fishing the fishers’ relationship with the environment changes, life expands and habitation progresses along with its inhabitants (human and non-human). The photographs in this thesis are the nodes intertwining a lengthy fieldwork experience marked by a gender perspective. The fishers are purposely off-center in the photographs and the angles indicate the physical place of the fisherwomen within the fishing machinery. Given that perception is a way to engage oneself in the world, the present thesis addresses the unique dynamic of mullet fishing in Encantadas and its residing fishers and challenges the interpretations and theses focused on the complementarity of women in fishing activities. I examine and discuss the fishing environment and techniques developed by fisherwomen. To this end, I chose to walk alongside them, in their affections and conjugality games.

Keywords: Fishing. Gender. Technique

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa turístico do litoral do Paraná.....	16
Figura 2.....	17
Figura 3.....	30
Figura 4.....	33
Figura 5.....	34
Figura 6 - Mapa 2 - Mapa em aquarela da Ilha do Mel.....	41
Figura 7.....	43
Figura 8.....	44
Figura 9.....	45
Figura 10.....	48
Figura 11.....	48
Figura 12.....	49
Figura 13.....	51
Figura 14.....	52
Figura 15.....	53
Figura 16.....	53
Figura 17.....	54
Figura 18.....	54
Figura 19.....	55
Figura 20 - Organograma.....	57
Figura 21 - Mapa 3 - Ocupação provisória da praia do Miguel.....	62
Figura 22.....	63
Figura 23.....	64
Figura 24.....	65
Figura 25.....	66
Figura 26.....	67
Figura 27.....	68
Figura 28.....	68
Figura 29.....	69
Figura 30.....	69
Figura 31.....	69
Figura 32.....	70
Figura 33.....	70
Figura 34.....	70
Figura 35 - Pássaros nativos da mata atlântica, Tiá-sangue macho e fêmea (ou Tié-sangue), Sete cores e Saí-azul (ou Sairá-azul).	71
Figura 36.....	73
Figura 37.....	75
Figura 38.....	78
Figura 39.....	79
Figura 40.....	80
Figura 41.....	80
Figura 42.....	81
Figura 43.....	81
Figura 44.....	81
Figura 45.....	82
Figura 46.....	82

Figura 47	83
Figura 48	84
Figura 49	84
Figura 50	85
Figura 51	86
Figura 52	88
Figura 53	90
Figura 54	90
Figura 55	91
Figura 56	91
Figura 57	92
Figura 58	93
Figura 59	94
Figura 60	97
Figura 61	98
Figura 62	99
Figura 63	99
Figura 64	101
Figura 65	102
Figura 66	108
Figura 67	110
Figura 68	111
Figura 69	112
Figura 70	114
Figura 71	116
Figura 72	117
Figura 73	119
Figura 74	119
Figura 75	120
Figura 76	120
Figura 77	121
Figura 78	122
Figura 79	122
Figura 80	123
Figura 81	124
Figura 82	125
Figura 83	126
Figura 84	127
Figura 85	129
Figura 86	130
Figura 87	131
Figura 88	132
Figura 89	133
Figura 90	134
Figura 91	134
Figura 92	136
Figura 93	137
Figura 94	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tempos e Épocas do Ano.....	36
Quadro 2 - Tempos do Turismo	42
Quadro 3 - Tempo da Pesca.....	52

SUMÁRIO

1	PRÓLOGO - RELAÇÕES DE GÊNERO E PESCA: TEMA, CONCEITOS E MÉTODOS	15
1.1	PESCA E GÊNERO	18
1.2	TRABALHO DE CAMPO E ESCRITA	27
1.3	ESTRUTURAÇÃO DA TESE	31
2	QUANDO AS TAINHAS CHEGAM À ILHA: TEMPO, HABITAR E DINÂMICAS FAMILIARES	33
2.1	<i>NOSSAS FÉRIAS</i> : TEMPO DA PESCA E TEMPO DO TURISMO	34
2.2	O TEMPO DOS ANTIGOS E A PRAIA DO MIGUEL	43
2.3	“ <i>VAMOS PRO MIGUEL?</i> ” HABITAR E AS DINÂMICAS FAMILIARES	51
3	OS CAMINHOS DA PESCA DE SUCESSO: TÉCNICA, PRESTÍGIO E FALAÇÃO	73
3.1	<i>LANÇO</i> DA TAINHA	74
3.2	CANOAS, REDES E OS ESPECIALISTAS	87
3.3	UMA CAMBOADA DE SUCESSO: EVENTO, FALAÇÃO E PRESTÍGIO	98
4	ENQUANTO AS TAINHAS NÃO CHEGAM, AS MULHERES VEEM BEM MAIS QUE OS PEIXES: PERCEPÇÕES EM FOCO	108
4.1	A OBSERVAÇÃO E AS TÉCNICAS CULINÁRIAS	110
4.2	OUVIR: SONS, CHAMADOS E IDENTIFICAÇÕES	124
4.3	VER, INTERPRETAR E OS JOGOS DA CONJUGALIDADE	135
5	“VOCÊS NÃO FODEM? A GENTE FODE, MAS NÃO CHEGA A ARRANCAR A PELE DA PICA!” SOBRE GÊNERO, SEXO E PESCA	141
5.1	O RESPEITO, O CIÚME E O CONTROLE	142
5.2	VIÚVAS, SEPARADAS E SOLTEIRAS	152
6	EPÍLOGO.....	155
	REFERÊNCIAS	157

1 PRÓLOGO - RELAÇÕES DE GÊNERO E PESCA: TEMA, CONCEITOS E MÉTODOS

As incertezas andam lado a lado com as tentativas de uma escrita etnográfica que dê conta do trabalho de campo prolongado, de um convívio intenso, por vezes muito tranquilo, por outras completamente agonístico¹. Apresento, neste momento, de forma geral, alguns dos caminhos que percorri no trabalho de campo, aliado as discussões teóricas desenvolvidas neste processo. Gênero, ambiente e técnica constituíram-se como os “nós” de minha tese, justamente por serem temas que se entrecruzam e que, muitas vezes, parecem indistinguíveis no cotidiano da pesca da tainha. Ou seja, compreendo estes temas como a tentativa de tradução de uma dinâmica local extremamente rica e também conflituosa. Penso ser possível etnografar este contexto seguindo o conjunto de relações que são relevantes para a pesca, bem como os engajamentos necessários para a concretização das ações através de causos, eventos, narrações do cotidiano e vivências que compartilhei. O privilégio da perspectiva das mulheres pescadoras, as falas, as histórias, as falações, as fofocas e, como consequência, os silêncios diários impuseram-se como eixos deste trabalho. Estes são elemento chave para a compreensão da pesca da tainha em Encantadas.

A vila de Encantadas é a maior das seis localidades que compõe a Ilha do Mel, Paraná. Faz parte do município de Paranaguá, porém, em termos de distância, está mais próxima de Pontal do Paraná. Pontal, município do qual a maioria absoluta dos turistas embarca para a Ilha, fica a quase trinta minutos de barco a motor e, Paranaguá, acerca de duas horas. À primeira vista pode parecer que a proximidade com Pontal gera uma maior relação dos habitantes da Ilha com a dita cidade, no entanto, isto é apenas verdadeiro para o transporte de turistas e as relações comerciais que está atividade envolve. O comércio, a saúde, a educação, as burocracias estatais, praticamente tudo o que diz respeito ao cotidiano dos habitantes de Encantadas é vinculado ao município de Paranaguá. Além dos barcos a motor, utilizados para transporte de turistas e para pesca em alto mar, também existe um número considerável de *voadeiras*², contei ao menos vinte, distribuídas entre os comerciantes e famílias locais que

¹ As ideias de sociabilidade agonística, assim como tratadas por Comerford (2003), serão desenvolvidas nos capítulos 2 e 3.

² *Voadeira* é uma embarcação movida a motor com estrutura e casco de metal ou de fibra, composta com motor

² *Voadeira* é uma embarcação movida a motor com estrutura e casco de metal ou de fibra, composta com motor de popa. É largamente utilizada no transporte fluvial e em pescarias, sendo um meio de transporte bastante comum na Ilha do Mel. Utilizo itálico em todas as falas e expressões nativas que aparecem no texto. Por vezes, os significados podem ser comuns, encontrados em dicionários. No entanto aponto as palavras que possuem

possuem melhor poder aquisitivo. Com voadeiras é que se deslocam rapidamente para Paranaguá, pois se faz o trajeto em cerca de 40 minutos.

Figura 1 - Mapa turístico do litoral do Paraná



Fonte: Guia Geográfico Paraná (09/05/2016).

À primeira vista, nenhum transeunte dirá que a vila de Encantadas possui cerca de 1.200 habitantes. A impressão é de um número bem menor. A criação de duas unidades de conservação, em meados de 1980, restringiu em mais de noventa por cento o território de moradia dos habitantes da Ilha do Mel. Tornando praticamente impossível construir uma nova casa, mesmo tendo terreno e condições financeiras para tanto. Hoje se forma a terceira geração de habitantes que moram na mesma residência. Isto explica em parte a impressão que muitos possuem sobre o real número de pessoas que moram na Ilha, faltam casas, sobram pessoas. Além disso, a temporada de veraneio e o inverno, ou como dizem, o tempo do turismo e o tempo da pesca são momentos que constroem relações de visibilidade, de deslocamentos distintas entre os habitantes. O tempo do turismo é um tempo de dispersão das famílias e redes de sociabilidade, enquanto que o tempo da pesca da tainha, no inverno, é marcado exatamente pelo contrário.

Este trabalho é sobre o tempo da pesca. Todos os dias, dependendo do horário da maré, os homens se reúnem dentro dos grupos familiares ou de afinidades, em frente ao trapiche que dá acesso aos barcos da Ilha ou, logo ao lado, no mercado do Gilson, para avaliar

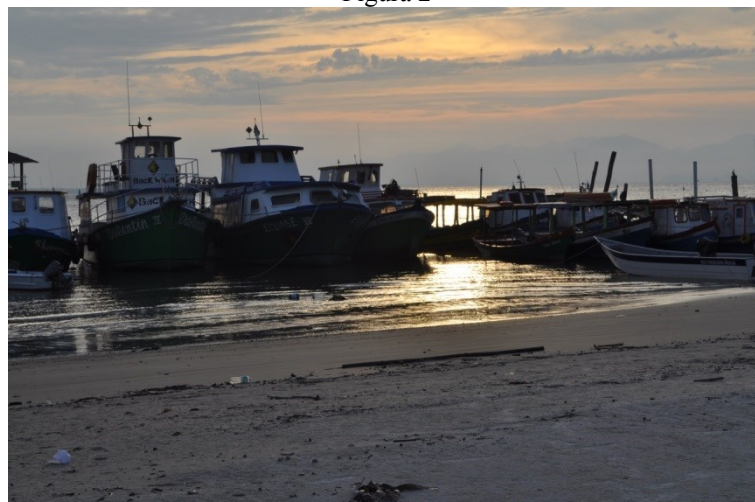
um significado êmico diferente. As explicações de categorias êmicas aparecem no próprio texto ou em notas de rodapé, dependendo da importância da categoria.

as possibilidades de pesca do dia ou avaliar os possíveis resultados finais dela. Destas conversas traçam-se planos, discutem-se possibilidades e também, circulam outras informações sobre o cotidiano da vila. As mulheres não participam tão assiduamente destes espaços, inclusive sua presença prolongada nestes locais é vista com maus olhos. No entanto, enganam-se aqueles que crêem que, por isso, as mulheres não atuam no planejamento e avaliação das atividades pesqueiras. As redes de comunicação e planejamento delas passam por outros espaços, também públicos, porém mais restritos às famílias e afins.

As avaliações da pesca começam pelas mulheres em cada núcleo familiar e passam pelas afins. Em um segundo momento, estas conversas das pescadoras são replicadas em seus maridos e ou parentes. Aí sim os pescadores vão ao mercado partilhar impressões já discutidas anteriormente e ou elaborar novas avaliações.

A pesca da tainha é caracterizada pelo tempo de espera e, para a maioria dessas pessoas, todas as outras atividades permanecem suspensas. Assim como os (as) pescadores (as), que aguardam pacientemente a entrada dos cardumes, aqueles que se propõem a realizar pesquisa etnográfica também deverão estar dispostos a compreenderem o tempo e os “gostos” da tainha. A água fria, provinda da chuva, o vento sudoeste e outros fatores advindos da natureza juntam-se aos fatores humanos, como o envolvimento dos (as) pescadores (as) com o turismo enquanto fonte de renda. Nesse contexto, a dificuldade de permanecer o tempo todo atento aos peixes estende-se ao trabalho de campo, pois mesmo aqueles que acampam com seus familiares estão em trânsito constante, da vila de Encantadas para o Miguel – praia onde a pesca se realiza – e vice-versa. Assim, optei também pelo trânsito.

Figura 2



Fonte: Simone Frigo (2015).

A partir de dados etnográficos resultantes da pesquisa de campo realizada entre 2010 e 2016 entre os pescadores e pescadoras de Encantadas, esta tese aborda as relações de gênero tendo como foco a pesca da tainha. Essa é uma das atividades ditas “tradicionais” que perduram, apesar das inúmeras transformações ocorridas na Ilha durante os últimos trinta anos. A intenção é refletir sobre as perspectivas a respeito das relações de gênero estabelecidas e como estas constroem as percepções sobre o ambiente, os animais, os objetos e os próprios humanos interligados na prática pesqueira.

Meu texto não se propõe a mensurar, em termos quantitativos, a importância ou complementariedade das mulheres na pesca da tainha de Encantadas. Sigo os caminhos que me foram perceptíveis através de intensa vivência com as mulheres pescadoras e apresento o conjunto de relações que são relevantes para as suas ações. Os engajamentos relevantes para a concretização de suas ações levam, nesta perspectiva relacional, também, mas não somente, aos homens pescadores.

1.1 PESCA E GÊNERO

A proposta deste item é situar, mesmo que rapidamente, o desenvolvimento das pesquisas em antropologia sobre os grupos que vivem em relação direta com o mar e o ambiente pesqueiro. Não se pretende fazer uma revisão teórica profunda sob as diferentes perspectivas forjadas pela disciplina desde o seu surgimento até os dias atuais, mas sim demonstrar a importância deste campo de pesquisa e justificar a escolha da temática de gênero a partir de uma ausência relativa. No primeiro momento, apresento, através de alguns exemplos, como o tema da pesca, dos pescadores e das populações litorâneas se desenvolveu em conjunto com a própria disciplina. Em seguida, discuto como a temática das populações pesqueiras e insulares apresenta-se em algumas pesquisas produzidas no Brasil através de dois pontos de discussão: a pesca artesanal e o particularismo insular. Por fim, traço algumas impressões sobre como as temáticas de gênero tem se desenvolvido dentro do contexto da pesca.

Mesmo não sendo uma questão para aquele momento, é possível pensar os nasceres do conhecimento antropológico estando vinculado à uma suposta “antropologia dos mares”. Malinowski (1978), em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, originalmente publicada em 1922, analisa a sociedade dos trobriandeses a partir de sua circulação econômica efetivada através das suas múltiplas viagens entre as várias ilhas da Polinésia. Hoje é possível compreender

como a pesquisa funcionalista traçou caminhos que não permitiram avançar no destaque na relação dos trobriandeses com o mar. No entanto, as questões foram postas e não se pode negar que o caráter inaugural da obra contribui para a consolidação da pesquisa etnográfica.

As tentativas de traçar um mapa mental onde localizáramos o que é específico das populações pesqueiras não levam a caminhos frutíferos para o que proponho nesta tese. Penso aqui, para continuar nos “clássicos”, no trabalho de campo de Boas (1858-1942) entre os Esquimós. Seja no “Ensaio sobre as variações sazoneiras” (1974) ou em “Sobre os sons alternantes” (2004) este autor nos dá a possibilidade de interpretarmos as relações que os Esquimós estabelecem, numa justaposição de ambiente e percepção e não, em uma classificação de um e ou outro.

A obra de Firth (1975), em 1946, *Malayfishermen: theirpeasanteconomy* marca o desenvolvimento do estudo de populações marítimas. Em sua pesquisa sustentou que o processo de trabalho dos pescadores reúne certas características as quais, apesar de possuir um caráter oposto a dos agricultores, permitem que sejam abordadas a partir de uma mesma perspectiva. A inserção ou não das sociedades de pescadores no mundo camponês causou muito debate entre os cientistas sociais, sobretudo em situações em que se combina pesca e atividade agrícola.

Dentro desta perspectiva o mar é apenas o meio através do qual as populações “retiram” o seu sustento, sendo considerados camponeses ou assalariados e o território que ocupam é entendido apenas como espaço de moradia. A transposição de categorias cunhadas no contexto rural para a análise das comunidades marítimas causou muitos debates entre antropólogos e sociólogos, principalmente na década de 1970, período de grande influência do pensamento marxista nas ciências sociais.

Entre as décadas de 1960, 1970 e 1980 foram publicados inúmeros trabalhos monográficos que enfocam especificamente as sociedades de pescadores. No Brasil, as pesquisas sobre as sociedades marítimas e insulares desenvolveram-se lentamente até meados da década de 1970. Com algumas contribuições significativas, principalmente dos geógrafos humanos que descreveram muitos aspectos da localização e formas de vida dos pescadores. Os trabalhos eram, em sua maioria, mais descritivos do que propriamente analíticos. Entre as décadas de 1970 e 1980 as pesquisas e trabalhos são bastante numerosos nas ciências sociais brasileira, “destacando-se aqueles que se preocuparam principalmente com o estudo das relações entre as comunidades de pescadores artesanais e a nascente indústria pesqueira” (DIEGUES, 1995, P.10). Os trabalhos de Mourão (2003) *Pescadores do Litoral Sul do Estado de São Paulo* e de Diegues (1983) *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*

apontam justamente para as mudanças ocorridas nas comunidades de pescadores a partir da introdução da lógica industrial, de mercado. É interessante também citar trabalhos de antropólogos como Simone Maldonado (1986) e Luiz Fernando Dias Duarte (1980). Sobre o desenvolvimento destes trabalhos:

As metodologias de análise são muito diferenciadas, mas algumas tendências dominaram a produção científica: a ecologia cultural se concentrou nos estudos da adaptação do homem marítimo a um ambiente muito particular e distinto da terra, enfatizando os aspectos tecnológicos e organizacionais; a ecologia humana enfatiza os aspectos bio-energéticos das populações marítimas em busca de alimentos, e a antropologia neo-marxista enfoca principalmente a penetração das relações capitalistas de produção na pesca artesanal entendida como modo de produção mercantil (DIEGUES, 1995, p. 10).

A ausência de um campo específico, até meados de 1970, deve-se à percepção muito próxima dos cientistas sociais e dos cientistas naturais, vendo os mares como espaços vazios, habitados apenas por não-humanos. Por exemplo: “Desconhece-se que ele é, na verdade, cheio de ‘marcas’, indicadoras de ‘territórios’, estabelecidas por pescadores artesanais dentro do processo tradicional de captura” (DIEGUES, 1995, p. 7). Em decorrência deste pensamento surge uma visão preservacionista “pura”, via mito da natureza intocada, onde qualquer intervenção do homem no mar é interpretada como predatória. O oceano é visto como parte do mundo natural, selvagem e o homem como aquele que age negativamente sobre este espaço intocado.

Os trabalhos antropológicos desenvolvidos no Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas da UFF também se destacam a partir de 1990. Não limitados a descrever as artes da pesca e as formas de reprodução social e econômica dos pescadores, voltam-se para a discussão das estratégias e mecanismos de convivência da reprodução destas atividades com o seu controle por órgãos estatais (LIMA e PEREIRA, 1997).

Em Santa Catarina, UFSC, tem-se uma larga tradição nos estudos sobre a pesca, constituindo-se, como dizem, “uma escola de estudos de comunidades pesqueiras na antropologia de Santa Catarina” (RIAL, 2007). Desde os primeiros estudos de cultura material com Anamaria Beck (1979), passando para os que trataram da pesca na relação com outras temáticas como em Mara Lago (1983) e Carmen Rial (1988), consolidando-se com a publicação do livro “Pesca e Turismo – Etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul”, organizado por Rial e Godio (2006), reunião de textos que através da etnografia de lugares e grupos interpretam às mudanças ocorridas na atividade pesqueira e os conflitos com a indústria, o turismo e até mesmo com os surfistas e, mais recentemente, a ampliação de

pesquisadoras que abordam as questões de gênero na pesca, como Teles (2002), Gerber (2013), Dias (2015) e Sander (2017).

Sobre os estudos antropológicos entre as populações pesqueiras e insulares e seus temas mais gerais destaco apenas dois pontos de discussão, pois possuem relação com o campo etnográfico no qual o trabalho aqui exposto se desenvolve. Descrevo a seguir as discussões em torno da pesca artesanal e o particularismo característico das populações insulares.

O tema da pesca e sua relação com o mercado, com a indústria capitalista gera inúmeras discussões entre os teóricos das ciências sociais. Pode-se dizer que, basicamente, existem duas definições do que seja a pesca artesanal. A primeira interpretação, um tanto quanto idealista, restringe a pesca artesanal àquela realizada tendo em vista suprir as necessidades de consumo familiar. Rispoli (2006) define a pesca artesanal como:

Suele denominarse a esta pesca como ‘artesanal’, aunque la acepción deste concepto tiene connotaciones diferentes según quien la utilicen. Desde un punto de vista analítico, se definiría como pesca artesanal a la que se realiza utilizando simultáneamente diferentes técnicas de pesca, que requiere un nivel mínimo de inversión, con bajos niveles de captura que no está orientada a la industria. Muchas veces, la flota costera debido al carácter en cierto punto ‘manual’ y no industrializado de su forma de producción también es llamada artesanal, pero no hay que olvidar que la producción de esta flota está especialmente orientada al mercado, y que aunque, los niveles de inversión son menores que los de la pesca de altura, no son mínimos (RISPOLI, 2006, p. 2).

Vê-se que aqui a pesca artesanal é definida como aquela que requer um nível mínimo de desenvolvimento tecnológico, com baixos níveis de captura de peixe e não voltada para a indústria. A questão chave dessa definição está na orientação ou não para o mercado. Esta definição não é apenas amparada no determinismo econômico, mas também ou, justamente por isso, idealiza a pesca e o pescador artesanal colocando-os em contextos de não relação. Define-se artesanal aquele tipo de pesca que não é orientada para o mercado, que tem baixos níveis de captura e que se desenvolveu pouco do ponto de vista tecnológico. Meu trabalho contrapõe o conceito desenvolvido acima.

A pesca da tainha em Encantadas não é realizada para a subsistência, mesmo considerando a ictiofagia como um fator de grande relevância para os habitantes, especialmente do período de baixa temporada turística. É estruturalmente uma pesca com

altos níveis de captura e que tem o objetivo de ser comercializada³. É claro que os (as) pescadores (as) utilizam técnicas tradicionais de pesca, no entanto, existe sim uma adaptação às novas tecnologias, especialmente com relação às redes de pesca e ao material utilizado para a comunicação entre os pescadores. A concepção de pesca artesanal apresentada por Rispoli (2006) é idealista, pois compreende os pescadores como vivendo em outro tempo histórico, afastado na sociedade envolvente. Estas características de isolamento, de não relações, estão muito presentes também nas discussões sobre cultura popular no seu viés mais folclorista⁴.

Maldonado (1986) possui uma definição de pesca artesanal mais próxima daquela encontrada na Ilha do Mel:

Cuja pesca se caracteriza pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção – se bem que, atualmente, esses pescadores tenham se modernizado bastante –, produzindo com grupos de trabalho formados por referência de parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os mestres de botes. Esse tipo de pescador tem na pesca a sua principal fonte de renda, e a produção volta-se para o mercado, sem perder contudo o seu caráter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como à comercialização (MALDONADO, 1986, p. 15).

Assim como descrito acima, a pesca da tainha de Encantadas é realizada por um grupo de pescadores e pescadoras que tem como referência os laços de parentesco, onde a divisão do trabalho é dada a partir de uma tradição local, mas isso não impede que tecnologias e rearranjos de afinidades sejam incorporados. As relações com o mercado capitalista não deslegitimam a pesca artesanal, pelo contrário, é através das relações com o mercado que se consegue manter a tradição da pesca da tainha. Godio (2005) apresenta-nos um ótimo exemplo desta questão. Sua pesquisa etnográfica e visual junto aos pescadores de bote a motor na Barra da Lagoa aborda as relações dos pescadores com o mercado e as empresas; o trabalho da pesca em si e, também, as questões de poder e política entre os pescadores e na relação com os outros.

Outro ponto a ser abordado diz respeito ao particularismo característico das populações insulares, ou seja, o que é específico das populações que vivem em Ilhas e como percebe-se estas características entre os habitantes da Ilha do Mel. Apesar dos períodos de relativa calma, representada pela pouca procura turística durante os períodos de maio a setembro, os habitantes não vivem isolados, não são homogêneos e não estão livres de

³ O argumento de que a pesca da tainha apresenta altos níveis de captura é justificado a partir da análise do contexto histórico local. Entre os anos de 2010 e 2011 a pesca da tainha na Ilha do Mel não apresentou altos índices de captura, no entanto, 2015 e 2016 foram anos considerados de altíssimo rendimento.

⁴ Sobre este assunto, ver Segato (1991).

conflitos. A Ilha do Mel não se desenvolve num sistema fechado, vive ao contrário em ritmo alternado segundo as estações do ano e a frequência do turismo. Assim, diferente do que se pressupõe no senso comum, o cotidiano é marcado pelo trânsito de pessoas e mercadorias que vão e vem dos trapiches de Encantadas e Brasília – segunda localidade com maior número de habitantes. A relação com o continente é constante, é diária. Seja pelos barcos de transporte de turistas e ou mercadorias, que mesmo no inverno saem e chegam a cada hora, com gente, notícias, fofocas, recados e tudo mais que possa ser levado ou transmitido do continente (Pontal do Paraná) à ilha. Seja por meio do deslocamento físico constante dos habitantes, através das idas a Paranaguá ou Pontal do Paraná, seja por meio do telefone celular ou também virtual, via acesso à internet⁵.

Isolamento não é portanto uma características de Encantadas, já que fluxos muito intensos durante o verão e menos intensos no inverno demarcam melhor a questão. A grande diferença em relação aos outros, aqueles que vivem no continente, diz respeito ao mar. “*Na Ilha não se pode fugir do mar, não tem pra onde fugir*”, dizem. A vida é baseada em sua relação com o mar. As estações do ano definem o tipo e a intensidade do trabalho. Em cada estação, as marés impõem o tempo que cada tarefa deve ser realizada. Dependendo da estação e da maré se define o tipo de pesca que irá ser realizada ou se coleta mariscos e guaiás. Não existem dúvidas que viver tendo o mar como elemento de diálogo involuntário produz socialidades⁶ sutis, porém profundamente distintas. No decorrer da tese pretendo apresentá-las com maior cuidado.

Para este momento introdutório apenas abordo um conceito nativo, o “*ser nativo*” da Ilha do Mel. Apontei os habitantes de Encantadas, agora é necessário diferenciá-los. O maior marco de diferenciação entre os habitantes é expresso pela categoria “*nativo*”. Nativo é aquele morador que nasceu na Ilha do Mel, sendo filho ou neto de três das famílias⁷ consideradas fundadoras da vila de Encantadas. Mais recentemente, os descendentes destas famílias que nasceram em hospitais da cidade de Paranaguá. Rial (1988) aponta características próximas ao discutir o espaço social na lagoa da Conceição, onde a construção da identificação passa pela

⁵ Tanto em Encantadas quanto em Brasília existem vários pontos de acesso à internet, além da internet proveniente da telefonia móvel. Os pontos de internet existentes nas pousadas estão mais relacionados às demandas do turismo. Enquanto que as *Lan Houses* são pontos de acesso mais ligados aos moradores da Ilha, especialmente aos jovens.

⁶ Em meio às críticas aos grandes divisores, opto por recusar concepções essencialistas de sociedade como agência transcendente aos indivíduos e produtoras de sociabilidades. A socialidade aqui é compreendida como aquilo que produz o social, na concretude. Segundo Viveiros de Castro, “À sociedade como ordem (instintiva ou institucional) dotada de uma objetividade de coisa, preferem-se noções como socialidade, que exprimiriam melhor o processo intersubjetivamente constituído da vida social”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 313).

⁷ Esta discussão será desenvolvida no Capítulo 1.

oposição ao outro que não é nascido da Ilha, por aquele que veio de fora. Assim, uma das categorias mais utilizadas para reconhecimento, afirmação ou pertencimento entre os pescadores é o de *nativo*. Ela é usada especialmente para distinguir os habitantes entre *nativos* e os “*de fora*”, ou seja, pessoas que vieram do continente e compraram casas e terrenos da Ilha, estabelecendo-se como comerciantes ou donos de pousadas. Utilizam esta nomenclatura, principalmente, quando desejam fazer uma distinção entre aqueles que estão há gerações morando na Ilha e aqueles que compraram propriedades num período mais recente. De maneira geral, são considerados “de fora” todos os não nativos. Mas de um ponto de vista interno aos habitantes existe outra distinção, “*o pessoal das pousadas*”. O “*pessoal das pousadas*” não são nativos, mas vivem na ilha e compartilham há muito do cotidiano insular. Possuem pousadas ou outros estabelecimentos comerciais, foram criados na localidade, frequentam assiduamente a ilha. Ou seja, são aquelas pessoas que partilham o cotidiano local e, acima de tudo, compreendem os códigos locais. Existe, com certeza, um sentimento de pertencer a um lugar, expresso através do ser “nativo”, mas este é apenas um dos inúmeros fatores de identificação de pertencimento dos moradores da Ilha.

O artesanal como parte da economia global (economia das emoções) e as identidades compreendidas a partir de múltiplas relações são temáticas com as quais mantenho diálogo em alguns momentos do texto. No entanto, existe um esforço em pensar estas questões a partir de perspectivas distintas daquelas da antropologia econômica e dos estudos de comunidade.

Pois vejamos. Nos estudos sobre as comunidades pesqueiras do Brasil existe uma tendência que privilegia o ponto de vista masculino, ou seja, o ponto de vista do homem pescador. Motta-Maués (1999) afirma que, até a década de 1980, a produção científica sobre pesca no Brasil referia-se a uma atividade vivenciada pelos homens, propondo-se a refletir sobre a não presença da mulher nestes espaços.

Dessa busca que empreendi obtive como resultado a constatação de que, salvo engano, que deve ser aqui debitado à não possibilidade de um levantamento exaustivo dos trabalhos (coisa que, aliás, fiquei motivada a fazer), a questão da mulher e das relações de gênero, com raríssimas exceções, não tem sido contemplada como tema de estudo na produção acadêmica brasileira na forma aqui considerada, qual seja, dissertações e teses desenvolvidas em comunidades pesqueiras. Neste sentido, o significado dessa ‘exclusão’ da mulher como tema de ‘estudo’ em sociedades ditas ‘pesqueiras’ deve ser algo ‘bom para pensar’ no contexto da discussão sobre a ‘invisibilização’ da mulher que mencionei antes (MOTTA-MAUÉS, 1999, p. 380-381).

Sobre a invisibilização da mulher nos estudos de pesca, Woortmann aponta que existe um movimento por parte dos (as) pesquisadores (as) de assumir o discurso nativo masculino. Assim, “o discurso do pesquisador replica o discurso público do grupo estudado, cuja

identidade se constrói sobre uma atividade – a pesca – concebida como masculina, e deixa de lado o discurso privado” (WOORTMANN, 1991, p. 2). Parece haver pouca preocupação com a descrição das atividades das mulheres, mesmo quando estas são fundamentais para a compreensão das vivências como um todo.

De forma geral, as pesquisas acabam por adotar uma postura clássica, onde o mar é relacionado ao domínio do homem, em oposição a terra, domínio da mulher. No entanto, Alencar (1991) em *Companheiras, pescadeiras e perigosas: a pesca feminina na Ilha dos Lençóis-MA* já relativizava este modelo ao discutir as mulheres na pesca, demonstrando como o trabalho das mulheres é multidirecionado, ao contrário dos homens, geralmente centrado em uma ou duas atividades principais.

A prática e as reflexões teóricas sobre os sistemas de pesca, associadas historicamente aos homens, ganham novos contornos a partir de 1979, quando as mulheres adquirem o direito ao registro da pesca. A visibilidade legal das mulheres pescadoras incide de forma bastante específica nas inúmeras comunidades de pescadores. Através de diferentes perspectivas, os artigos desta coletânea apresentam como as problemáticas legais e as relações de gênero vêm sendo vivenciadas.

As pesquisadoras da Universidade do Pará, Maria Cristina Maneschy, Deis Siqueira e Maria Luzia Miranda Álvares publicaram na Revista Estudos Feministas em 2012 um artigo compilando o histórico das mulheres na atividade pesqueira. Muito interessante o destaque para as contribuições nacionais e a preocupação em dar visibilidade à contribuição das mulheres. (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012, p. 715-716).

A segunda parte do livro *Gênero e Trabalho. Diversidades e Experiências em Educação e Comunidades Tradicionais*, organizado por Leitão & Santana Cruz (2012), reúne uma série de pesquisas dedicadas aos grupos que tem sido nomeados como tradicionais, enfocando especialmente às comunidades quilombolas e aquelas que possuem a pesca e a relação com as águas como eixo aglutinador.

O engajamento dos pesquisadores aqui apresentados é visível. Caráter que outrora foi considerado negativo dentro do campo acadêmico, não sendo vistos nem como pesquisadores, nem como militantes. Embora já tenha sido demonstrado por diversos autores que este dilema apresenta-se como uma não questão, a superação deste mostrar-se de forma clara através da análise da alteridade como um processo constitutivo dentro e fora da academia. Assim, percebo que embora as experiências deste tipo sejam iniciais e ainda em construção, representam um avanço de pluralização na constituição de objetos de pesquisa e renovação teórica do feminismo e da antropologia.

Para além dos elogios individuais que cada um dos trabalhos apresentados merecem, o que impulsiona a leitura é a valorização das experiências de pessoas, particularmente de mulheres pescadoras, que historicamente tem sido desconsideradas/os do exercício pleno de cidadania. Os relatos e as histórias descritas apontam lacunas teóricas e preocupações antes consideradas extra acadêmicas. Aqueles que estudam relações de gênero deverão de concordar com uma das máximas do feminismo, o pessoal é político. E a política é um dos eixos que constituem gênero, portanto, objeto de nossos estudos. Compreendo que considerar a complexidade que tem feito das mulheres, ao menos nos casos aqui apresentados, alvos preferenciais de posições hierárquicas inferiores, não significa abraçar os pressupostos universalistas mais abstratos que tornam o ser humano genérico e universal. Pelo contrário, Strathern (2014) já apontou que as diferenças são produtos das relações. Não haverá diferença se não mantivermos as relações produtoras de diferenças. A simetria pode ser um princípio epistemológico, mas não é possível transformar essa simetria em simetria ética. Talvez o esforço deva seguir o caminho de um relativismo que situe o respeito às diferenças no campo político.

Pois através do gênero, se produz uma falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino etc. “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, como defende Butler (2010, p. 25), e “[...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.”. E, com isso, todos os discursos e práticas que levam à manutenção da ordem compulsória. A repetição de atos, gestos e signos reforça a construção dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente. Trata-se, portanto, de uma questão de *performatividade*. Para Butler, gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados (PISCITELLI, 2002). Gênero só pode denotar uma unidade de experiências relacionais performatizadas.

Compreendendo este contexto de invisibilidade ou mesmo negação das mulheres, meu trabalho busca valorar a mulher pescadora da localidade de Encantadas não pelo seu protagonismo ao supostamente assumir posições ditas dos homens pescadores, mas pelo que lhes é próprio, específico, como mulheres pescadoras e mulheres de pescadores. No plano teórico, questiono a ênfase dada nas pesquisas de gênero sobre o papel de protagonistas das mulheres pescadoras, pois este contexto é apresentado, em geral, como substituição de homens por mulheres. O conceito de protagonismo insere-se dentro de uma estrutura

dicotômica violenta, ou seja, a transformação daquele que não sou eu em, necessariamente, um antagonista. Isto se opõe radicalmente a leitura de desconstrução que Meneses (2013) faz da obra de Jacques Derrida. A desconstrução é diferente da destruição, não sendo necessário transformar o outro negativamente. Desconstruir-se é deslocar-se de “verdades violentas” para abrirem-se outras possibilidades de verdades. É colocar-se enquanto sujeito, aquele que age sobre o mundo a partir de um ponto de vista. O protagonista é aquele que encena um papel no mundo, construindo metanarrativas de si como estratégia política. Chamo provisoriamente esta ênfase no protagonismo de complementariedade negativa, pois, em contextos heteronormativos, a mulher pescadora parece só adquirir valor quando seu trabalho ou seus conhecimentos são comparados e ou igualados aos dos homens.

Entre todas as questões apontadas acima situo meu trabalho. A proposta, portanto, de etnografar as perspectivas das mulheres a respeito das relações de gênero, ambiente e técnicas busca compreender como estas se constituem e são acionadas no contexto do *lanço* da tainha em Encantadas. Com isso pretende-se contribuir para o fortalecimento do campo de estudos da pesca e de gênero.

1.2 TRABALHO DE CAMPO E ESCRITA

“A difícil relação entre o feminismo e a antropologia é vivenciada de forma dramática nas tensões experimentadas por quem se dedica a prática da antropologia feminista. Estas pessoas estão capturadas entre as estruturas: o(a) estudioso(a) se confronta com duas maneiras distintas para se relacionar com seus objetos de pesquisa. A tensão deve ter continuidade; não pode haver nenhum alívio em substituir uma pela outra”.

(Strathern, 2009, p. 96).

Ao escrever este tópico só consigo pensar: que trabalho ingrato este? E as cores? E as formas? E os sentidos? Considero este meu maior desafio: a tarefa de conseguir traduzir em palavras a experiência do trabalho de campo, pois a ideia de trabalho, mesmo pensando na sua dimensão de experiência sensível, me soa como limitadora do que gostaria de expressar ao falar sobre o meu convívio com as pessoas de Encantadas.

Esta tese começou a ser elaborada a partir de um trabalho mais amplo de pesquisa realizado sob contratação do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) cujo objetivo foi a realização da quarta etapa do Inventário Nacional de Referências Culturais⁸

⁸ Promovido por meio do *Programa Nacional do Patrimônio Imaterial*, instituído pelo Ministério da Cultura sob o Decreto nº 3.551/2000, que instaura o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, o Inventário

(INRC) do município de Paranaguá – PR, responsabilidade da 10.^a Superintendência Regional. Entre os anos de 2007 e 2009 o INRC\Paranaguá –PR identificou e documentou vários bens de cultura imaterial. No ano de 2010, o IPHAN deu continuidade ao processo de Identificação e Documentação, desta vez reduzindo o campo de análise e focando em um tema e espaço específico, a saber: o universo caiçara e sua relação com o mar através do sistema de pesca. O local selecionado para a realização da pesquisa de campo foi a Praia do Miguel, localidade encontrada na Vila das Encantadas, na Ilha do Mel. Assim, devo dizer que esta tese é um projeto de discussão sobre a temática de gênero na pesca da tainha da Ilha do Mel iniciado como resultado de um projeto coletivo de pesquisa, visto que a aplicação do Inventário *O universo caiçara e sua relação com o mar através do sistema de pesca* foi realizado por quatro pesquisadores⁹.

Assim, entre os anos de 2010 e 2011 entrei em contato com os pescadores e pescadoras de Encantadas. A estadia na Ilha durou em torno de três meses não consecutivos. Nós pesquisadoras, revezávamo-nos para acompanhar a pesca. Já neste momento, ficou claro para mim que era impossível descrever a pesca da tainha de Encantadas sem dar destaque às mulheres pescadoras. Não existia uma temática discutida sem a presença, a fala ou a referência às mulheres pescadoras. Assim, elaborei um projeto de pesquisa e ingressei no PPGAS-UFSC no ano de 2013.

Entre os anos de 2013 e 2014 mantive contato com os pescadores e pescadoras de maneira bem esparsa. Fiz cerca de três visitas à Ilha, que duraram, no total, cerca de três semanas. Neste período estive imersa no cumprimento das disciplinas e atividades específicas do doutorado. Assim, só retornei com fôlego ao campo no ano de 2015.

A volta, em 2015, foi marcante. Vivi três meses na vila de Encantadas, acompanhando todo o período da pesca da tainha. Do início de maio ao final de julho, das primeiras reuniões e conversas preparatórias até os momentos finais de desmonte do acampamento de pesca e avaliações da mesma. Aqui pude realmente conhecer as pessoas, ganhar intimidade e confiança. Até então, eu era vista como a moça do IPHAN, a moça que tirava fotos ou a moça do livro¹⁰. De um modo geral, essas visões ainda permanecem no imaginário de meus interlocutores, creio ter conseguido me afastar apenas na imagem de representante do IPHAN.

Nacional de Referências Culturais (INRC) é uma metodologia de pesquisa desenvolvida sob a supervisão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

⁹ A equipe de pesquisa foi composta por Patrícia Martins (Antropóloga coordenadora do Projeto), Simone Frigo (Antropóloga), Janaína Moscal (Antropóloga) e Otávio Zucon (Historiador). Aproveitamos a oportunidade para agradecer a Janaína Moscal pela generosidade e incentivo, este texto é resultado de reflexões coletivas.

¹⁰ Em decorrência desta consultoria o IPHAN lançou um livro sobre a pesca da Tainha de Encantadas.

O que confesso foi meu maior empenho, visto todas as dificuldades que os habitantes têm em relação a qualquer representante do Estado. O livro da pesca se tornou um orgulho para eles e para mim também, portanto, não existiu necessidade de afastar essa imagem. Quanto à fotografia, ela é fundamental para minha inserção em campo. Sou uma fotógrafa amadora. Tenho uma câmera de relativa qualidade, cuja utilização é completamente intuitiva. No entanto, as fotografias, os registros que fui fazendo, tomaram grande dimensão durante todo o meu trabalho de campo. Parece lógico que o resultado visual de meu trabalho chame mais atenção dos interlocutores que o trabalho escrito, visto que, pescadores e pescadoras possuem maior afinidade com esta mídia. As fotografias, além de potencializar meu diálogo, possibilitando que eu “penetrasse na festa sem invadir” (Rial 1998), também se mostraram importantes no processo de elaboração deste texto.

Guiada inicialmente pela sensibilidade, afeto pelo lugar e pelas pessoas, ou seja, experimentando uma apreensão do sensível corporal direto, avanço para uma compreensão do que Boas¹¹ chamaria de “percepções alternantes”. Marcado por tempo distintos¹², no tempo da pesca as relações dos pescadores (as) com o ambiente mudam. Parafraseando Ingold, “Não que percebem coisas diferentes, mas o inverno permite perceber as mesmas coisas de maneira diferente” (INGOLD, 2015, p. 199).

Se a percepção¹³ é um modo de engajamento no mundo, e não um meio de construí-lo, opto por apresentar os habitantes (humanos e não humanos), o ambiente e as técnicas descentralizando as pessoas nas fotografias, lógica de um padrão mais clássico da antropologia. As imagens constituíram-se através dos caminhos seguidos por mim. Os caminhos, nem tão diversos que percorri em minhas andanças conduziram-me a trilhas compartilhadas por mim e pelos habitantes de Encantadas.

Compreendo as fotos apresentadas na tese como uma espécie de nó, resultado da vinculação de várias vidas¹⁴. Nas palavras de Ingold, “onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó” (INGOLD, 2015, p. 219). Aqui, como fotógrafa experimental, entrelaço as trilhas de conhecimento de uma antropóloga e dos habitantes de Encantadas, especialmente das mulheres pescadoras. A perspectiva fotográfica não foi construída a priori, pelo contrário, só

¹¹ Referimo-nos ao texto *Sobre sons alternantes* (BOAS, 2004).

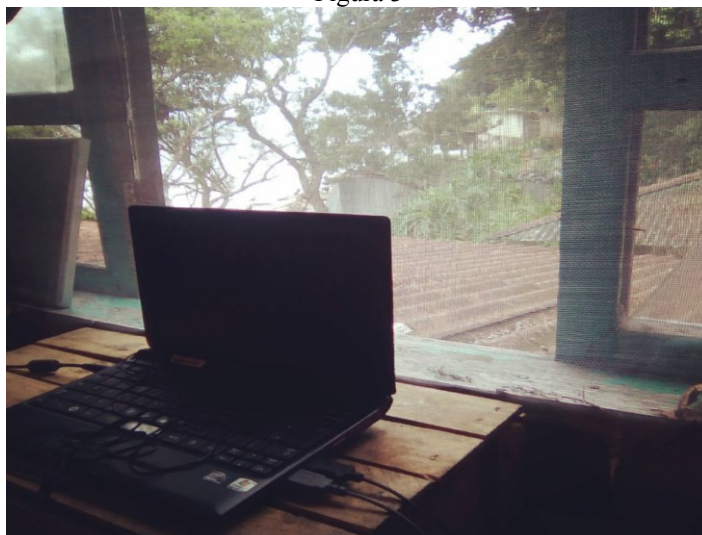
¹² As temporalidades distintas, o tempo da pesca e o tempo do turismo são trabalhados no Capítulo 2.

¹³ Sobre a temática da percepção, ver Ingold (2000).

¹⁴ Com inspiração em Heidegger, Ingold (2000) identifica a vida como sentido fundamental da habitação. Entendendo que não há ocupação de um mundo já construído, mas sim o próprio processo de habitar a terra.

me dei conta que as fotos seguem o olhar das mulheres na fase final do trabalho. Propositamente, as fotografias não possuem legendas. Como experimento, convido-os “a fazer pensar”¹⁵ as ideias lançadas no texto através do roteiro fotográfico proposto.

Figura 3



Fonte: Simone Frigo (2016).

Passado esta etapa de campo do “inverno”, voltei em todos os feriados prolongados do ano de 2015. Passei o ano novo, parte de janeiro e o carnaval de 2016 na Ilha do Mel, trabalhando de garçom em um dos quiosques de uma das famílias de pescadores. Aqui, totalizei três meses de trabalho de campo não contínuos. Esses momentos de veraneio, do trabalho com o turismo, são importantes nos contrapontos que pretendo realizar nesta tese.

Entre maio e junho de 2016, permaneci estes dois meses em campo. Fechando meu ciclo prolongado de estadia na ilha. Este período de maior intimidade e já bem habituada à localidade foi fundamental para minha compreensão das dinâmicas locais, onde testei hipóteses e pude acompanhar também processos de mudança.

Importante ter em mente que as interações entre pescadores(as) e diferentes mediadores – como donos de pousadas, integrantes de Organizações Não Governamentais (ONGs), turistas e pesquisadores(as) – são balizadas por interesses diversos e que, de alguma forma, interferem na realização do campo, pois este jamais se restringiu ao acampamento de pesca multi situando o trabalho etnográfico (MARCUS, 1991). A construção da etnografia busca obedecer a um padrão de pesquisa que englobe, além da pesquisa de campo com

¹⁵ Samain (2014) aponta os dois imperativos próprios à antropologia visual, o “olhar antropológico” e o “olhar fotográfico”. A conjugação do saber pensar e aprender a ver destacam a disciplina, pois “fazem pensar em imagens”.

permanência prolongada, entre outras ações, atividades como levantamento do espaço e pessoas envolvidas com a pesca da tainha; levantamento bibliográfico; participação nas atividades cotidianas do grupo de pescadores que não envolvem necessariamente a pesca, eventos familiares, festas; também entrevistas com interlocutoras envolvidas com a temática da pesquisa.

É claro que o objetivo desta tese é apresentar a dimensão prática do vivido, dos afetos e dos conflitos. Mas me questiono. Como qualificar a exposição ao frio e ao vento durante a retirada da rede de pesca? 5, 8, 10, 12 graus de mar gelado e os jovens pescadores adentram o mar com a água no peito. Eles precisam segurar o calão da rede e garantir que as tainhas não saiam por baixo ou por cima da rede. Alegro-me por ser mulher e estar com a água apenas até o joelho? No momento, não tive dúvidas. Alegrei-me. Mas, como me resenti com as inúmeras negativas que recebi ao querer realizar “tarefas de homem”.

Como descrever o cheiro que fica na praia após a retirada dos peixes da rede? E a fumaça do fogão a lenha? Impregnada no corpo, arde os olhos e seca a tainha, produzindo, através de um processo elaborado, o peixe defumado.

Como falar de forma mais racional possível sobre minha angústia e posterior mágoa quando me vi empurrada para um dos lados de um conflito entre duas famílias pesqueiras? E aqui confesso. Primeiro chorei. Depois, convivi com o isolamento da parte que me afastou. E por fim, lutei para readquirir a confiança destes que me afastaram. Lutei naquele momento não pela pesquisa em si. Busquei reaproximação por afeto, pelo meu querer bem a estas pessoas. Depois, e só depois, pensei nas possíveis repercussões disto para meu trabalho de campo. Portanto assumo que este texto é também um encontro comigo mesma (Grossi, 1992).

Quero dizer com isso que minhas emoções muitas vezes guiaram meus caminhos. E agora, no texto, busco transcrevê-las em diálogo com as falas, causos e experiências que me foram passadas em interlocução com pescadores e pescadoras.

Escrevo, pois assim se materializa meu ofício. Escrevo como tentativa. Escrevo na esperança de que ao menos um pouco de minha experiência possa ser lida neste texto. Mas sei, assim como os pescadores e pescadoras sabem, que o não dito é tão revelador quanto à palavra¹⁶.

1.3 ESTRUTURAÇÃO DA TESE

¹⁶ Pretendo ao longo do texto deixar claro todos os processos de negociação que envolvem a escrita desta tese.

No primeiro capítulo, abordo o contexto da vila de Encantadas, principalmente sua temporalidade ligada à pesca em oposição ao turismo e as consequentes ocupações distintas do espaço. Apresento a praia do Miguel (local de pesca) e as dinâmicas familiares de circulação neste local.

O segundo capítulo relacionará técnica de pesca, prestígio e fofoca. Descrevo um *lanço* (técnica de pesca) e a partir de um evento específico – uma comboada (técnica de pesca noturna) de sucesso – falo de técnica, prestígio e falação como importantes elementos na construção de pescadores e pescadoras. Apresento como a construção das pessoas (homens e mulheres) influi diretamente nas técnicas e aprendizados da pesca. Formando, assim, a fama de pescadores e pescadoras.

Aprofundo, a partir da perspectiva das mulheres, as discussões sobre ambiente apresentadas no capítulo anterior neste momento (capítulo 3). A identificação visual dos cardumes de peixes é uma das características marcantes na pesca. Esta técnica é parte constitutiva do saber-fazer pescar tanto de homens como mulheres. O rico desenvolvimento de observação, visualização das pescadoras de Encantadas aponta para a abertura de diferentes percepções sobre o ambiente (Ingold, 2000) da pesca, técnicas corporais aprendidas através da performance.

No último capítulo trato de gênero, parentesco e sexo. Proponho entremear meus registros do diário de campo apresentando algumas piadas, brincadeiras e “causos” abordando os temas sexuais e as relações de gênero. Arrisco dizer que a dinâmica das piadas, brincadeiras e “causos” é constituinte da socialidade cotidiana destes(as) pescadores (as).

No Epílogo, fase final do texto, apresento uma discussão mais geral sobre as ideias aqui desenvolvidas demonstrando que as percepções de gênero locais, mesmo enquadradas na dita heteronormatividade compulsória, estão muito distantes das concepções institucionais e do poder público. O acesso das pescadoras aos direitos trabalhistas e previdenciários não são contemplados.

2 QUANDO AS TAINHAS CHEGAM À ILHA: TEMPO, HABITAR E DINÂMICAS FAMILIARES

Figura 4



Fonte: Simone Frigo (2016).

Três pescadores encontraram uma garrafa à deriva no mar. Dentro da garrafa havia um papel e no papel estas palavras:

“Socorro! Estou aqui. O oceano arrastou-me para uma ilha deserta. Estou à beira mar e espero ajuda. Venham depressa. Estou aqui!”

- Não tem data. Já deve ser demasiado tarde. A garrafa pode estar a flutuar há muito tempo, disse o primeiro pescador.

- E o lugar não está indicado. Nem sequer se sabe qual é o oceano, disse o segundo pescador.

- Nem demasiado tarde nem demasiado longe. A ilha “Aqui” está em toda a parte, disse o terceiro pescador.

O ambiente ficou incómodo, tombou o silêncio.

As verdades têm este problema.

(Wisława Szymborska)

O tempo escasso. Ele passa rápido demais, acelera o pulso, faz não dormir, dá olheiras, cansaço, tristeza ou alegria. Passa rápido, pois a correria de atender milhares de turistas não cessa até a pascoa. Mas também passa extremamente ligeiro durante a pesca da tainha. Piscou? A tainha foi embora. Alguém se separou e outro casou. Distraiu-se passou o dia, o mês, os meses e já estão em setembro novamente. A pesca já acabou?

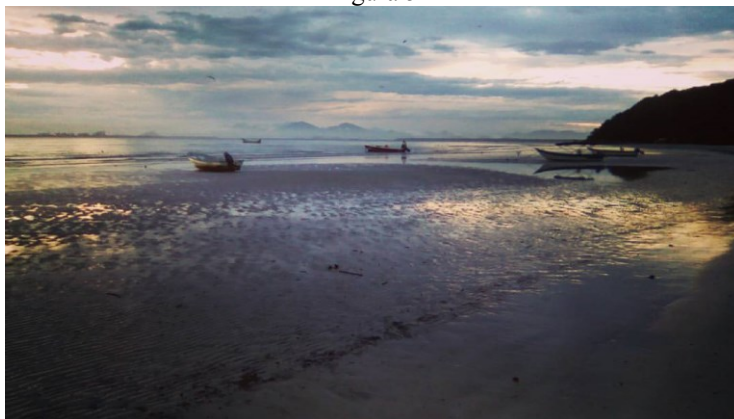
O tempo abundante. Ele passa lento demais, relaxado demais, dormindo demais, dá olheiras, cansa, deixa triste ou alegre. Atender milhares de turistas é um tempo que nunca acaba, se arrasta. “*Não vejo a hora de chegar a pascoa e a gente ir tirar férias no Miguel*”, dizem. “*Chegou a pesca e essa tainha que não vem? Que demora!*” Dias e dias de espera. Os meses de inverno se arrastam com chuva, frio e vento. Parece que o sete de setembro não chega nunca!

O tempo que restringe a vida, o tempo que a expande.

Neste primeiro capítulo abordo o contexto da vila de Encantadas, principalmente sua temporalidade ligada à pesca em oposição ao turismo. Ao dividirem o ano em dois tempos, turismo e pesca, não apontam apenas para uma divisão dualista de suas atividades de trabalho, mas expressam através das palavras duas formas de organização da socialidade local. No tempo da pesca a vida se expande, pois o habitar dos (as) pescadores (as) avança para a praia do Miguel que, além de local de pesca, é também local de memória, local de experimentos, local de encontros, enfim, um local de expansão da vida dos habitantes de Encantadas. O habitar, as famílias pescadoras e suas dinâmicas fecham o capítulo.

2.1 NOSSAS FÉRIAS: TEMPO DA PESCA E TEMPO DO TURISMO

Figura 5



Fonte: Simone Frigo (2015).

O verão acabou na Ilha do Mel. E com ele finda-se a enxurrada de turistas que frequentaram aquele que é tido por muitos como o lugar mais belo do litoral paranaense, cercado por belas praias (algumas desertas) e recheado de mata atlântica. A ocupação humana da Ilha cai de milhares para algumas centenas de pessoas, como dizem: “*No verão é fácil, quero ver passar o inverno aqui*”. De forma geral, habitar¹⁷ a ilha no inverno é um ritual de passagem muito importante para os ilhéus. O frio, a chuva, as restrições financeiras, as intensas convivências, enfim, o inverno é visto como uma prova para os que se encantaram no verão e agora querem permanecer na Ilha. Aqueles que ficam, são poucos, recebem consideração especial por parte dos (as) pescadores (as). Sob esta aparente calma no mar de movimentações humanas, o inverno se aproxima e com ele o tempo da pesca. Aos poucos os *nativos* da Ilha do Mel retomam suas atividades pesqueiras em detrimento das turísticas. Dentre estas práticas está o “*lanço da tainha*”, atividade relacionada à pesca mais significativa da região.

O trabalho de campo de longa duração permitiu-me viver na Ilha para compreender os tempos dos quais se referem: o tempo do turismo e o tempo da pesca, com suas famosas férias cheias de trabalho voltado para a pesca. Ao dividirem o ano em dois tempos, turismo e pesca, não apontam apenas para uma divisão dualista de suas atividades de trabalho, mas expressam através das palavras duas formas de organização da socialidade local. Isso não significa que, na prática, não exista turismo em tempo de pesca e muita pesca em tempos de turismo, mas falo de intensidade e do tipo de relações que se estabelecem. Essas características me remeteram ao trabalho de Mauss (1974), *Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades Esquimó*, ao demonstrar que as formas de organização Esquimó não é a mesma conforme mudam as estações, mudam também a maneira de se agrupar, a extensão e forma de suas casas, os regimes morais e jurídicos. A concentração no inverno e a dispersão no verão, as possibilidades de exploração do ambiente, as construções exclusivas do inverno, enfim, o contexto de Encantadas tem alguns traços semelhantes àqueles descritos por Mauss. Em Encantadas também existem dois tempos onde cada um deles é marcado por formas de trabalho, técnicas, ocupação do ambiente, relações de sociabilidade, de afetos e de parentesco distintas. Para melhor visualização, proponho o seguinte esquema:

¹⁷ “Trata-se, literalmente, de iniciar um movimento ao longo de um caminho de vida. O percebido-produtor é, portanto, um caminhante, e o modo de produção é ele mesmo uma trilha traçada ou um caminho seguido. Ao longo desses caminhos, vidas são vividas, habilidades desenvolvidas, observações feitas e entendimentos crescem... Meu argumento é que a caminhada é o modo fundamental como os seres vivos habitam a terra” (INGOLD, 2015, p. 38).

Quadro 1 - Tempos e Épocas do Ano

Tempo	Tempo do Turismo	Tempo da Pesca
Épocas do Ano	Feriado de Sete de Setembro até a Páscoa	Após a Páscoa até Feriado de Sete de Setembro

Fonte: Elaborado pela autora.

Na década de 1920, a Ilha do Mel já era considerada o primeiro recanto turístico do Estado do Paraná, contando, inclusive, com a instalação de um hotel. Essa primeira fase do turismo – liderada pela presença de imigrantes europeus, sobretudo alemães – começa a entrar em decadência com a construção da rodovia que liga Curitiba aos balneários continentais paranaenses, em 1926. A construção dessa rodovia tornava o acesso mais rápido às praias, facilitando a chegada dos turistas a esses destinos, até então pouco explorados (PARANÁ, 1996a, p. 25). Os relatos dos (as) pescadores (as) apontam esse período de 1920 como marco das primeiras incursões de pesca visando à habitação da Ilha. Lá não moravam. Moravam em Ilhas ou praias próximas. E segundo relatos, neste período começam a transferir suas residências em definitivo para a Ilha do Mel. Pouco mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, a Ilha passou a representar um local estratégico de defesa do patrimônio nacional, sendo considerada uma “Zona de Guerra”. Assim, muitas casas foram desapropriadas para abrigar os soldados que faziam plantão no local (PARANÁ, 1996b, v. 2, p. 62). Creio, pelos relatos, que as casas desapropriadas foram justamente as de veraneio da elite curitibana. Não registrei nenhuma menção de conflito ou desapropriação entre os pescadores (as) neste período.

Terminada a guerra, o turismo praticamente desapareceu e a Ilha perdeu sua importância como rota de lazer. Algumas famílias continuaram a frequentá-la, porém o movimento não era o mesmo de antes da guerra (PARANÁ, 1996b, v. 2, p. 62). O ressurgimento do turismo se mostrou significativo somente na década de 1970, quando o local passou a ser apreciado por muitos jovens, o que o caracterizou como um espaço que acolhia integrantes da “*geração hippie*”.

Algumas pessoas que hoje estão estabelecidas na Ilha conheceram o local naquela época. Para Schena (2004), esse fenômeno teve impulso com o ambientalismo, que ganhou destaque como movimento de contestação na época, embora pautado em uma estratégia ingênua de “*volta ao campo*”, que era de certa forma, teatralizada com as viagens para locais naturais e isolados, como a Ilha do Mel. Se o visitante da década de 1970 apreciava acampar da maneira mais “*rústica*” e improvisada possível, na década de 1980 inicia-se um turismo

mais dependente de certos confortos. Para Jhoni, filho de Luciane dos Santos e Vitor Valentim, “*os turistas de antigamente preferiam acampar no terreno dos nativos, comer da comida deles, ir pro mar junto com eles; hoje preferem ficar nas pousada*”. Nesse contexto ainda, Clodo, também reflete sobre os processos de transformações do turismo na Ilha. Atualmente, ele mantém, junto com seus irmãos, uma pequena pousada e um *camping* na praia de Encantadas. Tendo observado de perto as transformações do turismo local, explica:

Lá no Miguel (praia local) a gente já tinha casa pra alugar [...]. Era barraco de sapé, ia muito turista pra lá, muita gente que vem hoje aqui era nosso conhecido da época de lá. O turista ia andando lá do Belo até o Miguel pra ficar em nosso quintal, que não tinha essa estrutura, com banheiro [...]. Não tinha chuveiro, nada. A Ilha começou assim, com o turista que vinha, trazia um monte de enlatado, pra não levar peso deixava com as famílias; às vezes nem cobravam, não é que nem hoje [...]. Davam umas três latas de sardinha, uma de feijoada, já trocavam e ficavam na casa do pescador. O turismo começou aqui em Encantadas, não tinha cobrança, era uma troca (IPHAN, 2012, p. 33).

Questionado sobre as transformações, Clodo afirma que estas se iniciam na década de 1980:

Quando veio a energia elétrica [...] trouxe muito benefício, mas também coisas ruins. Antes da energia o turista vinha do mesmo jeito, lá no Miguel lotava de gente, era um *camping*, mas não tinha nem placa, um terreno onde todo mundo acampava. A gente fala que hoje em dia é o turista de mala de rodinha, salto alto, descendo do trapiche. Antigamente, não, o cara tinha que descer com a mala na cabeça, porque metade do corpo dele tava na água, não tinha trapiche, né? Agora, entra e sai da Ilha sem molhar o pé (IPHAN, 2012, p. 33).

Esse novo padrão turístico se intensificou principalmente depois da implantação das Unidades de Conservação e da instalação da energia elétrica. A década de 1980 foi um importante marco divisor da relação estabelecida entre os nativos e o continente. A organização regular do transporte marítimo entre a Ilha do Mel e Pontal do Sul e a instalação da energia elétrica representaram uma intensificação do fluxo de turistas na Ilha. Assim, o Estado, através dos serviços públicos prestados, começa a interferir mais fortemente na vida cotidiana dos moradores. Os nativos passaram a conviver mais de perto com a dinâmica social trazida por essa atividade. Segundo Tomaz (1997), existiu uma relação entre o crescente turismo e a criação das áreas de preservação ambiental:

Com a aceleração do turismo e a consequente expansão terrestre, o Governo do Estado (através do então Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Paraná e do Batalhão da Polícia Florestal do Paraná) mobilizou-se com o fim de controlar a ocupação desenfreada do espaço, o superpovoamento, o desmatamento etc. Para preservar a vegetação nativa foram implantadas áreas de proteção ambiental (TOMAZ, 1997, p. 21).

A criação de áreas de preservação, parques ou reservas tem sido um dos principais elementos utilizados como estratégia para a “conservação da natureza”. A partir desse processo externo de preocupação com as condições ambientais da Ilha do Mel, foram criadas duas categorias de unidades de conservação, que têm como objetivo a preservação do ambiente natural. De acordo com o Instituto Ambiental do Paraná¹⁸, de todo o território da Ilha, aproximadamente 95% pertence a áreas de preservação ambiental, compostas por ecossistemas de restinga e floresta atlântica. Assim, compõem as áreas de preservação uma estação ecológica e um parque estadual.

As duas unidades de conservação instituídas estão baseadas em um modelo de criação de áreas naturais protegidas que se desenvolveu nos Estados Unidos a partir de meados do século XIX. Esse modelo, baseado no “mito da natureza intocada”, como bem aponta Diegues (2001), está fundamentado na visão do homem como necessariamente destruidor da natureza e constituiu uma das políticas conservacionistas mais utilizadas em países periféricos. A elaboração desse problema população-riqueza (no caso, ambiental) constitui uma das condições de formação da economia política. A população não é concebida como uma coleção de sujeitos de direito, nem como um conjunto de braços destinados ao trabalho, senão como um conjunto de elementos, de seres vivos, como objeto de intervenções articuladas.

A proposta é de criação de “ilhas” de conservação ambiental, onde o homem pode visitar e contemplar a natureza intocada. Parte-se do pressuposto errôneo de que a natureza existe em “estado puro”. No entanto, o que se percebe pela experiência é que justamente as áreas que apresentam maior diversidade e estão mais conservadas são aquelas manipuladas pelas populações tradicionais e grupos indígenas. O “mito da natureza intocada” foi transposto, sem a menor avaliação crítica, para países como o Brasil, onde a situação ambiental e cultural é totalmente distinta daquela dos Estados Unidos. No Brasil, especialmente nos espaços territoriais litorâneos, de mata tropical úmida, vivem populações indígenas, extrativistas e de pescadores artesanais, que sofreram e sofrem com a implantação de parques e reservas que os tiram de seu território ou restringem tanto suas atividades tradicionais a ponto de inviabilizar suas vidas. O poder de cuidar e controlar o território não é mais daqueles que tradicionalmente o fizeram, mas agora está centrado nas mãos de um outro

¹⁸ O Instituto Ambiental do Paraná (IAP) é uma entidade autárquica instituída em 1992, por meio da Lei Estadual nº 10.066, de 27 de julho. É vinculado à Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMA).

que detêm o saber político que controla a população e determina os mecanismos para a regulação de suas vidas.

No caso da Ilha do Mel, a criação das duas categorias de unidade de conservação, o Parque Estadual e a Estação Ecológica, proíbe qualquer tipo de exercício de atividades de extrativismo e caça por parte dos nativos dentro das áreas protegidas. É importante observar que na descrição das duas unidades de conservação não são sequer mencionados os moradores locais. Além disso, as práticas tradicionais de utilização desse território foram simplesmente ignoradas pelos agentes públicos. A Ilha não era desabitada antes da criação das unidades de conservação. Pelo contrário: o território da população caiçara abarcava não apenas as vilas, mas uma grande parte do espaço considerado “íntocado” ou selvagem. Essas áreas foram, em grande parte, bem conservadas justamente pela maneira como os nativos se relacionavam com o território, a forma específica como utilizavam a mata.

Na atualidade, os nativos reclamam da falta de paridade no que diz respeito ao tratamento dado às suas demandas, em oposição aos proprietários dos grandes empreendimentos turísticos realizados na Ilha. Os mecanismos de controle são diversos, com relação à estrutura física de atendimento ao turista, a criação do terminal turístico em Pontal do Sul, construído pelo governo do Estado do Paraná em 2002, representa um marco. Os barcos de travessia possuem horários definidos de chegada e saída, sendo os principais meios de transporte dos moradores da Ilha. Nas imediações desse terminal turístico existem vários estacionamentos particulares, utilizados pelos turistas enquanto permanecem na Ilha. Uma linha de ônibus intermunicipal liga Curitiba até o porto para a Ilha do Mel, em vários horários diários. A Ilha do Mel possui vários *campings*, pousadas, restaurantes e lanchonetes para atender à grande quantidade de turistas, limitada pelo IAP a cinco mil visitantes simultâneos.

A Ilha do Mel é um desses lugares considerados “paradisiacos”, com belas paisagens naturais e um patrimônio material considerável. Como aponta Diegues (1997), essas imagens das ilhas como espaços desabitados ou pouco habitados, como espaços de aventuras ou de turismo ecológico, representam uma visão exótica, portanto, externa à realidade vivida pelos habitantes dessas localidades. Os turistas imaginam os “nativos” como parte da própria paisagem, parte desse mundo exótico, que vivem outra realidade, ou seja, não compartilham as questões e os problemas de quem vive nas cidades. A atração pelos atributos naturais, as praias de água limpa e a vegetação preservada criam uma imagem que remete à alteridade. Uma barreira simbólica, que separa o “mundo do turista” daquele vivido pelos nativos. Esse distanciamento material e simbólico também é alimentado pelos nativos.

É claro que os habitantes valorizam as paisagens e o ambiente. Existe um discurso muito forte que ressalta as belezas das praias e das paisagens naturais, e esse discurso faz parte da realidade concreta dos moradores. No entanto, a Ilha não é vista como necessariamente paradisíaca, mas vivenciada a partir da experiência cotidiana dos nativos com o todo que compõe a vida social, o dia a dia da pesca e o trabalho junto aos turistas. Existem ainda as dificuldades impostas por um território geograficamente limitado, com recursos naturais que não podem ser utilizados na sua integralidade, devido às leis ambientais. Além disso, a vida cotidiana é marcada por serviços de saúde e educação precários. Enfim, apesar da valorização das belezas existentes na Ilha, não existe entre os nativos uma visão romântica sobre ela. As experiências concretas do cotidiano tendem a construir uma interpretação que ressalta as dificuldades. Nas palavras de dona Branca, líder comunitária de Brasília, pode-se sentir como se apreende as transformações de ambiente no cotidiano dos moradores, ela diz: *“é do turismo que tiramos nosso ganha-pão; somos que nem as cigarras, que trabalham no verão para poder sobreviver no inverno”*.

O trabalho com o turismo, vivido quase sempre de forma assimétrica, afinal os prestadores de serviços em nosso país são quase sempre lidos como inferiores, reforça a ideia ambígua que se tem sobre o turista. Ora visto como aproveitador ou desrespeitoso, ora visto como generoso e educado. Essa ambiguidade gera uma tensão latente entre os cônjuges de Encantadas, principalmente entre as mulheres, pois o tempo do turismo também é o “tempo de separar”. Os rearranjos conjugais são comuns entre pescadores (as), principalmente entre os mais jovens. No entanto, o tempo do turismo é marcado por separações. Ouvi e vi muitos casos e brigas conjugais no tempo do turismo. Ouvi de várias mulheres a frase: *“Espera chegar o inverno. Ele vai querer voltar”*. E, realmente, vi muitas reconciliações acontecerem no tempo da pesca.

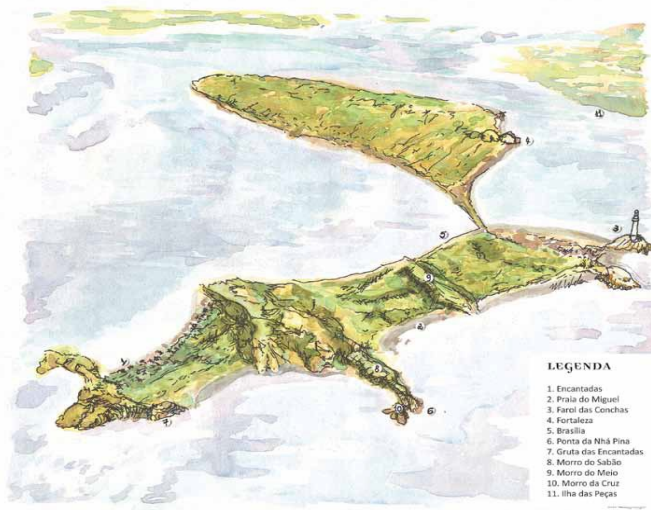
É inegável a existência de uma indústria do turismo na atualidade, mas considerar que o encontro entre visitantes e turistas sempre renderá prejuízos aos habitantes é subestimar sua capacidade de reagir e reorganizar fenômenos aos seus próprios interesses. Os nativos foram desenvolvendo o turismo como atividade econômica, de acordo com seus próprios anseios, passando, muitas vezes, por cima das restrições impostas pelo Estado. Apesar de eles mesmos estabelecerem uma distinção, segundo Jhoni, de Encantadas, *“há turistas e turistas. Tem aqueles que chegam aqui pensando que aqui tudo pode, não respeitam nossa comunidade, mas também tem aquele turista que vem e sabe se divertir sem causar problemas”*.

De fato, atualmente na Ilha a atividade turística é responsável por grande parte do movimento da economia local, além de compor os ritmos da vida cotidiana dos moradores da

região, fazendo, assim, que seja impensável uma Ilha do Mel sem turistas. O turismo, hoje, impõe também sua sazonalidade: determinados pelo afluxo de turistas entre as estações de verão e inverno. Vale ressaltar, ainda, que, dentro das atividades voltadas ao turismo, os “nativos”, em sua grande maioria, exercem funções subalternas, haja vista que os proprietários dos grandes estabelecimentos (pousadas, restaurantes, lojas etc.) são pessoas “de fora”.

Juntamente com a realidade do turismo na região, a transformação destes territórios em Unidades de Conservação faz também com que pensemos na ideologia biologizante que se revestem as políticas ambientais. Caminho permeado por poderes que não se encontram necessariamente nas lógicas locais, mais sim, são o pano de fundo daquilo que Wolf (2003) chamou de poder estrutural¹⁹. Ou seja, um poder que “não funciona somente dentro de cenários ou domínios, mas também organiza e orquestra os próprios cenários e especifica a distribuição de fluxos de energia” (WOLF, 2003, p. 326). Na verdade, trata-se de continuidades e descontinuidades da repartição entre o homem e seu entorno (ambiente). A constituição das unidades de conservação e a intensificação do turismo pode ser pensada a partir de um processo de controle que disciplina os usos do território impondo alterações na dinâmica de vida de seus moradores. Reproduzo abaixo um desenho em aquarela da Ilha do Mel:

Figura 6 - Mapa 2 - Mapa em aquarela da Ilha do Mel



¹⁹ Para Wolf (2003), “[...] há diferentes tipos de poder, cada um deles concernente a um nível distinto de relações sociais: do poder atribuído ao dom da pessoa individual ao poder produzido nas relações interpessoais, do poder tático ou organizacional posto em movimento para dirigir ou limitar a ação de outros ao poder estrutural que influencia os impulsos da sociedade.” (WOLF, 2003, p. 325).

Fonte: IPHAN. Ilustrador: Marcelo Weber (2011).

No tempo do turismo os habitantes, focados na prestação de serviços, restringem muito seu habitat à vila de Encantadas, número 1 da aquarela. A dinâmica exaustiva de trabalho dura de dez a doze horas por dia. No auge do verão, não fazem nenhuma folga semanal; em tempos mais tranquilos, folgam entre segunda e quarta feira. A falta de tempo e o cansaço restringem muito sua mobilidade. Se você não é um barqueiro, proprietários ou empregados que fazem travessias ou passeios turísticos pela Ilha, dificilmente irá percorrer além do ponto sete do mapa. Aqui marcado como a gruta de Encantadas. Acrescento que, logo ao lado, existe um espaço denominado Praça de Alimentação com cinco restaurantes que funcionam durante o dia. À noite, o espaço é usado para festas com música ao vivo ou eletrônica e os restaurantes vendem bebidas e petiscos. Esse é o local de sociabilidade mais frequentado pelos nativos durante o tempo do turismo.

As restrições ambientais não permitem novas ocupações e dificultam muito a construção de novas casas, por isso, em geral, as casas dos (as) pescadores (as) são habitadas por muitos membros da família, de diferentes gerações. Mães, pais, filhos, avós, netos, cunhados, primos etc. O arranjo específico vai ser dado pelo contexto, mas o marco é a família extensa²⁰. Sintetizando, apresento o seguinte esquema:

Quadro 2 - Tempos do Turismo

Tempo	Tempo do Turismo
Habitat	Vila de Encantadas
Família	Extensa
Casa	Pai, Mãe, Filhos, Avós, Netos...
Ambiente	Vila de Encantadas e Mar
Relações Cotidianas	Turistas com intensidade

Fonte: Elaborado pelo autora.

A mobilidade, no ambiente e na vila, restrita pelas inúmeras horas de trabalho e a intensidade forçada das relações cotidianas com turistas e familiares fazem com que os pescadores (as) estejam desejando as “*suas férias*” mesmo antes de começar o carnaval. Realizei trabalho de campo em todas as datas festivas do verão trabalhando como garçomete no quiosque de um casal de pescadores, Sandra e Rafael. Cansei de escutar deles e de outros (as) pescadores (as) que passavam pela praia reclamações sobre o verão, sobre o turismo,

²⁰ Existe grande preocupação sobre os rumos das moradias em Encantadas. A geração mais nova, os jovens de hoje, terão dificuldades de encontrar espaço para habitar com seus cônjuges.

sobre esse tempo que custava a passar. “*Não vejo a hora de ir pro Miguel. Não vejo a hora de tirar férias no Miguel. Não vejo a hora de chegar o tempo da pesca*”, assim me diziam.

2.2 O TEMPO DOS ANTIGOS E A PRAIA DO MIGUEL

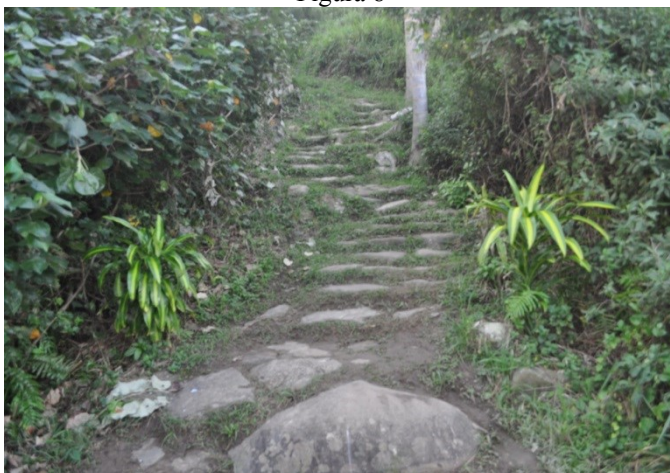
Como já dito, na década de 1980 foram criadas duas áreas de proteção ambiental que restringiu quase que completamente 95% da terra na Ilha do Mel, além de restrições ao mar. A praia do Miguel, local onde a pesca se realiza, é uma destas áreas restritas. A vila de Encantadas fica no “mar de dentro”, à oeste da Ilha do Mel, e a Praia do Miguel no “mar de fora”, porção leste da Ilha. De Encantadas até a praia do Miguel, os habitantes cruzam uma praia deserta (no inverno) e atravessam o Morro do Sabão, levando em carrinhos de mão todos os itens necessários para construir barracos provisórios de lona e permanecer acampados durante pelo menos dois meses. Este trajeto dura em torno de 25 minutos para os mais rápidos e pode demorar até 40 minutos para aqueles com pouca experiência ou preparo físico para subir e descer o morro, que não tem o nome de Morro do Sabão à toa. O trânsito de Encantadas para a praia do Miguel é constante durante a pesca, sendo os homens os principais responsáveis pelo ir e vir. Esses momentos iniciais de preparação do acampamento e dos petrechos são marcados pelo trabalho duro e pelas andanças, mas também de muita alegria. Afinal, “*chegou a hora de ir pro Miguel*”.

Figura 7



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 8



Fonte: Simone Frigo (2016).

Até a década de 1980, existiam casas no Miguel. Registram os (as) pescadores (as) que, antes eram casas de sapê, depois foram substituídas por casas de madeira. Cinco famílias moravam na localidade, muitas das crianças da época são hoje protagonistas da pesca da tainha. No entanto, com a criação das unidades de conservação, os moradores do Miguel foram expulsos para a vila e as casas foram destruídas pelo IAP (Instituto Ambiental do Paraná). Também foram destruídas pelo órgão ambiental todas as plantações (mandioca, banana), espaços reservados para a criação de pequenos animais (galinheiros e chiqueiros), trilhas dentro da mata que davam acesso as árvores frutíferas e vários caminhos que ligavam a Praia do Miguel à Praia do Belo e à Brasília (outra grande localidade). Pescadores (as) mais velhos (as), que acompanharam o processo, lembram que as coisas aconteceram muito rápido. Eles não compreendiam o que estava acontecendo e quando se deram conta, estavam sendo expulsos do Miguel e não podiam mais plantar e nem criar animais.

As tensões com o IAP são recorrentes até hoje, no entanto, neste período relatado ocorreram inúmeras violências físicas. O Estado violentou os (as) pescadores (as) e eles reagiram com ameaças e violências físicas dirigidas ao seu representante na Ilha, o técnico do IAP. Contam muitas histórias e riem muito ao lembrá-las. Dentre elas, recordo-me uma com clareza que exemplifica o clima de tensão existente até hoje entre os pescadores (as) e os representantes do órgão. *“Após ter recebido uma multa do IAP, através de seu técnico, por conta da caça de um animal (gambá ou raposa como chamam) o pescador ficou revoltado. Tinha caçado o bicho porque não estava dando peixe e os filhos estavam com fome. Então foi até o bar da vila e chamou seus amigos e parentes. Estes foram à casa do técnico, bateram nele e o amarraram em uma árvore. Ficando o sujeito quase o dia todo naquela posição”*.

Este teria sido o “castigo” impresso pelos (as) pescadores (as) ao homem. Depois disso, contam que o técnico pediu transferência e veio outro em seu lugar.

Pois bem, além de lugar de memória ou justamente pela conjunção das diversas formas de habitar, a praia do Miguel é o local privilegiado para a captura de grande quantidade de tainhas. Os peixes entram pelo canal da galheta, passam em frente à vila de Encantadas, seguem pelo mar de fora contornando o Morro do Sabão e passando em frente ao Miguel. A geografia privilegiada do Morro do Sabão é que permite a visualização dos grandes cardumes e, portanto, as possibilidades de grande captura. É preciso pescar no Miguel.

Figura 9



Fonte: Simone Frigo (2016).

Todos os anos, para que a pesca da tainha se realize, é necessário um processo de negociação e preparação que envolve três frentes de atuação que ocorrem simultaneamente; a mobilização dos habitantes, as negociações junto ao IAP e a revisão dos petrechos de pesca e montagem do acampamento. O IAP precisa liberar a utilização provisória da Praia e das clareiras onde antes existiam as casas. Esta autorização é motivo de conflitos anuais, afinal os (as) pescadores (as) montam seu acampamento provisório (barracos de lona) nas clareiras já abertas, desde o “tempo dos antigos”, na sua perspectiva e, em uma área de proteção, na perspectiva dos técnicos.

O *tempo dos antigos* é a terminologia utilizada pelos (as) pescadores (as) de Encantadas para se referir ao passado. Pode se referir tanto ao passado lembrado através de suas memórias de infância, como também um passado mais longínquo, conhecido pelas histórias contadas por seus pais e avós. Quando questionados mais livremente sobre o passado, existem dois temas gerais que norteiam as respostas: trabalho e pesca. Em um

contexto de maior intimidade, sem a presença dos homens, muitas pescadoras também apontaram a violência doméstica como um tema de suas memórias do passado. Aqui, gênero e memória se entrecruzam, ou seja, homens e mulheres dão ênfase e tratam a temática de forma diferente. Nessa perspectiva Lins de Barros (2005) aponta que a memória é resultado das relações sociais. “Elas são construções do presente, feitas e refeitas nas interações sociais, nos diferentes contextos e narradas a partir de perspectivas distintas que dependem da situação social em que o narrador se encontra quando transmite suas experiências de vida” (LINS DE BARROS, 2005, p. 48).

Em geral, quando os homens se referem ao passado, ressaltam a abundância de todos os tipos de peixes, principalmente da tainha. A lembrança mais imediata é a dos peixes, portanto, as lembranças sobre o trabalho restringem-se àqueles realizados no mar para a captura dos mesmos. Já entre as mulheres, existem lembranças um pouco distintas. A abundância de peixes também está muito presente, no entanto, a memória se desdobra para os processos de trabalho que envolvem a captura dos peixes, enfatizando as dificuldades enfrentadas e o trabalho árduo.

No primeiro período prolongado de campo aluguei um quarto na casa de Ana Valentim e Maninho. Ana é filha de Valdemar Valentim, homem que comandou a pesca da tainha em Encantadas por mais de trinta anos, e seu marido, Maninho, foi um turista que na década de 1970 se estabeleceu na Ilha e hoje é considerado um “quase nativo”. Por muitas vezes percebi que Maninho reproduziu para mim falas e memórias de sua mulher, Ana. Maninho relata aquilo que escutou de Ana e com isso, insere-se como parte do grupo, tendo também histórias para contar mesmo não tendo vivenciado todas elas. Nesse caso específico, os relatos de Ana e Maninho convergiram, pois as temáticas abordadas davam ênfase ao trabalho realizado pelas mulheres.

Ana Valentim descreve as características de seus pais da seguinte forma: “*Meu pai era uma pessoa boa, mas muito durona. Minha mãe teve dezenove gestações, vinte filhos. O nome dela era Felicidade. Todos os filhos nasceram de parteira. Nossa, ela era uma mulher muito batalhadora, guerreira. Sempre ajudava as pessoas*”. Com relação às características dos homens e das mulheres de antigamente, existe uma memória que enfatiza a rigidez dos homens – sendo considerados, às vezes, cruéis – e o espírito guerreiro das mulheres, sendo definidas como muito batalhadoras. Maninho é professor da turma de educação de jovens e adultos (EJA) e tem como maioria de suas alunas as senhoras mais velhas da vila de Encantadas. Ele reforça a ideia de que as mulheres de antigamente eram muito batalhadoras e

que sofreram muito, citando os nomes de algumas delas, como Dona Lavínia, Tia Lenita, Dona Neuci e tia Herondina. Maninho diz o seguinte:

O sofrimento delas, de cortar lenha no mato, de carregar a lenha, andar com aqueles feixe de lenha, cuidar dos filhos, lavar roupa, buscar água na fonte, fazer comida. E os maridos, naquela época, tinha que lavar o pé dos maridos, fazer o prato, naquele tempo eles tomavam banho de bacia, tinha que preparar o banho do marido. As mulheres contam aquilo do passado e dão apelidos para os maridos, tipo nome de cobra, nome de peixe. A gente se mata de dá risada, os maridos já estão falecidos e elas estão aí para contar o tanto que elas sofreram, mas elas estão ali...

No presente, as mulheres ressignificam o “tempo dos antigos” avaliando aquela época à luz das suas tarefas e das suas responsabilidades, a prática da caça de pequenos animais, a agricultura e a criação de porcos e galinhas. Tudo isso sem energia elétrica, sem água encanada. “*Era muito sofrimento*”, me diz Ana. Maninho conta que, na década de 1970, quando chegou à Ilha do Mel, todos viviam basicamente da pesca, da criação e da caça de pequenos animais. “*Na época tinha todo o tipo de pesca, de linha, de rede e de espinhel*”, recorda. Devo lembrar que naquela época o turismo não era uma fonte significativa de obtenção de recursos financeiros. No “tempo dos antigos”, o espaço de trabalho masculino, por excelência, era o mar. E era lá que o homem passava a maior parte de seu tempo, no restante também caçavam e contribuía nas atividades agrícolas e criação de pequenos animais.

O trabalho que as mulheres realizavam antigamente é descrito por Maninho da seguinte maneira:

Ana conta que pegou umas fases boas lá no Miguel (praia), elas vendiam samambaia, elas vendiam mexilhão, vendiam limo pros japoneses, não sei o que eles faziam com aquilo. As mulheres debulhavam o camarão e vendiam a centavos o quilo. Elas até hoje têm uma habilidade pra debulhar (limpar) camarão. Elas também secavam o peixe. O peixe era salgado tipo charque, as casas eram cheias de varalzinho, pra secar o peixe.

Ana acompanhou desde muito nova a pesca da tainha realizada na Praia do Miguel. Assim como hoje, na época em que Ana era criança, os acampamentos na Praia do Miguel começavam no início de mês de maio e iam até o mês de julho. Mesmo frequentando a escola regularmente, as crianças permaneciam com as famílias acampadas, indo e voltando da escola (em Encantadas) todos os dias. Ana Valentim lembra que, na época, sua família ficava em uma pequena casa construída na praia:

Eu lembro que a gente ficava numa casa de um senhor, uma casa de telha. Aquela casa ficava o ano todo fechada e quando a gente chegava tinha que limpar tudo, tinha muito couro de cobra, as cobras trocavam o couro e ficava tudo nas telhas. Isso era uma coisa que marcava muito quando a gente chegava. Todo mundo dormia no chão, o fogão era simples, era tudo muito simples.

Figura 10



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 11



Fonte: Simone Frigo (2015).

Ana conta que, com o tempo, outras famílias que participavam da pesca foram fazendo mais casas na área. *“Teve uma época que tinha seis casinhas lá. Aí quando acabava a pescaria fechava as casas e voltava todo mundo para a vila”*, afirma.

Do tempo dos antigos até hoje, as mulheres continuam responsáveis por grande parte do trabalho realizado no cotidiano do acampamento de pesca. As atividades consistiam

basicamente em cuidar dos filhos, organizar o acampamento, lavar roupa, lavar louça, buscar água na bica (não existia água próxima aos acampamentos, como hoje), limpar e defumar o peixe e mariscar (pegar mariscos). Em geral, as mulheres são responsáveis pela maior parte do trabalho que envolve a manufatura do marisco; no entanto, os homens também têm parte nesse processo. O trabalho de organização e de transporte da tainha também era realizado coletivamente. Esse trabalho é lembrado por várias mulheres como sendo de muita dificuldade. Seja nos dias de chuva, quando tinham que subir e descer o Morro do Sabão ou quando tinham que levar o peixe até a Praia do Belo. Ana Valentim fala sobre aquele período:

O tio Romão era responsável por preparar o cipó. Nós tínhamos que colocar quatro ou cinco peixes no cipó e ir carregando da Praia do Miguel até o Belo (praia). Várias dessas caminhadas pra poder carregar o peixe, tinha que ser assim. Quando era uma quantidade grande de peixe, não compensava trazer para cá (Encantadas), pra vila. Já saía lá pela aquela trilha até o mangue. Aquela trilha era bem grande, todo o ano o meu pai mandava o pessoal limpar a trilha, limpava os caminhos da fonte porque a gente não tinha água encanada no Miguel, então tinha a fonte.

Figura 12



Fonte: Simone Frigo (2016).

Deste *tempo dos antigos* existem alguns pontos que devo destacar. Pescadores (as) apontam que as grandes diferenças com os tempos atuais relacionam-se às mulheres na pesca. As diferenças são narradas, em geral, sem grandes julgamentos morais de certo ou errado. Não percebo uma nostalgia dos tempos passados, tampouco uma grande exaltação das formas de organização atuais. Gostam muito de contar sobre como na época dos antigos existiam muitos interditos relacionados à mulher e a pesca. E ao contarem, as falas ressaltam a curiosidade, o exotismo de tais ideias.

As mulheres “ajudavam” a puxar o *lanço*, mas não podiam estar presentes na hora em que a canoa saísse para o mar e nem no momento de lançar a rede. Elas esperavam nos

barracos e só iam para a praia quando chamadas pelos homens. Destaco que a categoria “ajuda” é muito utilizada quando se referem ao trabalho ligado diretamente à pesca e realizado especificamente pelas mulheres. No entanto, essa categoria é apenas utilizada para falar do *tempo dos antigos*. No presente, esta categoria não possui mais significado, não o de que as mulheres “ajudam” e os homens pescam.

As mulheres também não podiam *subir na canoa*, pois este era, e ainda é, considerado um trabalho masculino²¹. Mulher ou homem com medo não podem subir na canoa para ajudar no *lanço*. “*Pessoas com medo do mar não podem ir na canoa durante a pesca. O medo traz coisas ruins durante a pesca. Uma vez um rapaz novo entrou na canoa, ele estava com medo. Quando a canoa saiu o mar levantou na hora. O mar ficou muito agitado. O mar levanta quando a pessoa tem medo*”, explica Rute²², pescadora e esposa de Nereu.

Existiam algumas restrições também para as mulheres grávidas e seus maridos. As mulheres grávidas não podiam ficar na praia e nem puxar o *lanço*, pois a tainha “sente” a presença da mulher e foge. Os maridos dessas mulheres não podiam subir na canoa pelo mesmo motivo, pois estariam de alguma forma “contaminados” pela gravidez de suas mulheres. Existem muitas discussões entre pescadores (as) sobre as qualidades perceptivas da tainha, sendo o olfato e a audição seus recursos mais desenvolvidos. A tainha “percebe” muitas coisas, ela é muito sensível, principalmente, à presença das mulheres. Ana Valentim conta que quando pescava com seu pai, as mulheres também não podiam ver o *lanço*. Elas ficavam na fonte esperando o chamado de seu pai:

A gente ficava na fonte esperando o peixe vir. Quando o peixe vinha, meu pai acenava do morro, daí os primos e tios iam até a metade do caminho e gritavam, tinha um tipo de grito que a gente entendia. Daí a gente vinha até a metade do caminho e na hora que eles tivessem fechando o lanço, aí as mulheres podiam vir na praia para ajudar a puxar o outro lado do lanço. Essa época tinha peixe, nossa, muito peixe.

Dona Maria, esposa de Seu Ede, reforça a ideia de que, na época dos antigos, as regras eram muito rígidas e todos tinham que obedecer. O passado é do peixe em abundância, é o tempo onde o trabalho dos homens e das mulheres era definido com maior clareza, é de violência e um grande número de restrições para as mulheres, é dos pais e avós que já se foram, é de ser criança brincando na mata. O passado, sempre ambíguo, é um lugar bom para

²¹ Não existem restrições, mas efetivamente durante dois invernos não presenciei e nem tive notícias de que alguma mulher tivesse embarcado na canoa.

²² O destaque nas relações de parentesco, principalmente entre casais, é fundamental para o grupo. O próximo tópico será de apresentação dos (as) pescadores (as).

se visitar. O tempo da pesca permite este tipo de trânsito, ir para a praia do Miguel, hoje lugar de pesca e, também, lugar de memória.

2.3 “VAMOS PRO MIGUEL?” HABITAR E AS DINÂMICAS FAMILIARES

Marcado por tempos distintos, no tempo da pesca as relações dos (as) pescadores (as) com o ambiente mudam. Parafraseando Ingold (2015), “Não que percebem coisas diferentes, mas o inverno permite perceber as mesmas coisas de maneira diferente” (INGOLD, 2015, p. 199). A vida se expande no tempo da pesca, pois o habitar dos (as) pescadores (as) avança para localidades bem mais amplas do que a vila de Encantadas. Os caminhos são bem mais longos, vila, praia, mar e mata são explorados de forma intensa, em oposição ao tempo do turismo. As trilhas são reabertas e se expandem juntos com os habitantes humanos e não humanos. O movimento é a marca deste período.

Figura 13



Fonte: Simone Frigo (2016).

As dinâmicas de trabalho são muito distintas daquelas do tempo do turismo. Exige-se aqui trabalhos braçais bem mais intensos, as mulheres são as que mais sentem esta diferença. O cansaço físico de ir e vir da vila para o acampamento, sempre carregando grandes pesos, como comida, roupas, objetos de cozinha, marca o início da pesca. São dezenas de “viagens” até que o acampamento esteja montado. As trilhas, antes fechadas pela vegetação e tomadas

pela água, são limpas e, quando possível, conserta-se algumas das pequenas pontes improvisadas pelo caminho.

Figura 14



Fonte: Simone Frigo (2015).

O tempo é ditado pelos ventos e marés que trazem os peixes para a praia. As negociações de folgas, de descanso, não são mais realizadas entre os (as) pescadores (as) e os turistas ou *patrões*. As relações são de outra ordem, negocia-se com o peixe, com os ventos e com as marés, e estas, não exigem urgência. Pelo contrário, arrastam-se por longos períodos em calma absoluta, pois esperam justamente pegar os (as) pescadores (as) de surpresa.

Esse tempo proporciona também a intensificação das relações familiares já extensas, rearranjos e multiplicações de amizades. No turismo foi tempo de separar, agora é tempo de reconciliar, casar novamente ou constituir outra união afetiva dentro do grupo. Uma de minhas maiores dificuldades no período inicial do campo foi ganhar a confiança das pescadoras “apesar de” ser uma mulher solteira. Acabei por construir meu lugar de “estranha”, solteira junto com outras pescadoras²³. Mas até hoje, mesmo terminado o trabalho de campo, as pescadoras ainda tentam arranjar um homem, um namorado para mim.

Em dias comuns, sem expectativa de captura de tainha, encontram-se no Miguel mais ou menos quarenta pessoas. Quando existe a probabilidade de ocorrer um *lanço*, chega-se há noventa, cem pessoas na praia. Sintetizando, apresento o seguinte esquema:

Quadro 3 - Tempo da Pesca
Tempo da Pesca

²³ Voltarei a esta questão no capítulo 3 e 4.

Habitat	Vila de Encantadas e Praia do Miguel
Família	Extensa + Parentes de fora + amigos
Casa\barraco	Pai, Mãe e Filhos
Ambiente	Vila, Praias, Mata, Mar
Relações Cotidianas	Parentes, amigos com intensidade

Fonte: Elaborado pela autora.

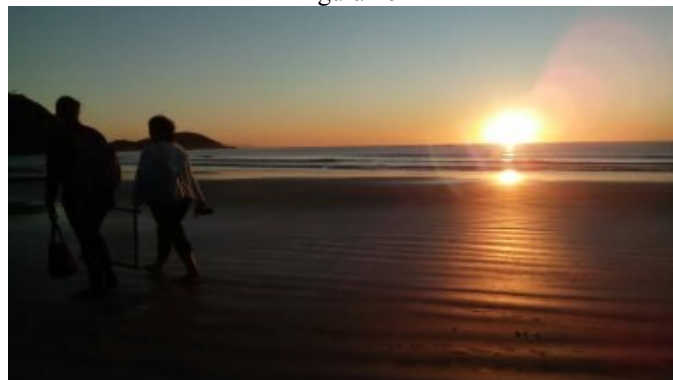
Vivenciar o tempo da espera, portanto, permanecendo muito tempo no Miguel é apontado pelos (as) pescadores (as) como uma condição para que o tempo da pescaria seja bom. Dessa forma, faz-se necessário o investimento na construção do barraco, que se inicia nos primeiros dias de maio. Uma boa lona, taquaras, madeiras, colchões, utensílios domésticos e alimentos não perecíveis são alguns dos materiais necessários à permanência na Praia do Miguel durante seus dois meses de duração. O que, em termos de valores monetários, torna-se um investimento considerável na renda dessas famílias.

Figura 15



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 16



Fonte: Simone Frigo (2015).

Cada família constrói dois espaços, um para dormir e outro para cozinhar, armados com uma base de taquaras e revestidos com lona (alguns com revestimento duplo). No espaço reservado para o descanso, os (as) pescadores (as) armam barracas no interior dos *barracos*, no intuito de torná-lo mais seguro e protegido do vento e da chuva. Já o *barraco* destinado à cozinha é mais aberto, tendo um de seus cantos destinado para a feitura do fogo. Há espaço também para guardar alimentos e utensílios, bem como para a madeira recolhida. Bancos de madeira, cadeiras e mesas de plástico também são dispostos ao redor do barraco, sendo cena cotidiana nesse tempo de espera, a reunião de pescadores (as), seus parentes e amigos.

Figura 17



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 18



Fonte: Simone Frigo (2015).

Embora não permaneça acampado no Miguel, Seu Carlinhos (*espia* mais experiente do grupo de pescadores) passa dias inteiros em cima do morro, observando não só os peixes, mas também a movimentação e as dinâmicas daqueles que ficam na praia. Quando questionado se tem parentes entre o pessoal que fica acampado, é taxativo: “*tenho! Tenho cunhado aí, tenho irmão, tenho sobrinhos. A maioria aqui na Ilha são todos parentes, então é uma família só!*”. As famílias Agostinho, Neves e Serafim são protagonistas da pesca há mais de três gerações. Juntas, compõe um grupo que gira em torno de sessenta pessoas.

Figura 19



Fonte: Simone Frigo (2015).

A imagem de uma comunidade fortemente unida pelos laços de parentesco é recorrente, tanto entre os próprios nativos quanto nos estudos realizados sobre a localidade. Kraemer (1978) tratou a comunidade da Prainha (como Encantadas era denominada naquele período), como “todas aparentadas entre si”. A pesquisadora comenta o grande número de casamentos entre primos e a semelhança entre os pescadores: “numa vista de olhos parece que são todos irmãos” (KRAEMER, 1978, p. 79). Schena (2006), também trata, de forma geral, dessa temática: “O isolamento relativo que a insularidade proporciona aliado ao número razoavelmente pequeno de moradores fixos, geralmente pertencentes a não mais do que cinco famílias principais, torna praticamente todos ‘parentes’ ou conhecidos uns dos outros” (SCHENA, 2006, p. 14).

A noção de que “*aqui todo mundo é parente*”, como afirmou, em tom de obviedade, a jovem Suelen Izidoro Santana, torna-se, então, essencial para a compreensão da pesca. Entender os laços de parentesco e a própria compreensão dessa “vida em família” (COMERFORD, 2003) é, portanto, tentar esclarecer os modos como essas pessoas chegaram, permaneceram ou partiram da ilha. Os laços de parentesco, desse modo, apontam não apenas as relações consanguíneas (MEILLASOUX, 2000), mas determinam também a forma de suas ações e interações, internas e externas. Nesse cenário, as narrativas e trajetórias das famílias, seja em uma concepção de unidade familiar ou de parentela extensa (incluindo-se aqui o compadrio), constitui-se como uma tentativa de traçar os caminhos e as trilhas seguidos pelos habitantes que, historicamente, ocupam a Ilha.

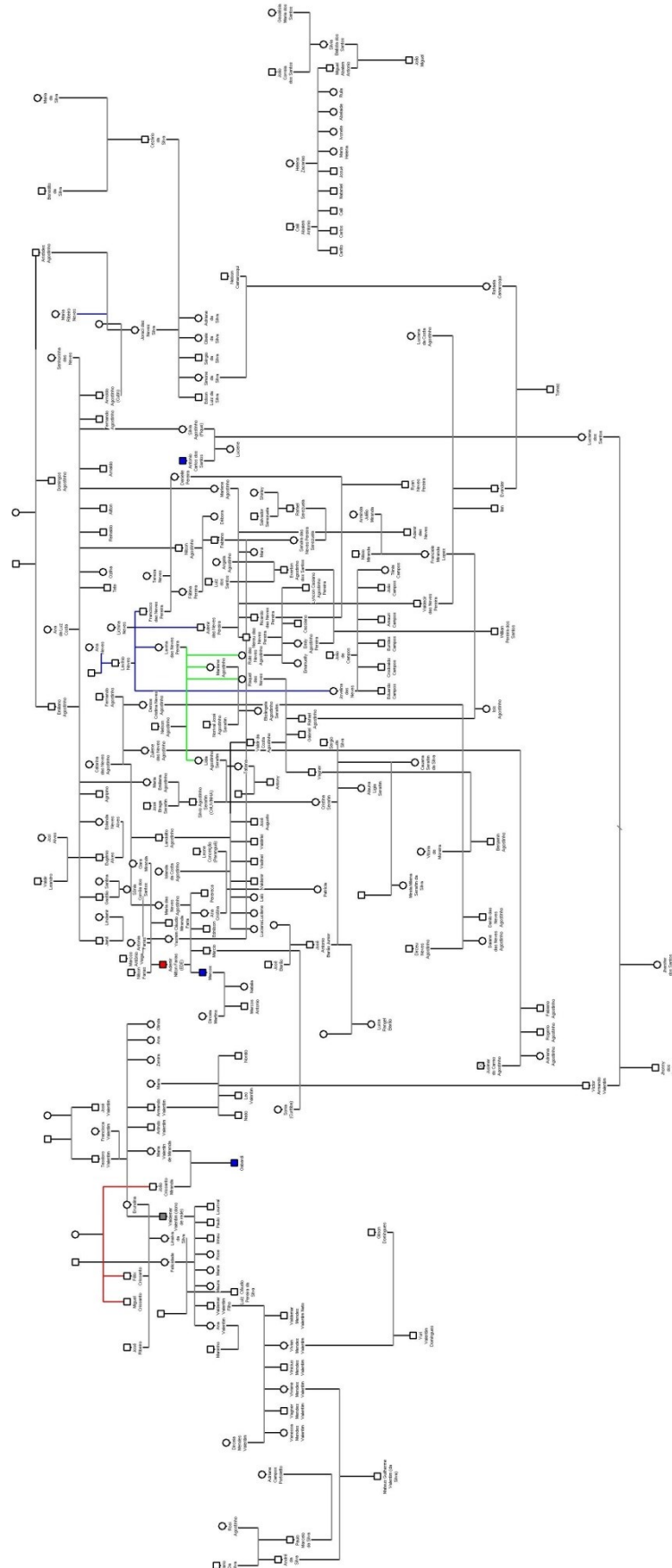
Ao responder, com certo estranhamento, de quem era parente ali na Ilha, a jovem Suelen narra brevemente seus laços familiares. A enumeração de primos, no entanto,

confunde aqueles que vêm de fora, o que tento esclarecer minimamente a seguir. São três as famílias principais envolvidas no *lanço* da tainha: Agostinho, Neves e Serafim, conforme o organograma anexado na página a seguir.

Sobre a família Agostinho, a mais numerosa no acampamento, Sílvia Agostinho dos Santos, conhecida como Figue, comenta: “*papai contava que eles vieram lá de Cananéia, eles vieram pra cá pra matar cação, vieram de canoa de pau*”. Segundo Figue, seu pai, Emiliano Agostinho, veio acompanhado dos irmãos Alandino, Domingos e Aristides, este último, pai de Juraci das Neves Silva – conhecida como Jora –, esposa de Cesário da Silva, ambos acampavam no Miguel durante meu primeiro inverno na pesca. Infelizmente faleceram em um tempo muito próximos um do outro e, ao completar o ciclo da pesquisa, já não estavam mais presentes. “*Então é tudo parente mesmo*”, afirma Figue.

Conforme a narrativa de Figue, a vinda dos irmãos para matar cação foi estendida: “*eles ficaram, ficaram, fizeram barraco. Barraco, não... Diz que tinha um casarão que ficava os escravos, eles ficaram lá*”. A permanência da família, então, assim como a chegada, deu-se pela pesca: “*Eles eram donos de duas redes, por isso tem muito Agostinho. Foi casando primo com primo, primo com primo*”. O casamento entre primos é uma prática na localidade, e explica as extensas ligações de parentesco. A afirmativa é de que todos no acampamento têm relações de parentesco, como afirmou Elizângela Agostinho Serafim, 32 anos, sobrinha de Rute, “*a única família que chegou aqui foi Agostinho, depois é que foi misturando, agora é que tem outros sobrenomes*”. Conforme as narrativas a chegada e permanência dos irmãos Agostinho, provavelmente em fins de década de 1940, coincide também com uma “ancestralidade” dos pescadores da tainha que, ainda hoje, continuam vivenciando essa prática na Praia do Miguel.

Figura 20 - Organograma



Fonte: Simone Frigo (2018).

As análises que apresento seguem no intento de compreender os modos como essa rede, constituída por laços de consanguinidade e afinidade, integram as relações de gênero, técnica e ambiente na pesca da tainha. Sublinho, no entanto, que os apontamentos feitos aqui não pretendem dar conta da complexidade implicada nessas relações de parentesco. O que apenas um estudo mais aprofundado, e que pudesse abarcar as demais ilhas e comunidades dessa região, poderia revelar de forma satisfatória. Assim, o que se segue são alguns apontamentos etnográficos e analíticos, que buscam iluminar alguns dados entrelaçados pelo parentesco. A intenção é oferecer dados que auxiliem, como proposto inicialmente, na compreensão não apenas da constituição dessas relações de parentesco, mas de como a noção de família e a importância a ela atribuída traduzem aspectos da socialidade e da sociabilidade deste grupo de pescadores (as).

As narrativas sobre a presença da família Agostinho em Encantadas, como descrito no início deste tópico, referem-se à chegada de Emiliano Agostinho e seus irmãos. Em uma história construída a partir da pesca, inicialmente do cação, os irmãos Agostinho estabeleceram-se não só por meio das atividades ligadas ao mar, mas também através do estabelecimento de alianças, ou seja, da realização de casamentos, seja no interior da própria família (entre primos), seja com outras famílias residentes no local. Também donos de rede, Emiliano e Aristides Agostinho eram reconhecidos como conhecedores das técnicas de pesca. Em seu primeiro casamento, com Senhorinha das Neves, Emiliano teve seis filhos. Já com Ana da Luz Costa teve sete filhos, muitos deles, hoje, ligados à pesca da tainha.

Entre eles, Sílvia Agostinho dos Santos e Nilson Agostinho, este último reconhecido na função de “*popeiro*”, sendo um dos pescadores mais experientes na Praia do Miguel. Sílvia, esposa de Carlinhos, *espia* que aprendeu o ofício com o afamado Valdemar Valentim, narra com clareza as memórias da pesca, sendo uma de minhas principais interlocutoras no levantamento dos dados de parentesco. É também quem informa as pessoas da vila sobre a eminência dos *lanços*. Rute das Neves Agostinho agrega boa parte das relações de parentesco do acampamento. Nesse contexto, é possível perceber que é no contínuo estabelecimento de alianças, por meio do casamento, que a família Agostinho vem estendendo seu pertencimento na Ilha e na pesca da tainha, ainda que em sua trajetória não verifique-se a marcação de concentração de riqueza ou poder construídos fora do universo pesqueiro.

Recordação recorrente nas narrativas dos (as) pescadores (as), Valdemar Valentim é apontado como um dos donos de rede mais influentes e afamados. Junto com os irmãos Armando e Arlindo, formou uma organização que dominou durante décadas a pesca local (KRAEMER, 1978). Donos dos equipamentos de pesca, embarcações e comércios locais,

também comandavam a venda da produção, além de serem considerados, especialmente Valdemar, exímios conhecedores das técnicas pesqueiras. Conhecidos também por sua fama de “durões” e “briguentos”, eram temidos não apenas pelos filhos, mas por todos os moradores. Severo nas relações familiares, como narrou uma de suas filhas, Ana Valentim, Valdemar teve alguns aprendizes – como Seu Carlinhos, que assumiu o ofício de *espia* –, dentre seus filhos, apenas Valdemarzinho e sua família participam ativamente da pesca nos dias de hoje.

O caso de Ademir Crissanto de Miranda, conhecido como Gabarde, pode indicar algum caminho de análise. Nascido em 1959, em Encantadas, é sobrinho de Valdemar, Arlindo e Armando Valentim, por parte de mãe, e de Miguel e Félix Crissanto de Miranda, por parte de pai. Em uma narrativa muito marcada pelo período em que deixou de beber, Gabarde assinala esse período como uma espécie de “renascimento”. Pois foi somente após essa “nova fase” que assumiu a função de *espia*. Em conversas informais, Gabarde, homem de poucas palavras, fala pouco sobre a família, assim, é somente em uma fase de “checagem” dos dados que consegui confirmar seu parentesco com os Valentim. A informação é muito importante, pois o liga a essa família, como um “herdeiro” da força que os Valentim tiveram na pesca. Gabarde, como o tio Valdemar, é um *espia* que tem seu “talento” reconhecido.

É interessante notar que seu interesse foi um pouco mais tardio, pois foi Carlinhos quem assumiu o posto de aprendiz mais direto. Embora, no caso do aprendizado de Carlinhos, não tenha havido a formação de aliança por via do casamento, a transmissão do conhecimento se deu por uma relação de afinidade e admiração. Assim, enquanto Carlinhos acompanhava mais diretamente o tio de Gabarde, este ainda preferia não assumir o ofício. Começou a espiar há aproximadamente oito anos, e sua justificativa é que passou a exercer este ofício depois que os mais velhos já não conseguiam subir o morro. Personagem importante, embora de maneira menos expressiva que outros, no cenário atual da pesca da tainha, Gabarde aparece como um resquício da continuidade da família Valentim no ofício. E entre os primos, como Valdemarzinho, que de alguma maneira também ainda marca sua presença na pescaria, foi ele quem, “*por um impedimento dos mais velhos*”, passou a colocar em prática os conhecimentos obtidos com pais, tios e avós.

Nesse universo de pescadores antigos e afamados, até hoje Lavínio Neves, conhecido como Vô Lavínio, é um dos pescadores mais conhecidos de Encantadas. Suas histórias sobre as sereias da Gruta, além de outras sobre pescaria na região, o tornaram conhecido e querido por familiares e turistas. Sua mãe, Ana Neves, que hoje dá nome à escola da “vila”, era afamada parteira e conhecedora do mar. Vários são aqueles que contam histórias sobre

pessoas que foram trazidas à vida por suas mãos. Dona Lavínia Agostinho das Neves é filha de Lavínio Neves e Lichina Neves. Ela lembra com clareza dos tempos em que “*pescariava*” no Miguel e também das histórias e da “*doçura*” do pai, falecido há cerca de quinze anos. Casada com Nelson Agostinho, boa parte de seus filhos ainda “lida” com a pesca, entre eles Rute e Lígia.

Mesmo que articulada por laços de parentesco, a relação estabelecida com a pesca apresenta gradientes entre os moradores de Encantadas. No entanto, nem sempre as ligações mais diretas com os donos de equipamentos de pesca mostram-se como os requisitos necessários para fazer de alguém um elo de continuidade da “tradição” dessa prática. Muitas vezes, uma rede de parentesco mais extensa e ligada a esse universo – bem como a ordem de acontecimentos de cunho pessoal – apresentou-se também como elemento central na determinação da permanência e/ou mudança daqueles que vivenciam a pesca em Encantadas.

Apesar de haver uma predominância das famílias Agostinho, Neves e Valentim entre aquelas ligadas, de algum modo, à pesca da tainha, é comum também o casamento entre famílias vindas “de fora”, seja de outras localidades da Ilha do Mel, seja de outras regiões do litoral, ou ainda, como tem acontecido mais recentemente, com turistas que acabam “tornando-se” nativos através do casamento. Famílias como Santos, Silva, Costa, Campos, Miranda, Serafim e Crissanto estão historicamente presentes na localidade, “misturando-se” e inserindo na comunidade outros sobrenomes, como narrou Elizângela Serafim Agostinho. Embora a análise não direcione-se para um aprofundamento das implicações deste casamento, não há como negar uma certa hierarquização das “famílias que contam”, como aponta Commerford (2004). Assim, algumas famílias usufruem de uma “fama”, que ecoa em diferentes narrativas, seja em relação ao poderio econômico ou político.

Amani Fernando Alves, o Maninho, genro de Valdemar, também narra o domínio da família e conta como o controle era feito de maneira rigorosa. Em um contexto, que aparece mais diluído na memória dos pescadores, os irmãos Agostinho, também “donos de rede”, conforme algumas narrativas, parecem ter exercido o controle de um modo menos rígido e centralizador. No entanto, como nos sugerem alguns dos dados aqui apontados, foram exatamente os irmãos Agostinho que parecem ter conseguido manter seu legado, multiplicando suas alianças por meio do casamento. Mas é necessário esclarecer, como já apontado anteriormente, que a predominância de certas famílias não é tratada, nem etnograficamente, nem analiticamente, como algo totalizador. Embora houvesse um controle – em algumas épocas, mais rígido –, o trânsito de pessoas sempre existiu na Ilha, atualizando relações, inclusive as de parentesco.

É o caso da família de Miguel Crissanto de Miranda. Hoje com 77 anos, Seu Miguel nasceu em Encantadas, filho de João Crissanto de Miranda e Paulina Crissanto de Miranda. Também reconhecido como um dos pescadores mais experientes, demonstra ter um grande conhecimento sobre o mar, narrando vários aspectos da memória da pesca e da própria vila de Encantadas.

Em outra ponta, Rafael Serezuela é um caso representativo dos turistas “tornados nativos”. Casado com Sandra das Neves Agostinho, Rafael é natural de Jundiá e, assim como Maninho e outros, chegou à Ilha para conhecer e desfrutar de suas belezas naturais, como fazem os turistas. No entanto, como um turista mais próximo da ideia de “barraqueiro” – comum em fins das décadas de 1970 e 1980 –, Rafael aproximou-se dos pescadores, iniciando seu aprendizado neste universo. Logo conheceu Sandra, com quem, após um período de namoro, se casou na igreja da vila. Assim, ele passa de uma postura de “*observação e respeito*” a um processo cada vez mais integrado ao universo da pesca e da comunidade local.

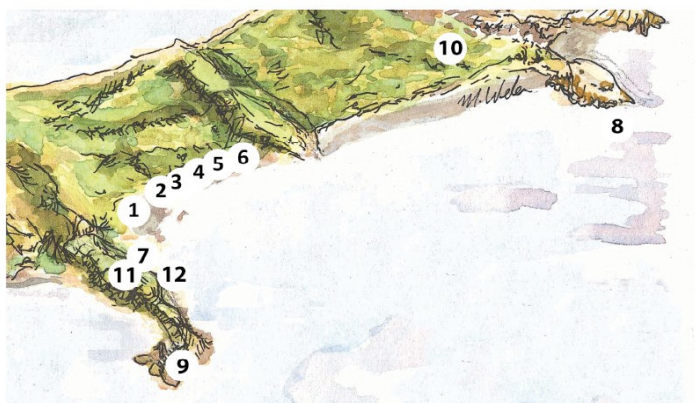
Por fim, no intuito de oferecer um desfecho desse aspecto da análise, é possível pensar, por meio dos dados apresentados, que as famílias permanecem como núcleos importantes constantemente atualizados, seja por meio da formação de alianças via casamento, seja pela memória. O que se apresenta não são resquícios, mas formas de socialidade, que não é descolada de sua historicidade, e tampouco puramente refeita em uma perspectiva externa aos seus modos de pensamento, mas que agencia os fatores, internos e externos, em uma maneira constituinte de seu modo de vida.

As famílias Agostinho, Neves e Serafim não devem ser vistas como grupos fechados; outros habitantes da Ilha, amigos e turistas também participam da pesca. Existem posições mais ou menos fixas na coordenação do *lanço* da tainha e do acampamento, no entanto, não existe um caráter fechado no grupo que pode vir a pescar. Por regra, qualquer um que estiver na praia durante o cerco pode participar e entrará na divisão dos peixes feita posteriormente. As interações são intensas, pois seja nos afazeres domésticos, na busca por lenha ou na coleta do marisco, o encontro e a divisão dos locais com outros (as) pescadores (as) é constante. No entanto, existem inúmeras regras que orientam condutas e ocupação dos lugares no Miguel.

Para melhor compreensão do habitar, das dinâmicas familiares e o ambiente da pesca apresento a seguinte figura²⁴:

²⁴ A aquarela apresentada é de Marcelo Weber, com projeto gráfico de Brenda Santos. Compõe o material produzido para “O Universo Caiçara e sua Relação com o Mar através do sistema de pesca”, INRC\2011.

Figura 21 - Mapa 3 - Ocupação provisória da praia do Miguel



Fonte: MARTINS, Patricia. A Pesca da Tainha na Ilha do Mel: territorialidades, sociabilidades e Técnicas, 2012, p. 72. Ilustrador: Marcelo Weber (2011).

A ocupação provisória da Praia do Miguel sofreu algumas modificações ao longo destes anos, no entanto, a estrutura de organização permanece a mesma. Dos pontos um ao seis são os locais de acampamento, onde montam-se o barraco de dormir e o barraco da cozinha. Estes seis pontos são identificados como as seis clareiras, onde no tempo dos antigos existiam as seis casas. Não obtive respostas mais enfáticas sobre a relação entre as seis casas que existiam anteriormente e o fato do IAP autorizar apenas a utilização destas seis clareiras. O IAP autoriza a utilização das seis clareiras e, em regra geral, montam-se oito, nove barracos nestes lugares. Em cada barraco dorme apenas um casal de pescadores (as) e, eventualmente, seus filhos ou netos. Bom, isso significa que a maioria dos (as) pescadores (as) não acampam no Miguel, estamos falando de algo em torno de sessenta pessoas que fazem a trilha vila-Miguel, saindo antes de amanhecer e voltando no fim da tarde todos os dias da semana. Tempo da pesca é tempo de caminhar, é tempo de movimento. Acampam necessariamente membros das Agostinho, Neves e Serafim e, também, alguns casais ou pescadores convidados por membros dessas famílias. A conjuntura das relações familiares e de amizades determina alguns (as) pescadores (as) em detrimento de outros (as). Os acampados e seus barracos são referências para os (as) demais pescadores (as) que vem e voltam todos os dias. Como já dito, a maioria absoluta é parente, ali “todo mundo é parente”, mas o contexto das afinidades momentâneas é que definirá o seu barraco de referência. O trabalho de campo foi realizado em duas edições do tempo da pesca. Uma das minhas maiores surpresas no segundo ano de inverno foi ver o acampamento todo rearranjado em termos de alianças, proximidades e trocas de barracos de referência. Alguns parentes que falavam abertamente mal uns dos outros, agora estavam amigos, partilhando da mesma cozinha.

A identificação das ocupações provisórias parte de uma perspectiva local que associa os barracos aos homens, os chefes de família. Assim, quando homens e mulheres querem

identificar os barracos referem-se aos nomes do homem que compõe o casal, por exemplo: “a entrada do barraco do seu Ede é ali onde está a canoa”. As mulheres também definem os locais dos barracos através do feminino, “a entrada do barraco de Dona Maria é ali onde está a canoa”, mas fazem isso apenas quando estão entre pares.

Figura 22



Fonte: Simone Frigo (2015).

O ponto 1 do Mapa 3 indica a primeira pequena trilha de entrada para aqueles que descendo o Morro do Sabão chegam à praia do Miguel. Há alguns anos esta clareira é ocupada pelos barracos de Tete e Gabardi. Dois homens héteros, com mais de cinquenta anos que já foram casados, mas hoje vivem solteiros e sozinhos em suas respectivas casas. Destaco esse aspecto por não ser comum que homens vivam solteiros e de forma independente em Encantadas. Esta clareira é onde se reúnem os homens solteiros ou que vem para o acampamento sem as esposas. É um local mais restrito. De maior reunião, encontros de homens “não acompanhados”.

As mulheres que ficam cotidianamente no acampamento pouco frequentam esse barraco, só vão ali em situações específicas ou acampanhadas de seus maridos. Algumas mulheres mais próximas de Gabarde e Tete fazem visitas ao seu barraco, mas não é algo comum, cotidiano. Em 2016, Tete e Gabarde estão “namorando”, “ficando” com duas mulheres (parece que são nativas) da praia grande (Brasília). Elas frequentam o barraco com um pouco mais de assiduidade, mas mesmo assim, nestes momentos, os outros homens que geralmente vão até lá, ficam mais distantes. Local identificado como de homens, onde poucas mulheres frequentam, assim considerado de maior liberdade para o consumo de bebidas alcoólicas e maconha.

Andando um pouco mais ao longo da praia, podemos ver as duas entradas, ponto 2 e 3, que levam ao barraco de Nilson e Fátima e a clareira que “pertencia” a Seu Cezário e Dona Jora (Seu Cezário faleceu após a pesca de 2015 e Dona Jora após a pesca de 2016). Os parentes decidiram que seu neto, Marcos, e sua esposa, Carla, bem como Barãozinho e Sil, poderiam, no momento em que estive em campo, ocupar a clareira. Entendo esta negociação como provisória, podendo ser revogada conforme os contextos.

Bem próximo ao barraco de Nilson e Fátima fica a primeira bica de água. Esses três primeiros barracos utilizam a água deste local. Depois temos os barracos de Rute e Nereu e Valdir e Raquel. Esses dois barracos ficam na mesma clareira, onde há um caminho interno que leva até o barraco Seu Ede e Dona Maria, donos da canoa e petrechos da pesca. Entre os pontos quatro e cinco está localizada a segunda bica de água. Da clareira ocupada por Seu Ede e Dona Maria também é possível chegar ao barraco de Rafael e Sandra. Além de caminhos internos nesses três últimos barracos, todas as clareiras possuem também saída para a praia.

Figura 23



Fonte: Simone Frigo (2015).

O ponto sete, indicado no Mapa 3, marca uma pequena cobertura de árvores e pedras localizadas logo após a descida do Morro do Sabão. Esse é um local majoritariamente ocupado por mulheres pescadoras. Existem algumas mulheres que não pescam com seus maridos, pois estes são idosos, doentes ou preguiçosos mesmo, conforme as próprias mulheres. Também existem pescadoras separadas, viúvas ou solteiras. Estas costumam se reunir no ponto sete passando o dia esperando os *lanços* de tainha. Fique, esposa de Carlinhos (*espia*) é a única pescadora casada, cujo marido também está na pesca (no alto do morro) que passa a maior parte do tempo nas pedras, como dizem.

Estas possuem laços de parentesco com os barracos, mas, por circunstâncias, não são ou não estão tão próximas de seus parentes. Assim, sente-se mais à vontade ficando neste espaço afastado das outras mulheres. Lígia, Cleusa, Elizangela, Suelen e outras mulheres que vêm com menos frequência passam o dia à espera dos *lanços*. Elas estão ali para puxar a rede de tainha e, dessa forma, ganhar algum dinheiro. Figue e Cleusa são as mulheres deste grupo que permanecem casadas, as outras já estavam separadas antes do início da pesquisa. Todas essas mulheres, assim como as que estão acampadas com seus maridos, também são parentes²⁵. Geralmente, Carlinhos avisa a Silvia sobre as possibilidades de *lanço*, e ela avisa as outras mulheres, que passam o dia em um acampamento bem improvisado.

Quando está frio, fazem uma fogueira e, em geral, trazem comida feita em casa. Às vezes, elas vão até o acampamento e ficam nas barracas de Rute, Sandra ou Raquel, suas parentas mais próximas. No entanto, essas visitas não são diárias, pois dizem que não desejam incomodar muito, afinal, Rute, Raquel e Sandra estão com seus maridos. Lígia, Cleusa e Elizangela trabalham bastante mariscando junto com as mulheres acampadas, no entanto, nem cogitam a possibilidade de acampar. Afinal, mulheres não acampam sozinhas.

Figura 24



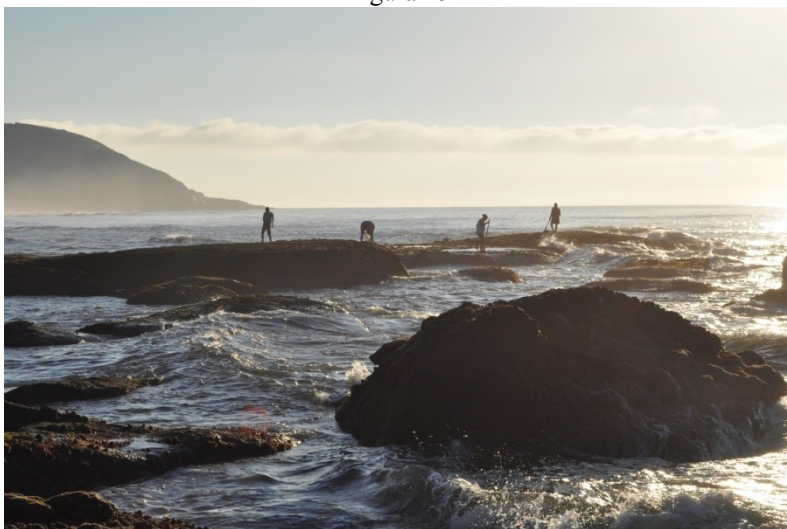
Fonte: Simone Frigo (2015).

O oito localiza o fim da praia do Miguel. A barreira natural de pedras demarca o fim do Miguel e o início da Praia Grande. O outro lado da Iha, depois de Encantadas, a segunda maior localidade da Ilha do Mel, início de Brasília. Além de fronteira natural é também social, de disputas. É nesse local que pescadores (as) retiram o marisco para feitura e venda. Os habitantes de Praia Grande fazem o mesmo. Estabeleceram entre eles como marco de

²⁵ Como já citado anteriormente, existe uma importante relação de parentesco entre os participantes da pesca da tainha. Na comunidade de Encantadas as famílias Agostinho, Neves e Serafim são protagonistas dessa prática há mais de três gerações.

separação as três grandes pedras que ficam ao lado da praia do Miguel. Aqui pescadores (as) de Encantadas retiram marisco. Lá, o outro lado do marco, pescadores (as) de Praia Grande retiram sua parte. Como uma boa fronteira, existem conflitos. No entanto, não ultrapassam os limites das reclamações e fofocas. Quando ocorrem *lanços de tainha* significativos no Miguel, alguns pescadores de Praia Grande ficam nestas pedras observando os peixes ou mesmo vem para a praia do Miguel participar da pesca.

Figura 25



Fonte: Simone Frigo (2016).

O ponto nove é o alto do Morro da Cruz. Local onde os *espias*, Carlinhos, Marquinhos e Gabarde passam o dia observando ventos, marés e indentificando os cardumes de tainhas. O local de trabalho do *espia* é o único lugar explicitamente identificado como dos homens. Estive lá apenas uma vez, ainda no início da pesquisa de campo. Depois do período de adaptação à moralidade própria dos (as) pescadores (as) de Encantadas, ensaiei ir até o morro mais uma vez, mas fui expressamente proibida pelas pescadoras. Não se tem notícias de que em algum momento a função de *espia* tenha sido exercida por pescadoras. As mulheres do acampamento, em geral Rute ou Sandra, fazem almoço todos os dias para os *espias*. E convocam sempre um jovem pescador para subir o morro e levar comida e água fresca para os *espias*. Revezam entre um ou dois *espias*, “*os três não tem necessidade, iria atrapalhar a concentração pois a gente iria já querer começar a conversar. Daí não dá*”. Falou-me Seu Carlinhos. A foto abaixo foi tirada em uma posição próxima a que os *espias* ficam colocados. Aqui, o olhar é para a praia do Miguel.

Figura 26

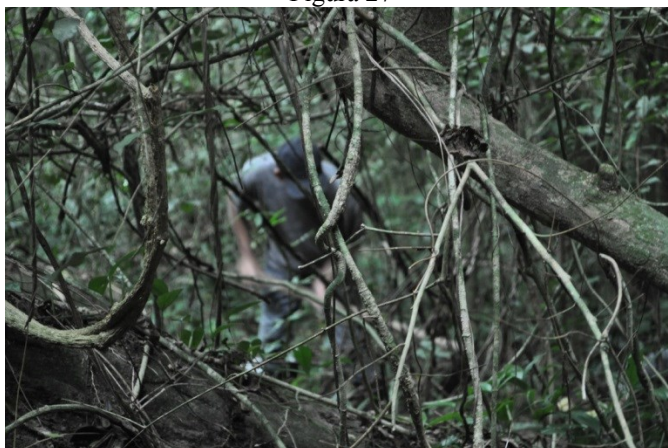


Fonte: Simone Frigo (2016).

Seguindo, temos a mata fechada, área de proteção ambiental. Local de retirada da lenha que é usada no acampamento, coleta de frutas (banana e laranja principalmente), raízes (cará) e caça de pequenos animais, como lagartos e gambás, também conhecidos como raposas. Sendo assim, os pescadores podem ser responsabilizados por eventuais danos que o acampamento possa causar ao meio.

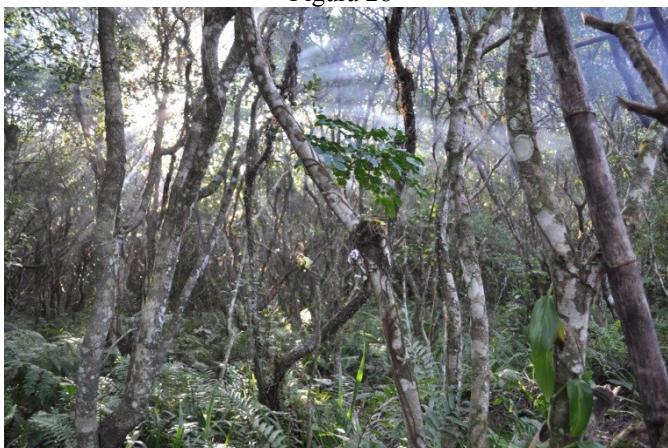
Antigamente existiam algumas trilhas que ligavam a Praia do Miguel à Praia do Belo e à Brasília. Existe um sistemático controle do IAP para que essas trilhas sejam fechadas pela mata. A mata fechada é pouco utilizada pelos pescadores. No ano de 2011, a Companhia Paranaense de Energia (Copel) havia realizado uma grande limpeza entre os fios de energia que passam ligando Encantadas e Brasília. Essa obra de limpeza deixou para trás muitos galhos e árvores inteiras cortadas dentro da mata. Durante todo meu campo esta madeira foi utilizada pelos (as) pescadores (as) como lenha para a cozinha do acampamento. No dia a dia, são as mulheres que mais buscam lenha no mato. Têm preferência por andar na mata acompanhadas de outras mulheres.

Figura 27



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 28



Fonte: Simone Frigo (2016).

Nos limites entre as clareiras e a entrada da mata existe uma faixa natural de plantas que, conseqüentemente atrai vários pequenos animais. Essa faixa abundante de vida é resultado da intervenção direta dos (as) pescadores (as) no ambiente ao longo destes mais de quarenta anos que habitam este lugar. A premissa “humanos = degradação ou preservação do meio ambiente = inexistência de pessoas” constrói dicotomias que nada ajudam os (as) pescadores (as) e muito menos o meio. Os (as) pescadores (as) possuem um vasto repertório de conhecimentos tradicionais sobre as plantas, árvores e raízes, pouco aproveitadas devido as restrições de uso do ambiente. Mesmo com as restrições, testam, experimentam e produzem biodiversidade no tempo da pesca.

Figura 29



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 30



Fonte: Simone Frigo (2016).

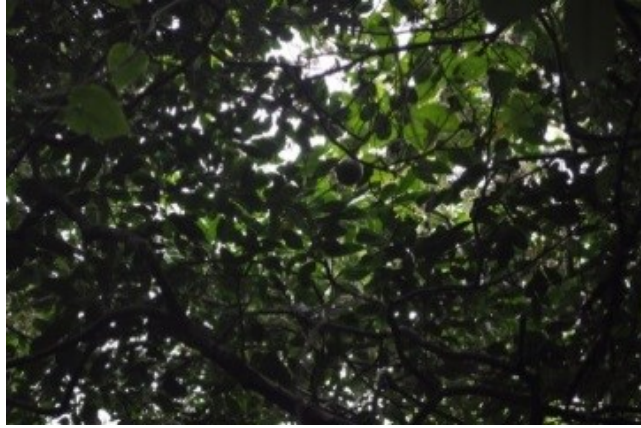
Ao lado do barraco de Raquel e Valdir vê-se as folhas de uma erva medicinal nativa usada para dor de estômago e um enxerto de horquídea feito por Raquel.

Figura 31



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 32



Fonte: Simone Frigo (2015).

A figura 31 é um pé de abacate plantado por Sandra há dois invernos. A figura 32, pés de maracujá plantados há mais de dez anos em meio as árvores da mata nativa.

Figura 33



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 34



Fonte: Simone Frigo (2015).

A mandioca é plantada nas trilhas internas que ligam os barracos e também nas trilhas de saída para a praia. Quando acaba a pesca da tainha e os (as) pescadores (as) voltam em

definitivo para a vila, costumam cobrir, jogar galhos e folhas em cima e próximo aos pés de mandioca. Pois se ficarem muito expostas, os técnicos do IAP retirarão as raízes.

Os pontos onze e doze são respectivamente a trilha do Morro do Sabão, passagem mais acessível entre o mar de fora e a praia do Miguel e logo a frente muitas pedras. Sendo esse um ponto de pesca de linha ou vara muito utilizado por homens, jovens e crianças pescadoras.

Figura 35 - Pássaros nativos da mata atlântica, Tiá-sangue macho e fêmea (ou Tié-sangue), Sete cores e Saí-azul (ou Sairá-azul).



Fonte: Simone Frigo (2015).

Ademais, os espaços dos barracos são ocupados e vividos intensamente pelas mulheres, principalmente as acampadas que saem com pouca frequência do Miguel. Passam quase todos os seus dias entre as clareiras onde estão os barracos e a praia, que ficam logo à frente. São as mulheres que ficam nos barracos enquanto os homens vão realizar outras atividades na vila. Isso ocorre quando não existe perspectiva de acontecer um *lanço de tainha*. Nereu, Rafael, Valdir e Perereca trabalham na coleta de lixo da vila de Encantadas, por isso saem todo dia bem cedo da Praia do Miguel e voltam próximo ao meio-dia. Já Nilson e muitos outros pescadores trabalham como carrinheiros²⁶ no trapiche de Encantadas, e lá

²⁶ Não é permitida a entrada de automóveis na Ilha do Mel, assim, todo o transporte de mercadorias é feito através de carrinhos puxados pelos homens. Vários pescadores trabalham nessa atividade.

passam, ao menos, parte de seu dia. Seu Ede, dono da canoa, ou seus filhos, Perereca e Marquinhos, são os homens que mais permanecem no acampamento. Seu Ede reclama da idade e diz que não consegue mais ficar subindo e descendo o Morro do Sabão.

O “estar junto” pescando, acampando ou não, ou apenas visitando os barracos, constitui um evento importante, que agrega e alimenta a dinâmica das relações entre os habitantes de Encantadas. Mesmo que não estejam acampados, a circulação constante dos (as) pescadores (as), o ir e vir, percorrer caminhos e trilhas, o estar nos barracos, demonstra um modo comum de participar da pesca da tainha e se fazer presente no cotidiano do acampamento.

A sociabilidade e as trocas não se restringem a eventos marcados ao longo da estadia nos barracos, como confraternizações de aniversários, festas dedicadas a santos católicos e mesmo o próprio *lanço*. Pelo contrário, estendem-se a outras situações esporádicas e cotidianas, nas quais os (as) pescadores (as) encontram-se envolvidos, como as reuniões para limpar peixes ou mariscos, beber uma caipirinha e escutar as notícias no rádio, além de encontros em volta do violão, com os versos de Tetê.

Do “tempo dos antigos” ao “tempo do turismo”, as mudanças – inclusive na estrutura familiar – fazem parte das conversas, em histórias personificadas por parentes, moradores da Ilha, amigos ou turistas. Marcado por tempo distintos, no tempo da pesca as relações dos (as) pescadores (as) com o ambiente mudam. Parafraseando Ingold, “Não que percebem coisas diferentes, mas o inverno permite perceber as mesmas coisas de maneira diferente” (INGOLD, 2015, p. 199). Em cada barraco, a hora do almoço, principalmente aos finais de semana, é onde, geralmente, reúnem-se as famílias em maior número. No entanto, à noite – aliada a alguma música, tocada nos rádios à pilha, celulares ou executada por algum dos acampados, e bebida – é também cenário das interações sociais no local. Netos, sobrinhos, genros, noras, primos e irmãos saem da “vila” e vêm ao Miguel com produtos – alimentícios ou não – e notícias, que podem ser da situação da casa, de fatos locais ou da novela. A visitação e o constante trânsito criam, recriam ou desfazem os laços sociais, instaurando moralidades próprias do tempo da pesca.

Por fim, compreendo o tempo da pesca e a praia do Miguel como um nó, resultado da vinculação de várias vidas. Nas palavras de Ingold, “onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó” (INGOLD, 2015, p. 219). O tempo expande a vida e estreita relações agonisticamente. Aqui, busquei entrelaçar as trilhas.

3 OS CAMINHOS DA PESCA DE SUCESSO: TÉCNICA, PRESTÍGIO E FALAÇÃO

Figura 36



Fonte: Simone Frigo (2015).

“Sempre tive a ideia de que para a navegação só há dois mestres verdadeiros, um que é o mar, o outro que é o barco”
(José Saramago. O conto da Ilha Desconhecida)

A velha senhora com mais de quarenta anos, feita de “*um pau só*”, finalmente é acordada de seu longo descanso. Convocada com honrarias e, também, preocupação, devido a sua idade avançada, assume o posto de principal barco de pesca em Encantadas. O inverno chegou e a velha senhora é retirada de seu descanso para receber as tainhas. O inverno chegou, as tainhas chegaram e a velha canoa os recebe orientada pelo *espia*, respeitadíssimo pescador que exerce o ofício’ de acompanhar o peixe do alto do morro, funcionando como os “olhos” de todo o grupo. Conectada ao *espia* e ao grupo, atravessa a arrebentação fazendo o mínimo de barulho possível, pois sabe, assim como os (as) pescadores (as) que a tainha “percebe” muitas coisas, ela “é muito sensível”, principalmente, à presença de sons dentro e fora da água, na região da praia. No silêncio barulhento do mar ela avança e, aos poucos, os quatro pescadores eleitos pela canoa, em acordo com os (as) demais pescadores (as), soltam uma enorme rede que desenha um semicírculo no mar se estendendo até o fim da praia, cercado a tainha. Na praia é necessária a presença de pelo menos trinta pessoas para puxar a rede que tem cerca de cinquenta braçadas. Os (as) pescadores (as), portanto, acionam técnicas e petrechos exclusivos para este tipo de peixe. O sucesso da pesca realiza-se quando a junção destes três elementos (pescadores (as), técnicas e petrechos) flui com perfeição e consegue-se enganar a tainha até um ponto aonde ela não possa mais fugir. Um *lanço* de sucesso pressupõe que a tainha não escutou, pois, se tivesse, teria fugido. Enganando a tainha, mata-se o peixe.

Paciência e atenção são qualidades intrínsecas destes (as) pescadores (as). No entanto, uma pesca de sucesso não depende apenas da harmonia perfeita entre pescadores (as), técnicas e petrechos. O sucesso também depende de como e quem irá contar a história da tal pescaria, passa por ideias de prestígio e, também, pela falação, pela forma e intensidade dos contos da pesca. Este capítulo trata destas questões.

3.1 LANÇO DA TAINHA

“Essas tainhas estão é de brincadeira com a gente. Dois dias nesse vai e volta”. Fim de tarde, voltando do acampamento de pesca para a vila, em cima do Morro do Sabão, eu, Daniele e Ricardo, seu marido, paramos para olhar um cardume enorme de tainhas “paradas” nas encostas do morro da cruz. *“Olha lá Simone! Elas estão bem ali em cima da laje”*, aponta-me Daniele. Eu, mesmo tendo feito um campo bem prolongado, poucas vezes consegui reconhecer as tainhas olhando-as em cima do morro. Técnica dominada amplamente por grande parte dos habitantes da Ilha. Mas aquele dia realmente foi uma exceção, eu consegui ver.

A laje é uma espécie de amontoado de pedras próximo à encosta do morro. Conforme os ventos e marés pode-se observar o formato plano próximo da superfície. A tainha que chega à Ilha do Mel segue uma rota já predeterminada. Entra pelo canal da Calheta, vai para o mar de fora (praia antes do Morro do Sabão) ou para o mar aberto, ela escolhe seu caminho. Mar aberto é o caminho mais rápido que as leva para o litoral sul de São Paulo. No caminho pelo mar de fora, ela costeia grande parte da Ilha. Nestes casos é que se abre a possibilidade para os (as) pescadores (as) de Encantadas de matar o peixe. Passando pelo mar de fora se chega à praia do Miguel. Entre esses dois pontos estão os morros do Sabão e da Cruz em terra e, no mar, a laje. A laje é o local onde os peixes dormem, descansam ou simplesmente se escondem quando percebem um perigo iminente, nos casos mais comuns quando percebem os homens.

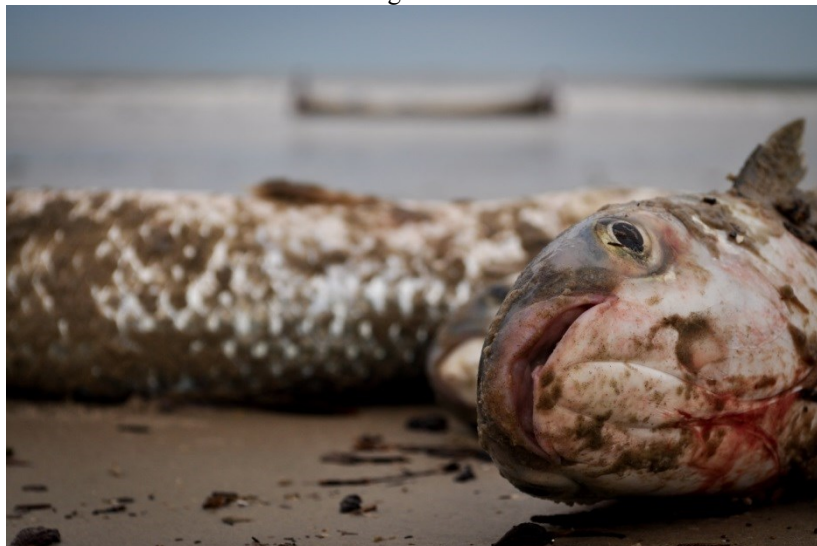
Eu via. Elas estavam lá faziam dois dias. A coloração do mar refletindo a cor do cinza chumbo²⁷ das tainhas e as ondas rápidas produzidas pelo grande cardume, destoando do mar calmo. Há dois dias faziam os (as) pescadores (as) de bobos, mas como disse Sandra, *“a culpa é nossa. Olha o tanto de gente que fica correndo na praia ou mesmo vem correndo lá do morro (se referindo ao Morro do Sabão)”*. Regra número um da pesca da tainha: jamais corra

²⁷ As cores refletidas pelo mar variam de prata a cinza chumbo, de dias com sol aos dias nublados. Neste dia específico, o tempo estava nublado, com muitas nuvens e quase nenhum sol.

ou grite antes do peixe ter sido cercado por completo. “*A tainha escuta tudo, ela sente*”. As personalidade da tainha é objeto de inúmeras discussões dos (as) pescadores (as), principalmente no que se refere a sua percepção aguçada. Durante o período da pesca não é permitido a entrada de banhista na praia, nem mesmo correr ou fazer muito barulho nas áreas de areia ou mesmo dos morros. “*A tainha percebe*”, “*a tainha escuta e foge*”, dizem os (as) pescadores (as).

A tainha possui um sistema sensorial bastante desenvolvido. Três sentidos compõem aquilo que os (as) pescadores (as) chamam de “esperteza” da tainha: o tato, o olfato e a audição. Não digo e nem os (as) pescadores (as) afirmam que esses sentidos se equivalem aos dos humanos. Digamos que numa espécie de investigação por parte dos (as) pescadores (as) sobre as tainhas, ou seja, humanos interpretando não humanos, os (as) pescadores (as) traduzem sua relação com o outro (tainha) tomando seu repertório (humano) como o dicionário usado para a tradução. As naturezas são distintas, mas ambos, humanos e não humanos, são participantes ativos de uma multiplicidade de relações. As dicotomias clássicas pertencem à antropologia. Para os (as) pescadores (as), o ponto central ancora-se na interpretação, conhecimento do outro que está em relação. As relações entre pescadores (as) e tainhas são, principalmente, de disputa. Ganha aquele que conseguir enganar o outro.

Figura 37



Fonte: Simone Frigo (2015).

Olhamos as tainhas mais um pouco. Começam os primeiros sinais do anoitecer, os insetos nos lembravam. “*Vamos embora. Hoje elas não saem mais daí*”. “*Vai ser amanhã bem cedo*”, disse Ricardo. Seguimos a trilha em direção à vila e, lá chegando, despedindo-se, Daniele fala em tom de deboche, “*é bem cedo em Simone! Não vai dormir demais igual*

aquele dia!". Rimos todos. O casal segue seu caminho e eu também, neste período havia alugado uma pequena casinha em um dos locais mais distantes da região central da vila.

O deboche de Daniele refere-se a um grande *lanço de tainha* que ocorreu em circunstâncias parecidas com a descrita aqui. Eu não acompanhei este grande *lanço* ao qual ela se referiu, pois dormi demais e cheguei ao acampamento às 7 horas e 30 minutos. Do alto do morro eu vi a canoa fechar o cerco e a rede começar a ser manuseada na areia. Todos tiraram muito sarro de mim neste dia, pois dormi demais. Não querendo que este episódio se repetisse, cumpri minha rotina perfeitamente. Fui dormir às 21 horas e acordei às 5 horas e 30 minutos. Às seis e meia da manhã já estava no acampamento junto a tantos outros que vieram da vila. Agora é a espera. Espera-se o momento do lanço, o sinal daqueles mais experientes que, capazes de ler as "entrelinhas" do mar e de perceber suas sutilezas, se revezam na observação das águas, de sua coloração, de sua ondulação. O tempo de espera para que a tainha finalmente se aproxime pode durar horas, dias, semanas até. Neste caso já se passavam 48 horas e a impaciência estava expressa nos olhares, mas não verbalizada. Não se pode reclamar da demora do peixe, pois aí que ele não vem mesmo. Outra regra.

Sete horas da manhã, muitas pessoas estão nos barracos tomando café. Há um clima diferente, uma expectativa, uma tensão velada. As mulheres, especialmente as mais velhas é que mantém a tensão controlada, no limite do necessário. Muitas vezes eu, que as acompanhava cotidianamente, as via com espanto. Elas deliberadamente encenam tranquilidade. "*O peixe vai vir quando Deus quiser. Vamos continuar nosso trabalho. Quando ele (peixe) chegar os homens avisam*", falas repetidas na atuação.

No barraco de Sandra, entre conversas sobre a organização da Festa Junina, eu seguindo a cena, lavo louça. Sandra limpa uns peixes pegos no cambau²⁸ da noite anterior. Primeiro um som²⁹, espécie de grito, sinal. Não sei reproduzi-lo, mas sei identifica-lo. São as tainhas. Recebemos o aviso pelo rádio que o cardume da laje está se movimentando e que a canoa deveria ser baixada. Os homens descem a canoa com extremo cuidado, colocando-a mais próximo do mar. Param, observam e ficam atentos ao *espia* que fala pelo rádio. Nós, mulheres, não saímos dos barracos enquanto a canoa não estiver no mar. As regras obviamente variam, sendo mais restritas dependendo da família e do contexto. Não é de bom tom as mulheres ficarem na praia enquanto a canoa não sai para o mar, isso é certo. As pescadoras costumam chamar para dentro (para o barraco) inclusive as turistas que passam na praia. No geral, optei por seguir as regras impostas às mulheres. Algumas vezes fui liberada,

²⁸ Falarei sobre o cambau no final deste capítulo.

²⁹ O capítulo seguinte tratará especificamente das percepções dos (as) pescadores (as).

pelas próprias mulheres, para tirar fotos e ver o *lanço* completo. Afinal, “*eu tinha que ver tudo para poder escrever certinho*”, assim me defendiam algumas mulheres quando supostamente eu estava infringindo alguma regra.

Ouvimos no rádio que o peixe voltou, voltou para a laje. “*Essa tainha tá brincando com a gente!*”, comenta seu Carlinhos, *espia* que fala ao rádio. Os homens permanecem na praia, atentos à movimentação dos *espias*. Eu e Sandra nos preparamos colocando nossas botas estilo galocha e capa de chuva, o dia estava muito frio. Coloquei as botas e ouvimos alguns gritos. É a tainha. Em seguida, Sandra faz sinais e começa a avisar: “*Corre! corre! corre!*”. Corro e os gritos “*peixe! peixe! peixe!*” tomam conta do local do acampamento.

As tainhas, que entraram pelo canal da Galheta junto com os navios que vão em direção ao Porto de Paranaguá, finalmente costeiam a ilha em direção à praia do Miguel. Chega o momento ápice da pesca: o “*lanço*”. A canoa com dez braços de comprimento e feita de “um pau só” sai da praia com cinco pescadores experientes. Atravessa a arrebentação e, aos poucos, os pescadores soltam uma enorme rede que se estende até o fim da praia, cercado a tainha. Na praia é necessária a presença de pelo menos trinta pessoas que, em sua maioria, acabam sendo mulheres, para puxar a rede que tem cerca de cinquenta braçadas.

A canoa e a rede de pesca são petrechos fundamentais para a realização da pesca. Tem uma função determinada previamente, auxiliar na captura do peixe. No entanto, estes objetos não são vistos como inertes, eles interagem com os (as) pescadores (as). Objetos fabricados, construídos como parte de processo que tem uma história na rede de relações e não estão inteiramente sob o domínio de seus criadores. A canoa tem mais de trinta anos, trazida de outra ilha da região, não exige grandes cuidados de manutenção, apenas de manuseio. Já a rede, tecida pelos pescadores, exige constantes reparos e também, técnicas de utilização. Esses petrechos exigem técnicas de manuseio apuradas. Em geral, apenas os pescadores (homens) sobem na canoa e soltam a rede. Existe uma percepção forte de que estes petrechos não estão sob o domínio completo do homem, podendo ocorrer situações não previstas apenas pelo domínio da técnica. Não há uma construção apenas humana, partindo de um sujeito que domina a técnica. Há a relação com o não humano, com o material que “resiste” ao homem e interfere (e tem uma história) nesta construção. Escutei relatos sobre pescadores que, mesmo sendo muito experientes, acabaram morrendo afogados ao prender um dos pés na rede e serem jogados ao mar.

Ao chegar à praia, a canoa já ultrapassou as ondas e está começando a desenhar um semicírculo. No ponto de partida, um grupo de pescadores (as) segura uma das pontas da rede. Durante esse movimento, a rede vai sendo paulatinamente lançada ao mar, tentando assim

cercar o cardume que passa, sempre perseguido pelo olhar atento do *espia*. O céu está azul e a imagem de sua movimentação lembra uma pintura. Volta e meia, as vozes juntas entoam um “*vaamoo, vaamoo, vamooo*”, e entre quinze e vinte pessoas puxam cada uma das pontas da rede. A canoa está a uma distância considerável e não é possível enxergar quem está embarcado. Seu Ede e Nereu coordenam as ações e a forma com que a rede é puxada; em outros momentos, Sandra e Rute orientam também. Três homens entram no mar para levantar a rede e evitar que o peixe escape do cerco. Congue, irmão de Fique, que está cuidando para a rede não levantar, sorri o tempo todo. Alguns turistas que estão na praia também registram o momento com seus equipamentos.

Figura 38



Fonte: Simone Frigo (2016).

A cada tainha que salta e bate na rede, o pessoal grita, brada, demonstrando felicidade com a agitação dos peixes. A canoa fecha o cerco rapidamente, mas, antes de parar na praia, permanece um tempo na direção das pedras que costeiam o Morro do Sabão. A rede vem sendo puxada em direção ao barranco e ao centro da praia. Nereu orienta a puxada: “*Quando chegar perto do barranco, vai pra frente*”. A força é medida conforme a rede se aproxima da praia. Quando ela está quase toda na areia e é possível ter uma ideia da quantidade de peixes, ouvem-se murmúrios de agradecimento. Algumas pessoas aplaudem.

Figura 39



Fonte: Simone Frigo (2016).

No momento em que a rede está toda na praia, todos riem: “*Vamo! Vamo! Vamo!*”. Sandra exclama: “*Deus, obrigada de novo!*”. Os peixes começam a ser retirados da rede. As tainhas, que parecem bem grandes, são seguradas pelo rabo e pela parte de cima da cabeça, sendo colocadas em um monte no barranco ou “escondidas” em meio ao mato, caso o dia seja de sol. Lígia comenta sobre o “boi”³⁰, quando o pessoal que lanceava escondia a tainha no mato para consumo próprio. Todos ajudam a puxar a rede.

As mulheres contam os peixes, alguns homens observam o mar. Esse momento, da contagem, é todo realizado e sob responsabilidade das mulheres pescadoras. Elas fazem uma espécie de círculo em torno dos peixes e a maioria fica observando a contagem, comentando, sempre com voz muito baixa, os acontecimentos daquele *lanço*. Esse momento exige silêncio por parte de todos, pois as que estão contando o peixe podem ter sua concentração quebrada com as vozes alheias. Apenas três, no máximo quatro mulheres contam e não é qualquer pescadora. A conta dos peixes é um dos grandes acontecimentos de um *lanço*, pois a partir do número se saberá mais ou menos o valor arrecadado na venda do peixe e, ao final, quanto cada pessoa receberá. Sandra, Emily e Débora são as pescadoras que geralmente fazem a contagem, agrupando as tainhas em montes de cem. Depois se contam os montes. Aqui, mulheres e homens fazem a contagem para conferir a quantidade correta de peixes. As pescadoras “escolhidas” são mais jovens que as demais e “tem cabeça boa pra contar”. Além disso, são de confiança, são representantes, filhas ou irmãs, das três famílias principais que fazem a pesca. Presenciei pescadoras que contavam as tainhas, porém, não se encaixavam no

³⁰ Outras pessoas falaram sobre o “boi”, comentando que era uma prática comum, principalmente quando os pescadores acreditavam que o dono da canoa não dividia os quinhões de maneira justa, ou quando havia a necessidade dos peixes para o consumo.

perfil acima, sendo sutilmente retiradas do processo. Fiquei extremamente feliz quando, em ocasião de grande quantidade de peixes, fui chamada para ajudar na contagem.

Figura 40



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 41



Fonte: Simone Frigo (2016).

Enquanto as mulheres contam os peixes, os homens recolhem a rede novamente para dentro da canoa. Os mesmos cinco homens que lançaram a rede colocam a canoa no mar e fazem, novamente, um semicírculo. É o mesmo desenho feito no mar no momento do *lanço*, só que refeito em sentido contrário. Guarda a mesma beleza, apenas com menos entusiasmo.

Figura 42



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 43



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 44



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 45



Fonte: Simone Frigo (2015).

Na extensão da praia, além dos nomes anotados na areia, que indicam aqueles que participaram do *lanço*, é possível, em uma olhada mais atenta, ver, amontoadas em cima dos barrancos, as tainhas que estão parcialmente cobertas pela vegetação. O calor não era intenso, mas a quantidade de peixes exigiu esse cuidado, cobrir com galhos e folhas.

Figura 46



Fonte: Simone Frigo (2015).

Os homens se lavam com água morna já preparada pelas mulheres. Geralmente se come algo, um pão, bolacha e se toma um café para esquentar. Cerca de meia hora depois, todos voltam para a praia e ocorre a primeira divisão do quinhão.

A divisão dos peixes e do lucro se dá através do que chamam de quinhão. Quando o *lanço* é pequeno, ou seja, até uns cem peixes, se faz a divisão completa dos quinhões e não se leva nada para vender. Assim, as pessoas, na média, ficam com três peixes cada. Quando o *lanço* é maior, faz-se essa divisão inicial, mas com um, no máximo dois peixes por pessoa e os outros são transportados até o trapiche de Encantadas e de lá, levados para o mercado de

peixes da cidade de Paranaguá. Seu Nilson, *patrão da canoa*, é a única pessoa que vi fazer essa divisão. Ele escolhe os peixes que serão divididos, colocando-os em fileira. Alguns acompanham de perto, mas a maioria só se aproxima quando ele terminou de enfileirar. Depois disso, cada pessoa que participou do *lanço* vai e escolhe entre aqueles separados pelo *patrão*. Desde minhas primeiras incursões ao campo, quando efetivamente comecei a “puxar o *lanço*”, entrei nesta divisão do quinhão. No começo fiquei relutante, não queria aceitar os peixes, mas fui obrigada a entrar no circuito pelas mulheres pescadoras. “*Você está todo o dia aqui com a gente. Você puxou o lanço, você tem direito. Se você não pega, daqui a pouco os homens vão achar que a gente também não deve pegar*”. Pronto. Fui convencida. Nos últimos dois anos, período de trabalho de campo intenso, entrei também para o quinhão resultante da venda do peixe em Paranaguá. Não questionei. Usei este dinheiro para imprimir fotos, comprar comida e bebidas, levar presentes para meus amigos da Vila de Encantadas.

O lucro resultante da venda dos peixes no mercado é dividido da seguinte forma: primeiro divide-se igualmente o lucro entre o número de participantes do *lanço*. Chegado a um valor total por pessoa, multiplica-se por dois este valor para o *espia* e os donos da canoa e petrecho. Assim, esses ganharam em dobro.

Figura 47



Fonte: Simone Frigo (2016)

Figura 48



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 49



Fonte: Simone Frigo (2016).

O trabalho de carregar as tainhas já está começando. Existem três maneiras de proceder a partir deste momento. Uma relacionada à quantidade de peixes capturados e outras duas dependem do “humor” do grupo. A primeira grande questão diz respeito à quantidade de peixes. Quando se mata muitos peixes, um barco é chamado para que o embarque dos mesmos seja realizado através da praia do Miguel. Assim, com o auxílio da grande canoa, os peixes são postos nela, levados para além da arrebentação e depois embarcados no barco que seguirá para Paranaguá, local onde se vende a maioria absoluta das tainhas. Durante os vários anos que acompanhei a pesca em Encantadas, vi o peixe ser embarcado diretamente pela praia do Miguel muito poucas vezes, talvez umas seis ou sete. As correntes dessa região dificultam muito o acesso de barcos no local. Percebi o quanto era perigoso esse processo quando senti dois dos maiores pescadores de Encantadas, Seu Nilson e Seu Nereu, realmente tensos. Pensei comigo, “*isso é sério*”. Além disso, o custo também é maior. O barco tem que vir de Paranaguá pegar o peixe, portanto, o desconto na sua venda será maior. A quantidade de

peixes tem que ser realmente grande para valer os riscos e os custos. Essa quantidade, nos períodos que estive em campo, sempre foram superiores a dois mil e quinhentos peixes. Ou seja, na maioria das vezes utilizam outro método para carregar o peixe, que é levá-lo por terra até a Vila de Encantadas e de lá, saírem com seus barcos (menores) para vender os peixes em Paranaguá.

Figura 50



Fonte: Simone Frigo (2016).

Para levá-los por terra existem duas formas. Uma chamada mais “tradicional”, como dizem, é o do cipó. Tiras de cipós, já preparados anteriormente, são usadas para facilitar a junção de tainhas para serem carregadas, nas costas Morro do Sabão acima. O cipó é colocado na boca da tainha pela guelra. Explicam a técnica: abre-se a guelra e enfia-se o cipó por um orifício que chega à boca. O nó é feito “por fora”, duas vezes, para que fique firme. Depois de “enfiadas”, as tainhas começam a ser carregadas até o barranco. A técnica para carregar mais tainhas é pendurá-las pelo cipó em um galho, geralmente levado em duas pessoas. Esse é um momento de descontração, ao menos do momento que se coloca os peixes no cipó, de quatro a dez, dependendo da força da pessoa, até a chegada a subida do morro. Comentam muito sobre o “boi”, uma prática comum, principalmente quando os pescadores acreditam que o dono da canoa não divide os quinhões de maneira justa.

As mulheres utilizam um pequeno pedaço de madeira pra colocar três ou quatro tainhas e, assim, não machucar os dedos. Carrinhos de mão também são utilizados para transportar os peixes até o final da praia. A quantidade de peixes irá determinar até onde as mulheres levam os peixes. Quando são muitos, as mulheres e homens sobem e descem o morro com as tainhas nas costas. As capacidades físicas é que determinam quanto cada pessoa pode fazer. No entanto, se as mulheres considerarem que a quantidade de peixes não é alta,

elas apenas levam os peixes até o pé do morro, sobem e descem algumas vezes e depois, pouco a pouco vão se retirando de volta para os seus barracos de referência. Nesses casos, as mulheres casadas começam a dizer “*eu tenho marido, não vou carregar tainha pelo morro*” e repetem a frase algumas vezes até se retirar. As solteiras e ou separadas, ainda fazem uma ou duas viagens, mas também se retiram, deixando o final da tarefa para os homens. Os homens reclamam, mas continuam até finalizar o transporte.

As relações dos (as) pescadores (as) com a tainha continuam com a venda, com o preparo do alimento, com a mata, com o mar etc. O próximo *lanço*, na maioria das vezes, terá uma estrutura organizativa similar. No entanto, o peixe não é o mesmo, nem o vento, nem o mar, nem as pessoas, nem o humor daquele dia. No processo que “faz fazer”, do *lanço* da tainha, não cabe estabelecer causalidade, não há o “fazer-agir” causal. O que está em discussão não é a causalidade de instâncias já existentes (como, por exemplo, quando se estabelecem de antemão pares como sujeito – objeto, fabricante – fabricado, agente – agido). Ocorre que nenhum ente domina totalmente o processo, como também nenhuma pessoa simplesmente age. Esse é um sistema de relações entre objetos, animais e pessoas em movimento.

Figura 51



Fonte: Simone Frigo (2016).

O *lanço* é o ápice dessa pesca de praia e articula-se em uma série de atividades realizadas coletivamente por diferentes atores. Assim, cabe ressaltar quem são os atores da pesca, pois muitas vezes a noção de ator foi confundida com os tradicionais atores da sociologia, com o indivíduo como fonte e origem de uma ação. Latour (2009) nos diz que um ator é tudo o que tem agência, isto é, ele se define pelos efeitos de suas ações. Isso significa

dizer que um ator não se define pelo que ele faz, mas pelos efeitos do que ele faz. E mais, o ator não se confunde com o indivíduo, ele é heterogêneo, díspar, híbrido. Eles vão dos *espias*, que exercem seu ofício de acompanhar o peixe do alto do morro, funcionando como os “olhos” de todo o grupo, aos *patrões da canoa*, *popeiros* e demais pescadores, que embarcam na canoa e desenham uma espécie de semicírculo no mar, até aqueles que puxam a rede, recolhem, contam o peixe, o dividem entre quinhões e o levam à venda. Seguindo essa trilha, como diz Ingold (2003), de pescadores (as), objetos e tainhas, a seguir, apresento aqueles, que, à primeira vista, protagonizam o *lanço*.

3.2 CANOAS, REDES E OS ESPECIALISTAS

Como dito, a canoa utilizada para a pesca da tainha serve somente a este propósito. Além de ser antiga, ter mais de quarenta anos, e exigir manutenção constante, também não é mais apropriada para pesca que ultrapasse muito os limites definidos pela arrebentação das ondas próximas as praias. A escavação constante provocada pelo fluxo intenso de navios no Canal da Galheta, passagem obrigatória dos navios que entram e saem do Porto de Paranaguá, criou intensas correntes de retorno que inviabilizam a utilização da canoa, por conta de seu tamanho e peso. Feita de um pau só, ou seja, talhada a partir de uma única árvore, tem boca de um pouco menos que uma braça e loa de mais ou menos três braças. Apenas na descrição, explicação sobre a canoa, presenciei a insistência no uso de termos náuticos técnicos oficiais, no caso boca e loa, representando, respectivamente, a largura máxima do casco e o comprimento de fora a fora da embarcação (ALMEIDA, 2009). A unidade de medida de comprimento ou altura é a braça, que equivale a mais ou menos um metro e meio.

Figura 52



Fonte: Simone Frigo (2016).

A braça, unidade de medida de comprimento, é largamente utilizada entre pescadores (as) do litoral do Paraná. Chieus (2009), no artigo “A braça da rede, uma técnica Caiçara”, propõem-se a um estudo etnomatemático sobre a questão. Conforme o autor, a braça como unidade de medida é uma característica exclusiva dos caiçaras, população do litoral paulista, paranaense e norte catarinense. Este padrão de medida “sobrevive” em detrimento do sistema métrico (oficial) devido ao seu contexto cultural específico³¹. Assim resume:

Mesmo com a criação do sistema métrico decimal e toda sua precisão, determinadas técnicas ainda são preservadas com o passar do tempo, no caso, a braça da rede dos caiçaras que continua resistindo a este sistema e para se integrar na comercialização, eles fazem as transformações da braça para o metro, sendo que, cada braça corresponde aproximadamente a 1,50m. (CHIEUS, 2009, p. 12).

Origens, resgates e sobrevivências não representam exatamente minhas preocupações, mas devo fazer algumas considerações sobre outros aspectos levantados por Chieus. Em Encantadas, assim como aponta o autor, uma braça corresponde aproximadamente a 1,5m nas explicações. Sim. Padronizou-se falar da braça como 1,5m. Mas a unidade de medida braça entre pescadores (as) de Encantadas pressupõe que a contagem seja pautada no habitar.

Na busca de um caminho que considere a agência humana como condição própria do estabelecimento do ambiente, Ingold (2011) propõe pensarmos que a distinção entre o

³¹ Aspas e parênteses meus.

ambiente e a natureza corresponde à diferença de perspectiva, entre vendo a nós mesmos como seres dentro de um mundo, ou fora dele. Deve-se considerar que estes ambientes estão continuamente em processo e ele é compartilhado por vidas das mais diferentes espécies. Por ambiente, visualiza um emaranhado de trilhas entrelaçadas continuamente onde os seres (humanos e não-humanos) crescem ligando-se e desligando-se de relações. Através das ideias de tecelagem e de malha, Ingold (2013) apresenta dois pontos importantes de sua teoria: a constituição relacional do ser e a primazia do movimento. Assim as define:

[...] não há dentro ou fora, e nenhum limite que separe os dois domínios. Pelo contrário, há uma trilha marcando um movimento ou crescimento. Cada trilha traça uma relação. Mas a relação não está entre uma coisa e outra – entre o organismo ‘aqui’ e o ambiente ‘lá’. Ao contrário, é uma trilha ao longo da qual a vida é vivida: um fio em um tecido de trilhas, que formam a textura da vida. É essa a textura a que me refiro quando falo de organismos que estão sendo constituídos dentro de um campo relacional. Não é um campo de pontos interconectados, mas de linhas entrelaçadas, não uma rede mas uma teia (INGOLD, 2013, p. 15).

Desta forma, coisas e pessoas habitam o mundo, não simplesmente os ocupam e, habitando o mundo, percorrem caminhos através das teias de relações. O mundo habitado não tem superfície. Qualquer coisa que encontremos, o solo, a água ou os edifícios estão no mundo, não são o mundo (INGOLD, 2000, p. 241). E “entrelaçados em sua própria textura estão às linhas de crescimento e movimento de seus habitantes. E é como linhas de movimento, e não como entidades móveis autopropulsoras, que os seres são instanciados no mundo” (INGOLD, 2013, p. 17).

Para explicitar meu argumento descrevo a rede de pesca de tainha utilizada. Ao final do capítulo, volto a descrição da canoa.

A rede, assim como a canoa, só é utilizada para a pesca da tainha de arrasto ou de praia, como chamam. Exatamente pelos mesmos motivos citados para a não utilização da canoa em outros eventos pesqueiros. A rede utilizada já há alguns anos (cerca de sete anos) tem mais ou menos oitenta braçadas de comprimento total. A rede de arrasto, muito comum na pesca da tainha, tem em seu centro sua maior altura, cerca de oito braças e é chamada de cópio. As braças da altura diminuem gradativamente conforme se afastam da parte central da rede até mais ou menos uma braça chegando às pontas, os calões de saída e chegada da rede. O calão de saída e o calão de chegada são muito parecidos, sendo o de saída um pouco mais pesado e preso por estaca de ferro ou madeira cravada profundamente entre o final da restinga e o início da praia. Acima, a cortiça e, abaixo, o chumbeiro. O formato completo da rede é de meia lua, feita de malha de oito centímetros e nylon, exceto no cópio (área central da rede).

No cópio, área central de mais ou menos quinze braças, a rede é feita na malha nove, porém o seu material é o fio de seda, bem mais resistente. Essa região é mais alta e precisa ser mais resistente, pois quando o cerco da tainha se fecha em meia lua é para o centro que os peixes se dirigem fazendo grande força e pressão nesta região. Percebam nas fotos abaixo o contraste de cores do cópio e o restante da rede, fio de seda e nylon transparente.

Figura 53



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 54



Fonte: Simone Frigo (2016).

Figura 55



Fonte: Simone Frigo (2015).

Pois bem, afirmei que a rede mede mais ou menos oitenta braças, mas isso não significa que seu comprimento seja equivalente a 1.200 metros. Aliás, se o objetivo fosse saber qual o comprimento da rede em metros, os (as) pescadores (as) já mediriam inicialmente em metros, e não em braças para depois calcular em metros. Mesmo sabendo que a razão não é necessariamente instrumental, neste caso não faz sentido.

Figura 56



Fonte: Simone Frigo (2016).

Uma questão importante para a compreensão das medidas relacionadas às técnicas de pesca diz respeito à fixação dos padrões de contagem. Tenho cá minhas dúvidas, creio que nenhum dos (as) pescadores (as) mais ativos tenha algum dia medido o tamanho da rede ou conferido as braças da boca da canoa. Isso não significa que eles não saibam e muito menos

que não dominem as técnicas diretamente relacionadas às medidas. Os números só fazem sentido se experienciados na técnica do pescar. As oitenta braças de rede, que certamente foram contadas por algum pescador cujo braço mede 'x', só faz sentido no processo de interação com a rede. Então, o oitenta vai se relacionar com a velocidade da canoa, que se relaciona com os ventos e as marés, voltando ao pescador que é responsável por jogar o chumbeiro da rede, por exemplo. O ritmo que se joga a rede de oitenta braças é determinado também por outros fatores que não apenas a medida oitenta braças, mas também a velocidade do cardume, ventos, marés, a posição dos (as) pescadores (as) na praia. Portanto, o comprimento de oitenta braças de rede dificilmente é acionado durante a pesca. A técnica de manuseio da rede exige um conhecimento tátil da medida, pois os fatores mencionados acima podem fazer com que se usem quarenta, sessenta ou menos braças. Assim também é a experiência da técnica para os (as) pescadores (as) que estão na praia puxando a rede. O manuseio da rede, fechar o *lanço*, pressupõe uma relação direta com os ventos, a quantidade de peixes, o número de pescadores (as) na praia, as marés etc.

Assim, quando Ingold (2013) nos propõe trazer “as coisas de volta a vida”, fala sobre restaurar os processos em que as coisas estão absorvidas. Para o autor, as formas de um objeto não são impostas de cima, mas crescem a partir do envolvimento mútuo entre pessoas e materiais em um ambiente. Ingold está propondo uma ontologia que priorize os processos de formação ao invés do produto final, e os fluxos e transformações, em detrimento dos estados da matéria.

Figura 57



Fonte: Simone Frigo (2016).

Canoa e rede, além dos quatro remos, são essenciais para a pesca da tainha em Encantadas, pesca de arrasto, pesca de praia cujos petrechos têm capacidade para a captura em larga escala. Por vezes, se fala na possibilidade de obtenção de canoa e rede menor, de maior leveza e mais fácil manuseio, no entanto, sempre que ocorre um *lanço* que captura grande quantidade de peixes, essa ideia é esquecida. Nos dois anos de campo intenso, 2015 e 2016, ocorreram *lanços* de cinquenta até sete mil oitocentos e quarenta peixes. Esse um recorde em mais de trinta anos. Sete toneladas de peixe. Os cardumes de tainha foram abundantes comparados aos dois anos anteriores, 2013 e 2014. O que condiz com uma interpretação local de que os sucessos e fracassos da pesca ocorrem sempre em dobro. Pesca boa por um ano, pode ser sinal de que no próximo isso também ocorrerá. Ruim um ano, maior probabilidade de que o próximo também seja pouco satisfatório. O contexto aciona ou não este tipo de interpretação. A nostalgia do tempo dos antigos e abundância ilimitada de peixes foram muito ressaltadas entre os anos de 2013 e 2014, já em 2015 e 2016, esse discurso praticamente desaparece.

Figura 58

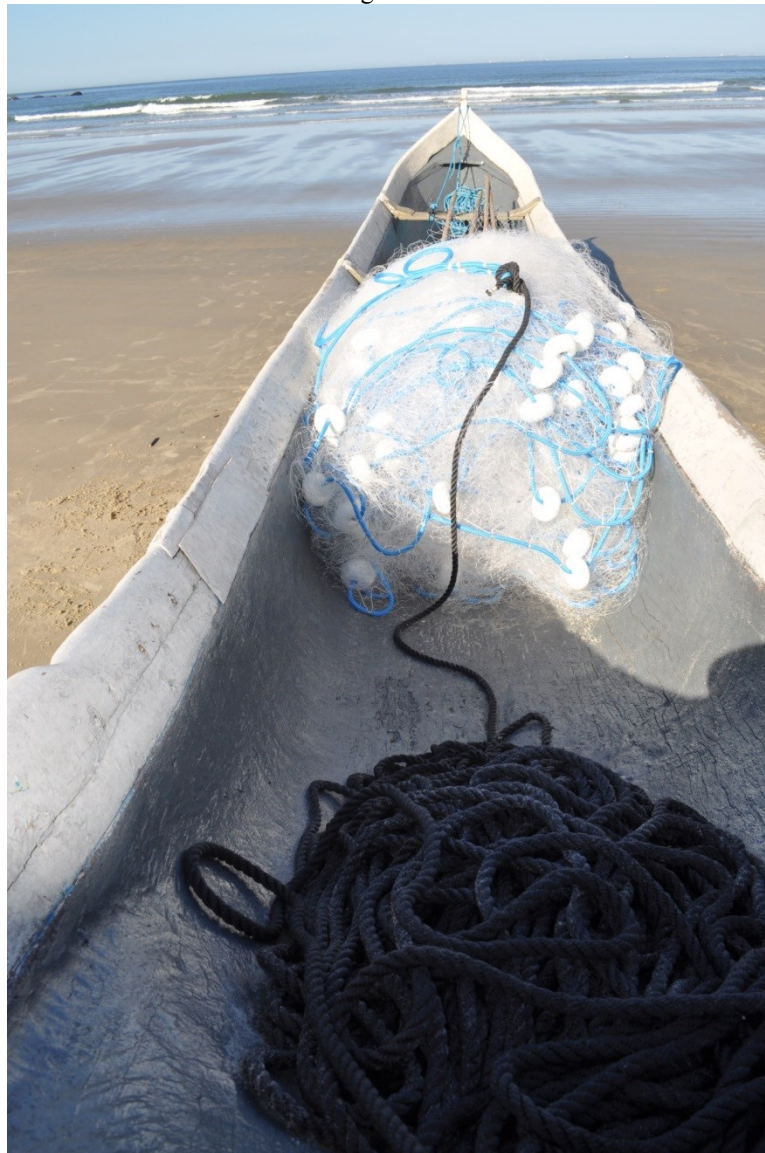


Fonte: Simone Frigo (2016).

A canoa e a rede foram compradas já usadas em Pontal do Paraná. Atualmente Seu Ede é o único dono destes petrechos, mas já esteve em sociedade com Miguel, pescador que se mudou da Ilha para a Baía de Guaraqueçaba. Muitos relatos apontam Guaratuba, litoral sul do Paraná, como local de aquisição dessas embarcações, e ainda a região de Guaraqueçaba, como espaços onde haviam condições necessárias para a construção destas canoas: madeiras apropriadas e mestres canoieiros especializados neste ofício. É certo que já não se fazem mais canoas na Ilha, devido às restrições ambientais, no entanto, também existe um debate entre os

(as) pescadores (as) sobre as reais possibilidades de construção de canoas muito grandes e pesadas como a utilizada na pesca. Para Clodo: *“A canoa da tainha é uma árvore muito grande, de quase 1,20 metro de boca, é muito grande. Essas árvores, acho que nem existe na Ilha, tem árvore aqui de Floresta Atlântica, mas tem árvores fininha, talvez no morro tenha, mas não com esta grossura, então vinha de fora”*. Já Nereu, um dos mais experientes pescadores, acha perfeitamente possível encontrar árvores que tenham tamanho e espessura suficiente para construção de canoas grandes e credita às leis ambientais a impossibilidade destas construções.

Figura 59



Fonte: Simone Frigo (2015).

A ideia de uma mecânica, de uma sequência de ações que culminam no cerco do peixe – repetida por gerações – reforça a ideia de tradição conferida a ela pelos próprios pescadores. No caso de petrechos, como o chumbeiro e a rede, as transformações referem-se, principalmente, aos materiais com os quais são produzidos. Muitas vezes, materiais hoje encontrados no comércio, como o *nylon*, são mais fáceis de se adquirir ou demandam menos tempo de manufatura do que os que eram utilizados antigamente. Um exemplo é o chumbeiro, que, como aponta a descrição feita por Clodo teve várias técnicas de feitiço: de barro ou argila, ou de pano e saibro, até a forma atual, produzida a base de chumbo. Apesar das mudanças relativas às matérias-primas utilizadas e ao feitiço desses petrechos, as formas de uso dessas ferramentas pelos (as) pescadores (as) mantêm suas principais características. Na descrição feita por Tetê, é possível identificar esses usos, bem como as funções de cada especialista no momento do *lanço*:

Ah, assim, a hora que vai remando já vai soltando, a rede saiu da onda pra fora, que é aonde que é que chama o quebramento pra fora que começa a soltar a rede, aí vai soltando a rede, vai o chumbeiro, vai jogando né? Que chama o chumbeiro? E o popeiro vai soltando também a rede e remando, ele faz duas coisas assim... num movimento só! Ele joga a rede e rema, né, cara? E a tensão ainda, né?

Pra não errar o cardume que tá vindo, assim, pela frente, e não ir em cima do cardume assim! E a atenção no espia, né? Que ele está dando um sinal pra ele com o boné, com o palito lá pra ele não ir em cima do cardume, pra dizer que o cardume vem na direção e se você não está olhando o espia que está dizendo: “Mais pra fora, mais pra fora”. Você não vai pra fora, vai na direção do peixe, então tem que ter o espia que dá o sinal lá pra fazer o cerco certo! Ajuda no, na... assim, na saída do barco aqui pra quando ele ver lá que alisou lá fora, ele dá o sinal pra sair, né? Sair rápido com o pano! Ele ajuda também nas ondas... Nessa... pra indicar você ali! A rede tem quinhentos metros! Tem que ter vinte pessoas, trinta pra cada lado.

Mas nem só de petrechos (rede e canoa) se faz a pesca. O *lanço*, como os (as) pescadores (as) locais denominam o cerco da tainha, é o ápice desse evento que articula uma série de atividades mobilizadas por técnicas e prestígios. Assim, no intuito de clarificar as informações, apresento uma definição breve, mas não conclusiva, de cada uma das funções ditas especializadas, funções públicas e marcadas, quase que exclusivamente, pelo exercício de homens pescadores. Ao final deste capítulo volto a esta questão.

Donos da canoa ou patrões da canoa: proprietários, em sociedade ou não, da canoa e petrechos. Seu Ede é o dono da canoa. Fornece também as autorizações negociadas junto ao IAP. Durante o cerco, Seu Ede faz a comunicação entre o espia e o popeiro ou coordena a ação daqueles que puxam a rede na praia. Ele, pessoalmente, é quem decide quando levar a canoa para a praia do Miguel e quando retirá-la, dando início e fim a pesca. É um senhor de

certa idade e com muitos problemas de saúde, mas todos os créditos das decisões importantes parecem ser dados apenas a ele. Digo isso, pois seus quatro filhos e sua esposa, Dona Mariazinha, participam mais ativamente da pesca do que ele próprio. É parte das consequências sua família ocupar um lugar de certo prestígio na pesca, no entanto, tentem a creditar ao pai ou marido as responsabilidades das decisões tomadas com o intuito claro de se desresponsabilizarem de questões que geram conflitos entre o dono da canoa e os (as) demais pescadores (as), como o local de venda do peixe e o valor. Algumas vezes os donos das canoas são denominados também como patrões da canoa. Mas esse não é o caso, aqui é apenas o dono da canoa.

Espia é o responsável por “vigiar” o mar, a movimentação dos cardumes de tainha, passando informações via rádio e indicando ações por meio de gestos, principalmente ao Seu Ede e ao popeiro da canoa. É o espia quem dá o sinal para que a canoa seja posta no mar, bem como orienta sua movimentação em direção ao cardume.

Popeiro é aquele que “dirige” a canoa, a fazendo atravessar a rebentação inicial das ondas e, com a ajuda do espia, desenha a movimentação do cerco. Vai na popa da canoa, auxilia no remar e no jogar a rede, tem que ter conhecimentos suficientes para evitar os perigos da entrada no mar. Chumbereiro: Responsável por lançar a rede ao mar, junto com o popeiro, logo após o “quebramento” das ondas. Precisa ter muita destreza, pois a rede e o chumbeiro não podem tocar na canoa, com o risco de assustar o cardume de tainhas. Ainda sobre essas funções, Tetê sublinha a importância do popeiro, aqui também chamado de patrão:

O popeiro é quem é o patrão. O patrão é o que vai dirigindo a canoa, né? O que vai comandando com tudo, sabe? E tem que tomar muito cuidado, né? Porque a rede passa ali, né? Então, o cara que for o patrão não pode ser qualquer pessoa, tem que ser uma pessoa bem indicada, né? Pra não falhar, por que ele... O problema de saída, o de onda, de chegada, pra não se enroscar com a rede, é perigoso, sabe? Então, tem um patrão aqui, né? Que patrão bom, né? É o meu irmão... O Nilson. É o Nilson é o patrão da equipe, ele que dá o cerco!

Proeiros, remeiros ou chumbeiros: são aqueles que remam, responsáveis pela movimentação e direcionamento da canoa. É importante frisar que todos esses especialistas precisam ter conhecimentos suficientes para subir na canoa e assim desempenhar suas funções, sendo imprescindível também saber se movimentar de maneira adequada, e claro, estar coordenando suas ações a partir do coletivo que o cerca, pois, como diz Sandra, “*se um de nós faz alguma coisa errada, pode pôr a perder todo o lanço*”. Assim como durante a ação do lanço, os conhecimentos necessários para o estabelecimento da atividade pesqueira vão além da construção de canoas, da confecção de redes e das técnicas de captura, iniciando

desde o preparo de locais/pontos de pesca até a comercialização do pescado e a consequente divisão dos lucros.

Figura 60



Fonte: Simone Frigo (2015).

Dos *espias*, que exercem seu ofício do alto do morro, funcionando como os “olhos” de todo o grupo, aos *patrões da canoa*, *popeiros* e demais pescadores que embarcam na canoa e desenham uma espécie de semicírculo no mar, até aqueles que estão na puxada da rede, recolhimento, contagem e divisão das tainhas entre quinhões e o que será destinado à venda, todos fazem a pesca.

Esse conhecimento é coletivo, justamente por seu aspecto *bricoleur*, com vários indivíduos desenvolvendo diferentes partes do processo que envolve a pesca. Entre redes, chumbeiros e remos, homens, mulheres, jovens e crianças envolvem-se de algum modo com esse sistema. Por outro lado, alguns indivíduos se destacam por dominar elementos específicos e tornam-se especialistas em determinadas frações desse processo, sendo o caso do *espia*, do *popeiro*, do *tarrafeiro*, do *quinhoeiro*, inúmeras funções que são desencadeadas a partir da “*mecânica do lanço*” e do próprio sistema da pesca.

Figura 61



Fonte: Simone Frigo (2015).

3.3 UMA CAMBOADA DE SUCESSO: EVENTO, FALAÇÃO E PRESTÍGIO

O cambau é uma técnica de pesca noturna, utilizada para a captura de peixes que se afastaram dos cardumes maiores. Utiliza-se uma rede pequena com três malhas, sendo que a do meio é uma feiticeira, tendo presa nas suas duas extremidades uma madeira ou pedaço de bambu. De duas a quatro pessoas fazem uma espécie de arrasto na beira da praia, recolhendo todos os tipos de peixe que caem na rede. Geralmente se passa o cambau em dois períodos da noite que variam conforme as fases da lua. Essa técnica é utilizada nas luas cheia e nova, pois as marés são fortes e “puxam mais”. As marés fortes criam correntes que “levantam”, “mexem” os sedimentos marinhos, fazendo com que a água do mar fique “suja”, escura. Água escura e as correntes fortes trazem os peixes para mais próximos da praia. Ao contrário, com as marés de quarto (crescente e minguante), a água fica limpa e o peixe vê, sente a presença de redes e humanos.

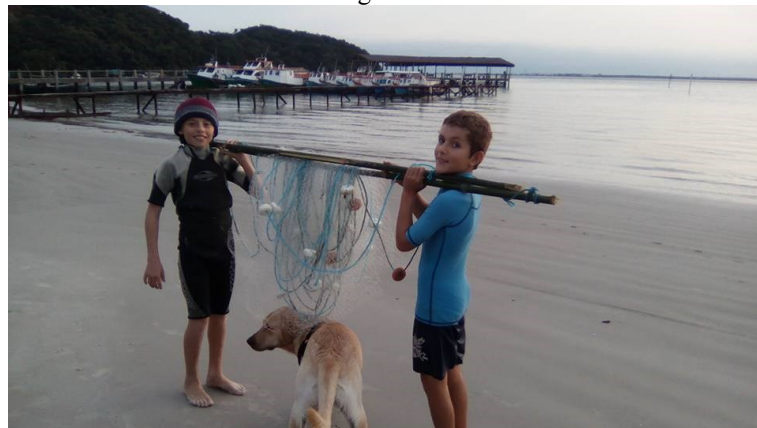
Figura 62



Fonte: Simone Frigo (2015).

O cambau e suas técnicas também são modos de aprendizagem de pesca para os mais novos. É comum que crianças e, principalmente, adolescentes tenham o seu cambau e alguns outros petrechos de pesca. Importante dizer que estes petrechos não são encarados como brinquedos, como recorrentemente se fala sobre as miniauturas de barco. São construídos pelos pais e tem tamanho\peso proporcional ao da criança. Notei que entre as crianças, as meninas pescam muito mais de linha enquanto os meninos estão mais próximos do cambau. Estes petrechos são para pescar e, por mais que a pesca não seja um compromisso entre as crianças, ela é encarada com bastante seriedade por elas. Crianças não pescam durante a noite, apenas de dia. Mas conforme aumentam os aprendizados, o interesse e a idade, essa situação muda. Adolescentes de doze, treze anos possuem suas redes e pescam à noite, mais ou menos entre às dezoito e vinte e duas horas.

Figura 63



Fonte: Simone Frigo (2015).

Dito isso, transcrevo na íntegra a parte de meu diário de campo que marcou minha primeira participação em uma pesca de cambau. Para além das minhas experiências pessoais, descrevo este evento específico, pois seu processo e desfecho foram significativos para a compreensão de como se formam e se mantem a fama dos (as) bons (as) pescadores (as).

24 de junho de 2015

Hoje vim dormir pela primeira vez no acampamento. Sandra já havia me chamado algumas vezes, assim como Rute. Mas sentia que era necessário um tempo maior de convívio para dar esse passo na relação/pesquisa de campo. Acho que estamos prontas...rs Emprestei barraca de Valdir (e Raquel) e um colchão de Rute. Fui para casa, vila tomar banho e pegar as coisas para dormir (coberta e tal) e quando voltei tudo já estava arrumado para mim. Sei que Sandra se preocupa comigo e quis me dar todo o conforto possível. Minha barraca foi armada na “varanda” do barraco dela e de Rafael, assim, vento e chuva não serão um problema, estarei protegida. Jantamos e ficamos jogando truco até umas dez horas da noite. Depois todos se recolheram para descansar até a hora do Cambau. Chuva, frio e vento, a noite estava difícil. A meia noite Valdir veio ao barraco chamar Rafael, também levantei e fui com eles. Seu Nereu já estava perto da praia, pronto. Eles insistiram para que eu não fosse com eles, pois estava chovendo e muito frio. As outras mulheres não levantaram, ficaram dormindo. Eu queria muito ver como era passar o cambau à noite, então bati o pé e disse que iria de qualquer jeito. Eles riram de mim. Tenho certeza que me acham meio doida, mas sei que posso confiar nestes três homens.

Rafael veste uma roupa de mergulho de mangas longas e curta como uma bermuda. Rafael é o mais novo dentre os três pescadores, por isso “corre por fora com o cambau”, assim dizem. Correr por fora significa que o sujeito irá segurando a rede por dentro do mar gelado de inverno. Os pescadores mais novos, porém já com alguma experiência sempre são convocados a correr por fora. Odeiam é claro, mas quase sempre obedecem. Eu fiquei com uma lanterna direcionada sempre para baixo, nunca para o mar, mais próxima a Seu Nereu que “corria por dentro”, por terra. Valdir não entra por completo, mas com água até os joelhos vai orientando Rafael. Eu já não podia vê-lo, mas sei que estava com água mais ou menos no peito. Na primeira passagem do cambau, que começou no canto da pedra (lado do Morro do Sabão), em menos de cinco minutos ouvi o primeiro assobio³² (sons que identifica que o peixe bateu na rede) de Rafael. Seu Nereu, que corria por dentro, firmou o pau da rede na areia para segurar os peixes que batiam fortemente na rede, pois sabemos que o “peixe corre” como dizem. Os peixes localizam-se, na maioria das vezes, pouco antes da arrebentação das ondas, justamente o local onde Rafael passa a rede (correndo por fora). Ao baterem na rede que impede-os de seguirem em frente, eles correm a rede, nadam em paralelo com a rede indo em direção a praia. Nesse momento a força de quem está segurando a rede na areia tem que ser gigante, pois os peixes vão até bem próximo a areia forçando a rede para frente. A corrida ainda não terminou. Do fundo para a praia não encontraram saída, voltam alojando-se no centro da rede. Ali o cardume se concentra para exercer toda a pressão possível sobre a rede, pois sabe que essa é a sua última chance. Existem três possibilidades de fuga. Que a força do cardume fure a rede, que a força desestabilize a rede de tal forma que se abrem brechas de fuga em cima ou em baixo e, por último literalmente saltando por cima da rede, uma salvação para poucos. Nesse momento, Valdir entra na água para segurar o cópio da rede no alto, impedindo assim, como no *lanço*, que as tainhas pulem por cima ou saiam por baixo da rede. Já se sabe que o número de peixes é bom devido à pressão feita na rede.

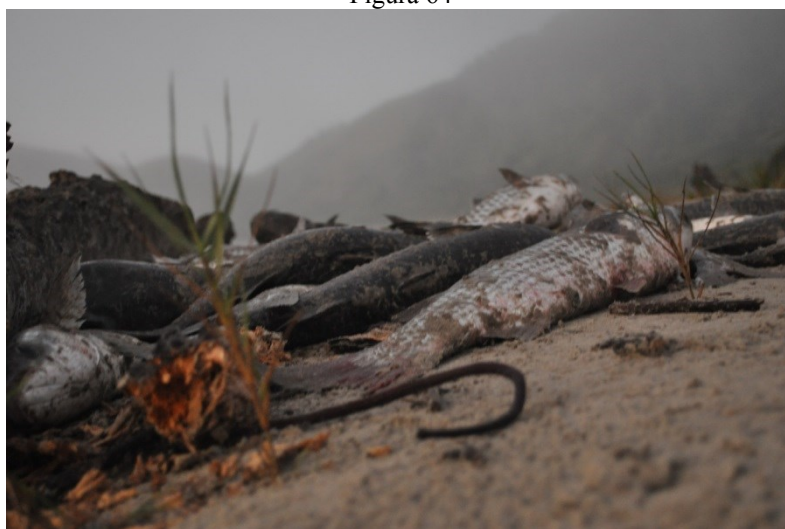
Quando sentem que a tainha ou parte delas já está presa na rede, Rafael vai saindo em semicírculo. Nereu e Valdir seguram com firmeza o outro lado da rede, fazendo com que lentamente as tainhas prensam-se na rede. Entre estes movimentos eles gritam um para o outro: *calma, devagar, devagarinho! Tem muito peixe, tem muito*

³² Os sons e suas respectivas identificações serão tratados no próximo capítulo.

peixe! Com a rede na praia e as tainhas totalmente enroladas na feiticeira é hora de desenrolá-las da rede e jogar o peixe na areia, formando montes. Essa retirada exige maior habilidade e paciência se comparada à do *lanço*. Em vários momentos é necessário que se use a lanterna, iluminando sempre em direção a terra, para retirar os peixes da rede. Minha função neste momento foi essa: lanterninha na mão e iluminando a rede para a retirada das tainhas.

Sessenta e dois peixes, número incomum visto que quinze peixes retirados na rede já é considerado um número bem expressivo. Usando um carrinho de mão, fui incumbida de ir levando os peixes para mais próximo do acampamento, enquanto os pescadores passavam o cambau nas extensões de mar que não haviam sido cobertas na primeira passagem. Noventa e oito peixes no total, muita felicidade. Eram mais ou menos três e meia da manhã quando terminamos de carregar o peixe para próximo do acampamento. Agora vou descansar um pouco. Às cinco e meia passarão o cambau novamente.

Figura 64



Fonte: Simone Frigo (2015).

O cambau foi passado exatamente no horário previsto, agora com a presença de Sandra que animou-se depois da notícia dos peixes. Esta noite de cambau rendeu cento e oito peixes, um número bem expressivo, porém nenhum recorde ou algo assim. A alegria, as histórias e a falação, como dizem, começam agora.

Figura 65



Fonte: Simone Frigo (2015).

Amanhece, garoa fina, frio e cerração. Valdir foi à vila buscar um carrinho maior para o transporte do peixe. Nós começamos a ensacar e carregar com carrinho de mão o peixe do acampamento até o pé do Morro do Sabão. Eu e Sandra subimos e descemos o morro com cerca de quatro a cinco tainhas nas costas, três vezes. Valdir, Nereu e Rafael carregaram todas as outras. Vale dizer que no cambau, assim como no *lanço*, existe algo considerado como “privilégio” para as mulheres pescadoras casadas e ou com familiares pescadores muito próximos, pois elas tem marido, tem irmão, tem filho e “*não precisam ficar subindo e descendo o morro*”. Portanto, mulheres sempre carregam tainhas por um menor tempo do que os homens, pois, “*todo mundo é parente*”. E, dentre as mulheres, as casadas, cujos maridos estão na pesca, são as que menos carregam, pois “*elas tem marido*”.

Neste meio tempo, muitas pessoas já vinham da vila pela trilha para o acampamento e, passando por nós, perguntam, parabenizam e comentam sobre a sorte, sobre a técnica e sobre os (as) pescadores (as). Assim começa o ciclo que constrói, reforça e ou destrói a fama, o prestígio de um (a) pescador (a). Já havia chegado a notícia do bom cambau, lembre-se que Valdir tinha ido à vila. A notícia de um bom cambau geralmente anima os (as) pescadores (as) que dormem na vila. É bem comum que no dia depois de um cambau ou um *lanço* de sucesso a praia do Miguel esteja cheia de pescadores (as). Mas não é apenas após um *lanço* ou um cambau de sucesso que as notícias circulam rapidamente. A agilidade da troca de informações, as falações, como dizem, é algo impressionante. E quem são as pessoas majoritariamente responsáveis pelo ir e vir de informações, falações e fofocas? Os pescadores, os homens. O trânsito de informações e mercadorias é feito majoritariamente pelos pescadores.

As fofocas existem em Encantadas, mas prefiro o termo nativo falação, pois diferente do que Fonseca (2004) analisou na vila Cachorro Sentado, a falação não é um instrumento de manipulação das 'verdades' e da opinião pública ou mesmo, não mexe no que é de mais prezado por todo ser humano: sua reputação. Falações podem se tornar fofocas, mas não são tão comuns. Diz Fonseca que a fofoca é parte “[...] dos que se sentem inferiores e que só podem realçar seu status rebaixando o dos outros. Não visam elevar-se acima de outrem. A fofoca é a arma das pessoas que têm medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores.” (FONSECA, 2004, p. 27). Os causos, as histórias são contadas em detalhes pelos (as) pescadores (as), mas rebaixar o outro quando se fala de pesca é algo inaceitável pela ética local. No humor, especialmente referindo-se a relações sexuais é possível existir fofoca. A falação, a repetição sistemática das histórias de pesca contemplam melhor o movimento que aqui descrevo.

A circulação rápida de informações e as falações são intimamente ligadas ao parentesco potencializado pelo constante trânsito dos homens pescadores. São eles os mensageiros, ao transitarem da vila para o acampamento, colocam em circulação também palavras e ideias. Em uma espécie de contraponto entre o “tempo dos antigos”, o período de inverno, especialmente da pesca da tainha, marca uma época de dificuldades financeiras, mas também de relações mais próximas com a pesca e com a memória dos habitantes. A ideia de que a pesca da tainha necessita de atenção integral é objeto de discussões frequentes entre os (as) pescadores (as). Porém, sempre concluem que é necessário “levar as duas coisas”, para ter certa garantia. Cesário da Silva, pescador experiente, lembrou-me da importância dessa atividade: “*Antigamente o pessoal zelava mais pela pesca; chegava maio, junho, só cuidava disso*”. Acampado até o ano de 2014 com sua esposa, Dona Joraci, Seu Cesário, faleceu no início de 2015. Sua esposa, Dona Jora estava presente na pesca da tainha de 2015 já bastante abatida. Dona Jora faleceu poucos meses depois. Dizem que morreu de tristeza pela perda do marido. Aqui me lembro desse casal com grande afeto.

Cesário, assim como Nilson (*popeiro* da canoa na pesca da tainha), Valdecir, e grande parte dos pescadores também são carrinheiros do trapiche. O tempo, antigamente baseado exclusivamente na espera da tainha e em algumas outras atividades – como a retirada do marisco –, agora é dividido com o trabalho na vila, principalmente entre os homens. Das sete famílias polos, fora Seu Ede, pescador artesanal aposentado, todos exercem atividades relacionadas ao turismo ou ligadas à administração pública, como é o caso de Nereu, Valdir, Ricardo, Rafael e Perereca, que trabalham para a prefeitura de Paranaguá fazendo a coleta do lixo de Encantadas.

Essa dinâmica, diferente da prática realizada no *tempo dos antigos*, impede, muitas vezes, que um *lanço* seja realizado, em grande parte porque os homens envolvidos em atividades externas, como Nilson e Nereu, tornam-se imprescindíveis na hora de subir na canoa, sendo poucos os que são aptos a substituí-los. Sílvia, esposa de Miguel, esboça o sentimento daqueles que permanecem no acampamento, principalmente as mulheres, no momento em que os *espias* sinalizam a chegada de um cardume e não há pessoal suficiente para realizar o cerco do peixe: “*Naquela agonia de esperar tanto tempo, olhar na praia e não ver ninguém... tainha é assim, a benção já aconteceu e ninguém pegou*”.

Já as mulheres possuem trabalho fora da pesca apenas no verão, tempo do turismo. A maioria das mulheres trabalha nos pequenos comércios relacionados à área alimentícia, principalmente na cozinha e na limpeza dos diferentes estabelecimentos turísticos. Sandra, com a ajuda de seu marido, é única proprietária de comércio. O trabalho das mulheres é marcado fortemente pela sazonalidade, enquanto o dos homens, nem tanto.

Durante o período em que os (as) pescadores (as) permanecem acampados, os primeiros raios do dia são reservados à observação do mar e aos gestos dos *espias*, Seu Carlinhos e Gabarde (*espias* oficiais) costumavam chegar ao morro um pouco antes das seis horas. Se não existe sinal de peixes, os homens vão para a vila entre sete e sete e meia e retornam à Praia do Miguel, geralmente, no horário do almoço. As mulheres pescadoras vêm da vila e passam o dia no acampamento, as que já estão acampadas dificilmente saem do acampamento para a vila.

O trânsito de pessoas é constante, e os barracos são pontos estratégicos nos quais não apenas as famílias residem durante dois meses, mas onde se criam laços, desfazem-se amizades e recriam-nas de um inverno para o outro ou mesmo de uma semana para outra. Uma das minhas grandes surpresas, no segundo ano do trabalho de campo intenso, foi perceber que as relações de proximidade, de amizades estabelecidas nos e entre os barracos do ano anterior alteraram-se brutalmente. Os desafetos agora eram afetos e muitos afetos tornaram-se desafetos. Essas mudanças de alianças me colocaram em diversas situações complicadas, pois exigiram minha tomada de posição, escolher lados e abandonar outros.

Pois bem, volto ao evento cambau de sucesso. Enquanto carregávamos os peixes até o Morro do Sabão vários (as) pescadores (as) passavam e necessariamente todos, inclusive eu, falavam sobre a pesca. Cada um abordava o cambau de sucesso sob um aspecto. Eu, por exemplo, falei constantemente sobre a sorte que tive na minha primeira pesca de cambau. Aliás, isto me ajudou bastante, pois acabei sendo classificada como uma pessoa de sorte na pesca. Rafael falou sobre a dúvida de passar o cambau naquela noite, afinal estava muito frio.

E ainda bem que nós fomos. Valdir usou fortemente a argumentação de que ele sabia que tinha muitas tainhas na praia. Usou pressentimento e também o tempo como fontes desse saber. Eu e Sandra, após terminarmos nossas tarefas do carregamento, fomos direto para o barraco de Rute (esposa de Nereu) e contamos tudo em detalhes para todas as mulheres presentes.

Vejam. Essa camboada acionou a rede familiar e de afinidade de dois grupos que já são fortes na pesca em Encantadas, as famílias Neves Pereira e da Costa Agostinho. Que todos são parentes, sabemos. Mas explico essa rede específica. Rafael é o único pescador “de fora”, não nasceu na ilha. Entrou no circuito a partir de seu casamento com Sandra Neves Pereira. Sandra é irmã de Nereu. Nereu é casado com Rute Neves Agostinho (são primos de primeiro grau). Rute é irmã de Raquel, esposa de Valdir da Costa Agostinho. Ainda não mencionado, ainda existe nessa rede Ricardo, irmão de Nereu e Sandra, que era o dono da rede do cambau, portanto, entra no circuito para receber uma parte (menor) dos valores do peixe. Essa camboada acionou as redes de comunicação de dois terços de toda a Encantadas. Às sete da manhã todos os (as) pescadores (as) de Encantadas sabiam que havia ocorrido uma grande pesca de cambau na madrugada anterior. Falo todos sem exagero nenhum. Foi assim mesmo.

O ritual que confirma o sucesso da pesca foi executado perfeitamente. Ricardo, dono do cambau e Valdir lavaram os peixes do lado do trapiche, área central da vila de Encantadas, dando visibilidade pública ao sucesso da camboada. Esse ritual é comum em Encantadas. Expõem-se o peixe, coloca-o a prova, ao crivo dos (as) outros (as) pescadores (as) e a partir dessa avaliação dos outros sobre a qualidade do pescado é que se confirmam ou negam-se sucesso aos (às) pescadores (as).

Nereu e Rafael estavam de folga do trabalho, mas Valdir e Ricardo não. Assim, Rafael preparou a voadeira e foi vender o peixe em Paranaguá, foi sozinho. Nereu não quis ir com ele e voltou para o acampamento. Sandra e vários outros acharam a atitude de Nereu errada, ele deveria ter ido com Rafael, pois o trabalho de venda também é bastante desgastante. Houve vários julgamentos em torno dessa atitude dele e até sua esposa, Rute, concordou com as reclamações de Sandra.

A enorme visibilidade dada ao evento não diz apenas sobre a influência das famílias envolvidas, mas também sobre uma retomada, confirmação e construção de prestígios entre os pescadores. Para Rafael, “pessoa de fora”, que era mecânico e começou a se tornar um pescador quando veio morar na Ilha após seu casamento com Sandra, este evento de sucesso constitui mais um passo importante na sua construção como pescador. Esse processo dura

mais de dez anos e talvez nunca chegue ao fim, pois sempre existirá o “de fora” em sua vida. Mas é fato que sua posição e prestígio, dentro dos limites de sua condição estrangeira, aumentaram significativamente. Naquele momento, Nereu não era um dos pescadores de grande destaque, apesar de carregar consigo “a tradição familiar”, um dos pescadores mais experientes da vila. O fato é que, após o evento, ele voltou a ser mencionado em diversas conversas que fiz parte. Cheguei a escutar de um pescador a seguinte frase: “*Achava que Nereu tava perdendo a mão, queimei a língua, sabe muito de pesca!*” Por último, Valdir, que naquele ano, 2015, foi um pescador muito prestigiado, chegando inclusive a “substituir” o dono da canoa em vários momentos. Seu pressentimento e análise certa dos ventos e marés confirmaram seu prestígio de ótimo pescador, consolidando sua reputação.

No acampamento o falatório não parava. O acampamento ficou cheio o dia todo. Voltamos para o barraco de Sandra e o fluxo de pessoas que foram nos visitar foi grande. A cada grupo a história tinha de ser contada novamente. Eu, já exausta, era incentivada por Sandra para contar “as partes da história que ela não viu”. E lá ia novamente.

O café com polenta, pão ou bolacha, então, alimenta bate-papos sobre a trajetória da pesca e da Ilha. O “estar junto”, acampando ou visitando os barracos, constitui um evento importante, que agrega e alimenta a dinâmica das relações envolvidas na prática da pesca. A sociabilidade e as trocas não se restringem a eventos marcados ao longo da estada nos barracos, como o cambau de sucesso, confraternizações de aniversários, festas dedicadas a santos católicos ou mesmo ao próprio *lanço*. Pelo contrário, estendem-se a outras situações esporádicas e cotidianas, nas quais os (as) pescadores (as) encontram-se envolvidos, como as reuniões para limpar peixes ou mariscos, beber caipirinha e escutar as notícias no rádio, além de encontros em volta do violão, com os versos de Tetê. A comunicação, enfim, se faz no dia a dia do acampamento.

Do “tempo dos antigos” ao “tempo do turismo”, as mudanças – inclusive na estrutura familiar – fazem parte das conversas, em histórias personificadas por parentes, moradores da Ilha, amigos ou turistas. Em cada barraco, à hora do almoço, principalmente nos finais de semana, é quando as famílias se reúnem em maior número. No entanto, a noite – aliada a alguma música, tocada nos rádios a pilha, nos celulares ou executada por algum dos acampados, e bebida – é também cenário das interações. Netos, sobrinhos, genros, noras, primos e irmãos saem da vila e vêm ao Miguel com produtos – alimentícios ou não – e notícias, que podem ser da situação da casa, de fatos locais ou da novela, pois principalmente as mulheres – esposas dos acampados – saem do Miguel com pouca frequência.

A visitação recria, assim, os laços sociais, instaurando uma “ética da reciprocidade” e, mesmo, da troca de visitas. Mesmo que não estejam acampadas, o estar nos barracos se revela um modo específico de também participarem da pesca da tainha e se fazerem presentes no cotidiano do acampamento. Desse modo, se coloca também a circularidade propiciada pela pesca, que aceita a todos, mesmo que esporadicamente. Entre os barracos, os mais movimentados são os de Sandra, de Raquel e de Rute. No caso de Sandra, a movimentação concentra boa parte das pessoas “de fora”, não nativos que residem ou visitam a Ilha com frequência. Rute e Raquel, por sua vez, congregam diversos integrantes da família das Neves Agostinho e da Costa Agostinho, uma das maiores e principais na composição do parentesco que articula a pesca da tainha no local.

Mesmo que essa rede de relações se reproduza empiricamente entre barracos, as conexões entre os (as) pescadores (as) permanecem ativadas para além desse local. Ao ponto de que um acontecimento ocorrido no acampamento – uma criança que se machuca, uma visita de longe que chega ou mesmo a proximidade de um *lanço* – pode ser de conhecimento dos moradores da vila de Encantadas em um curto espaço de tempo. A comunicação, à conexão entre os vários elos de parentes de parentesco que constituem a rede pesqueira continua, mesmo fora dali. Assim, as notícias são espalhadas ao longo da vila de Encantadas. As estratégias de comunicação mudam ao sabor do tempo. O que antes era feito por meio de gestos, sinais e chamadas sonoras específicas, entre os pescadores da praia e o *espia*, no morro, atualmente conta com o uso dos rádios comunicadores. Um dos principais pontos de conexão entre o acampamento e a vila se faz através do morro onde fica o *espia*. Geograficamente, ele marca a passagem da Praia do Miguel para a Praia de Fora e a vila. Desse ponto também é possível acessar o celular, já que na Praia do Miguel não há conexão com os aparelhos. De seu caminho íngreme e escorregadio, donde advém o nome Morro do Sabão, é possível avistar todos os que entram e saem da Praia do Miguel.

O capítulo seguinte tratará das percepções das pescadoras, partindo exatamente do ponto descrito acima. As pescadoras nos barrancos da praia do Miguel olhando para o Morro do Sabão.

4 ENQUANTO AS TAINHAS NÃO CHEGAM, AS MULHERES VEEM BEM MAIS QUE OS PEIXES: PERCEPÇÕES EM FOCO

Figura 66



Fonte: Simone Frigo (2015).

“A vida é uma teia tecendo a aranha. Que o bicho se acredite caçador em casa legítima pouco importa. No inverso instante, ele se torna cativo em alheia armadilha. Confirma-se nessa estória sucedida em virtuais e miúdas paragens.”
(Mia Couto. Cada homem é uma raça)

O *lanço*, ou cerco, é considerado o ápice de todo o sistema de pesca. Acontecimento de uma mecânica bela e forte, estética e sensorialmente. Como já dito anteriormente, sua realização é o ato principal de um período perpassado por longas horas de espera. A espera de fato se dá para todos, pescadores e pescadoras, no entanto, nessa mecânica existe uma peça considerada fundamental, sem a qual a maquinaria não funciona: o *espia*. A identificação visual dos cardumes de peixes, feita pelos espias em cima do morro que divide o mar de fora e praia do Miguel, é uma das características marcantes na pesca da tainha de Encantadas. O trabalho de *espia*, aquele que identifica e orienta o grupo no momento da pesca de praia é restrito a um grupo específico de homens, Carlinhos, Gabarde e por vezes Marquinhos. Gabarde e Marquinhos podem revezar no morro, mas somente com a presença de Seu Carlinhos. Dizem que sem ele não há pesca.

O trabalho exige concentração e as conversas, quando se dão, referem-se, em boa parte, ao comportamento da tainha. Qualquer movimentação que indique a chegada de um cardume é atentamente seguida, provocando também a movimentação dos próprios *espias*, que se deslocam de uma pedra até a outra. Além do rádio, que possibilita a comunicação com o acampamento, gesticulações com os braços e sinalizações com alguma peça de roupa também são utilizadas para avisar sobre a presença de tainhas costeando a praia. A chegada e

a permanência no morro, porém, são antecedidas por um preparo que pressupõe o contato com outras localidades e a circulação de informações na região, algumas de caráter mais geral, como a previsão do tempo, obtida principalmente através de jornais televisivos e do rádio, aparelho sempre presente nos barracos do acampamento.

Embora, normalmente, os *espias* não deixem de subir no morro por conta das previsões do clima, a antecipação desses dados auxilia a observação do mar, bem como possibilita maior mobilização do acampamento e mesmo daqueles que permanecem na vila. A obtenção de informações, assim, não se restringe aos conhecimentos aprendidos com os mais antigos, somados ao exercício da função, mas se dá também pela comunicação local e regional, sem deixar de fazer uso de novas ferramentas, e tampouco abandonar gestuais e outros conhecimentos classificados como tradicionais.

Os *espias*, homens, tem seu conhecimento, técnica de identificação visual dos cardumes amplamente reconhecidos entre pescadores e pescadoras. Essa atividade é restrita aos pescadores, tendo elas, inclusive, o acesso ao morro (local do *espia*) restringido. Tanto que, durante todo meu trabalho de campo, fui ao local dos *espias* apenas duas vezes, todas acompanhadas de um número grande de pessoas. Nas vezes que me propus a ir ao morro sozinha, conversar com os *espias*, fui expressamente proibida pelas mulheres. Pensei muito sobre isso e, sentada em um barranco na praia, olhava os pequenos pontinhos que eram os *espias* lá no morro, me dei conta que a observação como técnica é parte constitutiva do saber-fazer pescar tanto de homens como mulheres. Obviamente, os homens não possuem nenhuma qualidade extra para visualizar. As formas de observação, visualizações, são partilhadas entre pescadores e pescadoras, porém, a apropriação da técnica é dividida a partir de relações de gênero.

As mulheres também veem os peixes, observam os cardumes da praia, assim como os outros homens que não fazem o papel de *espia*. A questão é que a invisibilização da mulher pescadora é tão arraigada, no senso comum e nas pesquisas acadêmicas, que as técnicas, as percepções das pescadoras não são descritas. Refutando análises sobre a pesca que tomam as mulheres como complementares negativados (de menor valor) da relação, proponho neste capítulo a abertura deste modelo. O rico desenvolvimento de observação, visualização, audição e repertório linguístico³³ das pescadoras de Encantadas apontam para a abertura de

³³ A partir de uma crítica ao discurso naturalizador sobre o poder autônomo das palavras, Bourdieu (2008) apresenta disposições sociais de grupos e classes em seu manejo da língua como parte de um domínio particular e distintivo do corpo e tudo que é associado ao conjunto de instrumentalidades do corpo. Não se refere apenas as pessoas que falam do mesmo modo, mas há indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

diferentes percepções sobre o pesca. As mulheres veem bem mais que os peixes, ouvem tudo e falam a partir de regras pautadas, principalmente, pelo gênero. Se o *espia* é uma peça fundamental para a maquinaria da pesca, as mulheres são o combustível. É isto que este capítulo discute.

4.1 A OBSERVAÇÃO E AS TÉCNICAS CULINÁRIAS

Comecei a me dar conta da especificidade da observação das mulheres ao tentar compreender o lugar que os *espias* ocupam na pesca. Como já disse, sentada no barranco em frente à praia, junto a outras mulheres. Eu olhava em direção ao morro dos espias, elas olhavam mais ao centro, especificamente para a trilha que todos devem percorrer para chegar à praia do Miguel, passagem do Mar de Fora para o local de pesca. Dos barrancos, olhando a trilha no topo, as mulheres conseguem identificar quem está descendo o morro. Eu só consigo perceber algumas características da pessoa depois que ela chega à praia. Passa-se um bom tempo observando o mar, a movimentação dos espias e olhando quem desce o morro do sabão. Costuma-se até apostar para ver quem acerta mais rapidamente quem é a pessoa ou grupo que está vindo. A foto abaixo dá uma ideia do que estou descrevendo. Nessa perspectiva os barrancos ainda estão um pouco afastados, atrás.

Figura 67



Fonte: Simone Frigo (2015).

Na foto, olhando o morro da esquerda para a direita o primeiro grande decline é a localização da trilha de passagem do Mar de Fora para a praia do Miguel. O terceiro decline bem mais suave, marca o local de permanência dos espias. Este ângulo da foto é mais ou menos o das pescadoras quando, sentadas nos barrancos, de frente à praia olham para o lado direito. Olhando para o lado esquerdo, veem-se a mata e, mais à frente, as pedras que separam a praia do Miguel da Praia Grande, local de retirada dos mariscos.

Figura 68



Fonte: Simone Frigo (2015).

As formas de observação e visualização são partilhadas entre pescadores e pescadoras, porém, a apropriação da técnica se dá a partir de relações de gênero. Essa generificação da atividade tem sido apontada por pesquisas mais recentes sobre pesca. Se em um primeiro momento as pesquisas desconsideravam a mulher na pesca, em um segundo momento as análises abrem-se para a compreensão do processo de pesca como um todo, então as mulheres aparecem como participantes ativas. O trabalho das pescadoras ou a sua “ajuda”, tanto como categoria nativa como teórica apoiam-se numa perspectiva de complementariedade do trabalho e das relações. No entanto, mesmo sendo complementar, as técnicas tidas como mais complexas, os sofisticados métodos de trabalho são aqueles realizados pelos homens pescadores. O espia, como detentor de um saber inigualável, é um bom exemplo dessa questão. O refinamento é do pescador, a ajuda é da pescadora. Quero dizer com isso que essa complementariedade é negativa (de menor valor), pois ainda temos um imaginário tanto acadêmico como político que toma as mulheres como dotadas de qualidades técnicas menores, não tão relevantes. Hellbrandt (2017), em tese de doutorado, nos diz exatamente o contrário. A atividade de descasque do camarão exige uma técnica extremamente sofisticada,

o desenvolvimento hábil das mãos gera inclusive implicações negativas para a saúde da mulher.

O rico desenvolvimento de observação, visualização, audição e repertório linguístico das pescadoras de Encantadas aponta para a abertura de diferentes percepções sobre o ambiente (INGOLD, 2000) da pesca, que incluem território, etnociência, transmissão de saberes, manejo e, em última instância, a própria gerência do processo pesqueiro.

Uns observam o mar, outras observam o mar e a terra, ou seja, observam tudo. Desde os recursos da mata, as atividades cotidianas do acampamento, o gerenciamento da comida e as resguardas para a família nuclear, as visitas e até a venda do peixe. Ou seja, uma pescadora deve saber sobre e intervir em todos os acontecimentos referentes à pesca, mesmo estando fisicamente no acampamento a maior parte do tempo. Assim, é através das atividades diárias do acampamento que descrevo, neste tópico, o que é observado para além dos peixes.

Figura 69



Fonte: Simone Frigo (2015).

Um dos aspectos mais relevantes para a mulher pescadora diz respeito ao gerenciamento das técnicas culinárias. Chama a atenção na dinâmica cotidiana do acampamento as trocas entre os barracos, entre famílias, sempre coordenadas pelas mulheres. Existe um grande circuito de trocas³⁴, sempre contextuais, que envolve todas as pessoas que frequentam o acampamento, inclusive os não pescadores, “de fora” e turistas.

³⁴ Em *O ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas*, Mauss (2003) trata das relações de trocas simbólicas e materiais dadas no direito contratual e no sistema de prestações econômicas nas sociedades ditas primitivas. Postula uma compreensão da vida social como um constante dar-e-receber

São trocados alimentos prontos ou crus, bebidas alcoólicas, instrumentos utilizados na manutenção dos barracos, objetos de cozinha e lenha utilizada no fogão, pequenos petrechos de pesca, além de alguns tipos de serviço como lenhar e limpar peixe. Para melhor compreensão dessas relações não faço distinção entre trocas materiais ou trocas chamadas simbólicas, a descrição do vivido me parece um caminho mais fértil principalmente no contexto onde as trocas são intensificadas pelas relações de parentesco.

As mulheres circulam de forma muito livre pelo acampamento e mata do entorno, mesmo se tendo um profundo respeito pelo lugar físico onde o barraco de cada família está localizado³⁵. Isso se altera nos momentos em que homens não pescadores, portanto, não parentes visitam o acampamento. As pescadoras tendem a ficar na sua cozinha, principalmente se seu marido não estiver presente. Essas situações são atípicas, geralmente os turistas, os não pescadores, já vem da vila para visitar acompanhados dos pescadores. Existe um enorme orgulho em receber pessoas “de fora” no acampamento, seja pelo prestígio, seja pelo retorno financeiro, pois esses compram peixes, trazem comida. E o tempo de “sala” que se faz é o que demonstra a afeição ou não dos (as) pescadores (as) para com a pessoa. Obviamente não são todas as pessoas que os (as) pescadores (as) acham agradáveis, são amigos ou algo assim. Portanto, percebe-se claramente quando as mulheres não querem que aquela pessoa esteja no acampamento, pois as relações que elas estabelecem são comerciais, trocar dinheiro por produtos. Oferecendo ao outro no máximo um café, mas deixando bem claro, através da expressão facial, que só está sendo educada. Por diversas vezes presenciei os homens reclamando com suas esposas sobre o tratamento dado a “tal” pessoa. Brigas mais sérias também aconteceram, mas não vi mudanças no comportamento delas. O fato é, se uma mulher acampada determina que a pessoa não é bem vinda entre os barracos, ela não será totalmente impedida de circular, mas causará certo constrangimento para quem a receber como visita.

É comum que, pelo menos uma vez ao dia, a mulher receba em seu barraco alguma das vizinhas. É difícil encontrar todas as mulheres reunidas em um só barraco, o mais comum é o revezamento entre duas ou três mulheres por cada visita. A etiqueta das trocas alimentares parece ser de extrema importância não só para as mulheres, mas também para os homens.

que inclui não só presentes, mas também visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças etc. A dádiva é definida universalmente, mas organizada de modo particular em cada contexto.

³⁵ Falarei mais sobre isto adiante.

Peixes, mariscos, polenta e bebidas alcoólicas são os itens mais trocados entre as famílias acampadas.

Figura 70



Fonte: Simone Frigo (2015).

A circulação dos pratos no acampamento da Praia do Miguel, portanto, constitui-se apenas em apontamentos iniciais sobre os significados e a importância das relações de parentesco na comunidade de Encantadas. Seguindo Maciel (1996), creio que a partilha do alimento torna-se, nesse contexto, um importante viés da manutenção da família, não apenas em seu sentido nutricional, mas na atualização de relações sociais e vínculos. A partir de um estudo aprofundado sobre as “coisas sociais em movimento”, Mauss (2003) localiza seu “caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, obrigatório e interessado dessas prestações”. Marca-se, nessas instituições, familiares e políticas, a circulação de bens, entre eles o da comida: “É da natureza do alimento ser partilhado; não dividi-lo com outrem é ‘matar sua essência’, é destruí-lo para si e para os outros” (MAUSS, 2003, p. 281).

A avareza é uma característica fortemente condenada entre as pescadoras, mas isso não significa dividir tudo que se tem. Significa sovinar algo depois que as necessidades do seu núcleo familiar já foram supridas. Esse é um dos pontos que mais produzem tensão, rumores e ações de afastamento entre famílias nucleares dentro do acampamento. É perfeitamente aceitável que as pescadoras não dividam uma barra de chocolate, por exemplo. O doce fica “escondido” no barraco muito mais por respeito às outras pessoas, não sendo algo que será dividido, não existe necessidade de ser conhecido. E mesmo que alguém veja os (as) pescadores (as) comendo o tal doce ninguém será acusado de avareza, pois este é um dos

alimentos “especiais”. No entanto, alimentos básicos e por vezes ”misturas” devem ser divididas sempre que alguém que não as possui vai até o seu barraco. Os alimentos complementares são chamados de “mistura”. As “misturas” são fundamentais para a alimentação do (a) pescador (a). No entanto, nunca substituem aquilo que é o básico da alimentação. Os legumes, as verduras, os mariscos, as carnes de frango e gado e, principalmente, os variados tipos de peixe são os alimentos que se “misturam” à alimentação básica. Não necessariamente concretizado, mas pesando idealmente, uma refeição principal deve conter os alimentos básicos e as “misturas”.

Dona Mariazinha, esposa de Seu Ede, dono da canoa, é constantemente tachada como “avarenta”, “maldosa”, “exploradora”, pois dificilmente divide a alimentação básica com outros, mesmo sendo parentes. Mas como se sabe disso? Pela observação. As pescadoras sabem o que cada família nuclear come, e quem comeu (parente) naquele barraco. Sabem porque falam entre si e sabem porque observam.

A comida ocupa um lugar central na escala de consumo dessas famílias. Assim, boa parte daquilo que arrecadam é destinado ao pagamento da alimentação, sendo que os peixes e os frutos do mar representam apenas uma pequena parte daquilo que comem diariamente. Ter comida é concretamente imperativo para a sobrevivência física e simbólica dessas famílias, pois é a partir, principalmente, do alimento que vai ser construída a identidade desse grupo. A falta de comida não é um problema enfrentado pelos pescadores da tainha da Praia do Miguel. No entanto, para a maioria, o acesso à alimentação está longe de ser considerada uma situação cômoda, visto que, além da proteína, todo o acesso à comida se dá através de relações comerciais, dinheiro. As mulheres controlam a comida, e seu respectivo consumo e preparo. As mulheres gerenciam o dinheiro na grande parte das famílias de pescadores de Encantadas.

Figura 71



Fonte: Simone Frigo (2015).

No acampamento, todas as mulheres assumem a função de controlar e gerenciar o consumo doméstico de modo que o orçamento da família possa suprir as “necessidades” da família. É importante destacar que a família como um todo contribui e influencia as decisões sobre o consumo alimentar. A margem de manobra, as misturas, as bebidas e os supérfluos são visivelmente espaços de negociação das mulheres com os maridos e ou filhos. Essa gerência do consumo é “boa para se pensar”, pois é um dos “efeitos resistência”³⁶ produzidos pelas pescadoras na relação nem sempre simétrica com seus companheiros.

Assim, o preparo dos alimentos é visto como um importante trabalho, pois, ao cozinham, elas controlam aquele espaço. A tarefa de preparar o alimento cotidianamente também apresenta uma série de características específicas, refletindo o contexto cultural e suas dinâmicas de permanências e mudanças. A criação das áreas de conservação ambiental transformou significativamente os gostos e modos de consumo. A geração de pescadores (as) com os quais convivi mais intimamente viveu a época onde o sal e o açúcar eram os únicos produtos comprados. Toda a alimentação era produzida pelas famílias. A proibição do plantio e da caça e a introdução massiva do turismo nessa localidade transformaram, em menos de dez anos, radicalmente a alimentação gerando impactos em todos os âmbitos da vida desses (as) pescadores (as), principalmente no que se refere à saúde.

Enquanto a tainha não vem, o processo de captura, seleção e preparo dos alimentos preenche boa parte do dia, inserindo-se nas atividades diárias realizadas no acampamento. O

³⁶ Os efeitos de resistência são táticas de negociação de mulheres para com seus maridos. Este conceito foi cunhado por Ferraz de Lima (2013) em pesquisa etnográfica sobre as mulheres dos presos vinculados ao PCC.

preparo das refeições, bem como o manejo dos alimentos, é realizado, quase que exclusivamente, pelas mulheres. Não existe nenhum tipo de interdito formulado publicamente com relação ao manuseio e preparo das refeições. No entanto, os homens dificilmente se encarregam de tal função, ficando, quando necessário, responsáveis por limpar os peixes e cuidar do fogo no cozimento do marisco.

Figura 72



Fonte: Simone Frigo (2015).

Três refeições são feitas ao dia, intercaladas pelos lanches rápidos, tomados durante a tarde. O café da manhã, nitidamente menos importante que as outras refeições, é preparado e servido muito cedo, por volta das 7 horas da manhã, e, dessa forma, obedece aos horários de saída para a pesca e para o trabalho na vila. O almoço é servido por volta do meio-dia. O café da tarde acontece entre as 15 e 16 horas, e, geralmente, se toma café e se come pão, polenta, pipoca ou outro complemento. O jantar ocorre entre as 19 e 20 horas, e é menos elaborado que o almoço. As mulheres esquentam a comida feita no almoço e complementam com peixe ou outro tipo de “mistura”. A alimentação dos pescadores, apesar de um pouco improvisada, devido às condições temporárias das instalações da cozinha e de seus acessórios no acampamento, reproduz os hábitos de alimentação cotidianos das classes populares³⁷, acrescidos, obviamente, dos produtos derivados do mar.

Existe um grupo de alimentos que são considerados básicos. O arroz e o feijão quase sempre estão presentes nas refeições principais, fazendo parte da estrutura básica de uma refeição considerada satisfatória. Em algumas situações, o feijão pode ser substituído por

³⁷ Zaluar (2000) aponta que os hábitos alimentares das classes populares são mediados por inúmeros fatores, ideológicos, religiosos, midiáticos etc. Demonstrando que a determinação econômica possui diversas brechas, espaços para negociações e diferentes gostos.

macarrão, batata ou outro produto considerado adequado à refeição. Essa substituição é justificada pelas cozinheiras como sendo necessária quando se quer preparar uma comida “rápida”, pois no acampamento o fogão a lenha requer um tempo de cozimento maior para os alimentos, principalmente o feijão. No entanto, a alimentação não se limita aos produtos identificados como básicos. Ela se complementa com alimentos que variam conforme a intensidade e a variedade da pesca. Todos os outros alimentos complementares são chamados de “mistura” ou petiscos. Macarrão instantâneo, embutidos e produtos altamente processados são comidas ditas rápidas³⁸ e fazem parte dos hábitos alimentares dos pescadores (as).

Entre os meses de maio e julho, os peixes mais encontrados durante a pesca, além da tainha, são o robalo, a pescadinha, o salgo e a miraguaia. Esses peixes, capturados para a alimentação cotidiana, são preparados no mesmo dia da pesca. Seu preparo é simples: em geral, são fritos ou ensopados. Os acompanhamentos mais comuns para os peixes são o arroz, a batata, a farinha e o pirão. As cozinheiras só preparam ensopados com peixe fresco, pois, segundo elas, os peixes congelados ou defumados imprimem um gosto ruim no caldo do ensopado. O marisco ou mexilhão também é bastante consumido pelos pescadores durante a época da pesca da tainha.

³⁸ Ao analisar as especificidades da culinária Fast-food, Rial (1993) aponta para novas formas de se alimentar, outros espaços de refeição e outras velocidades, seja de preparação ou de consumo entre as populações urbanas metropolizadas. No passado a demarcação temporal das refeições demarcavam a sociabilidade familiar, o tempo de trabalho e as refeições não cotidianas. No entanto, a própria autora assinala a convivência simultânea nas representações e nas práticas alimentares de segmentos de populações. Em Encantadas, também convivem antigos e novos jeitos de ver, preparar e consumir os alimentos. Muitos fazem suas refeições fora de casa, principalmente na época do turismo. Na vila não existe nenhuma rede de fast-food, mas quando os (as) pescadores (as) vão para a cidade, existe quase que uma obrigação de consumir algo, nem que seja um sorvete, de alguma das famosas redes. Os habitantes passam pelos mesmos dilemas abordados por Rial (1996), nos quais a publicidade alimentar, que pela via das imagens, constrói representações sobre o modo de vida moderno do qual ninguém quer estar fora, mesmo que o paladar não seja satisfeito por este tipo de comida.

Figura 73



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 74



Fonte: Simone Frigo (2015).

Os pratos mais admirados são o risoto de marisco, a farofa, o vinagrete, o marisco em conserva e o lambe-lambe, prato feito apenas em dias especiais. Nessa dimensão, as refeições não cotidianas, realizadas aos domingos ou em dias santos, são marcadas pelo tempo de lazer e descanso das famílias acampadas na Praia do Miguel. Esses são momentos em que a família – pais, filhos e parentes próximos – se reúne, compartilhando a comida mais farta, os pratos preferidos e o prazer de comer, alimentando simultaneamente os laços e as relações afetivas. São refeições coletivas, que, com certeza, reforçam os laços construídos no cotidiano.

Figura 75



Fonte: Simone Frigo (2015).

Sabemos que os tipos de comida também podem ser entendidos como demarcadores de identidade e *status* social. A tainha é um peixe considerado atrativo do ponto de vista degustativo e financeiro. Existe entre os pescadores uma classificação dos peixes em *fortes* e *fracos*, e essa classificação gera, ao menos no plano ideal, alguns tabus alimentares, impedindo o consumo. Segundo Woortmann (1978), os três pares de oposição quente/frio; forte/fraco; reimoso/descarregado operam um sistema de classificações funcionais de alimentos que informa em boa parte os hábitos alimentares das populações ditas tradicionais. Afinal, muitas prescrições e proibições alimentares são baseadas nesse sistema de classificações.

Figura 76



Fonte: Simone Frigo (2015).

A tainha é considerada um peixe forte, pois é um peixe que possui uma espessa camada de gordura. Assim como outros peixes considerados fortes, não deve ser consumida por pessoas que estejam com problemas de saúde. A tainha pode ser preparada de diversas formas. Temos a tainha frita, ensopada, defumada com batata, seca com banana – também chamada, entre os turistas, de “prato azul marinho”, assada na folha de bananeira e recheada com marisco, com ovas ou com farofa. As ovas da tainha também são bastante apreciadas pelos pescadores e podem ser defumadas, assim como o peixe, ou ensopadas junto com o pirão, fritas e colocadas na farinha de mandioca, fazendo assim uma farofa.

Maués e Maués (1980), em pesquisa sobre a alimentação de um grupo de pescadores de Itapuá, no litoral paraense, descrevem a classificação alimentar quente e frio por pares iguais. Devem ser ingeridos alimentos “quentes” com outros “quentes” e “frios” com “frios”. A mescla “fria e quente” não é recomendada e, por vezes, pode trazer graves consequências. Essa restrição não existe entre os (as) pescadores (as) de Encantadas, porém, as classificações “fortes e fracas” estão presentes assim como os autores descrevem. Um alimento forte é um alimento gordo. A gordura é um sinal muito positivo, pois se pressupõem valores nutritivos. A fortidão é também conhecida após a ingestão do alimento, com a sensação de saciedade, “empanzimento”, sentindo o peso da comida no estômago e arrotando a sua “fortidão” (MAUÉS; MAUÉS, 1980, p. 39-40).

Figura 77



Fonte: Simone Frigo (2015).

Os pratos considerados especiais, consumidos em dias de festas ou domingos como comemoração de uma boa pescaria, são a tainha recheada; o peixe seco com banana; a tainha defumada com batata; ovas defumadas e o já citado lambe-lambe. Nesses dias especiais, se

bebe caipira de maracujá. Nas festas de São Pedro e de São João, Rute e Sílvia prepararam quentão – vinho temperado com cravo, vodca e açúcar, servido quente.

Figura 78



Fonte: Simone Frigo (2015).

O quanto se aproveita de um peixe depende diretamente da quantidade de peixes capturados. O trabalho de limpar o peixe deixa um enorme resíduo de grandes escamas, cabeça, vísceras e muito sangue. Em uma semana de relativa satisfação o peixe cozido em postas estará presente na mesa da maioria dos (as) pescadores (as). A cabeça, as vísceras e escamas serão enterradas, jogadas dentro da mata ou, a forma mais comum, serão dadas de presente para os urubus na praia. Já em uma semana considerada difícil, apenas as partes não comestíveis das vísceras serão eliminadas (e as escamas obviamente), todo o resto irá para a panela.

Figura 79



Fonte: Simone Frigo (2015).

Figura 80



Fonte: Simone Frigo (2015).

O aprendizado da limpeza começa sempre com os peixes pequenos, como os sargos menores. Basicamente existem duas técnicas, a que abre o peixe pela barriga e a que abre o peixe pelas costas feita apenas quando se pretende defumar o peixe. Não usam facas ou utensílios próprios, especiais para peixes, com uma faca qualquer realizam o processo. A única indicação é deixar o peixe molhado até remover as escamas, pois molhadas elas saem com mais facilidade. Vi e limpei muitos peixes durante todo o meu campo, nunca com a mesma técnica e agilidade. Descrevi o processo desta forma em meu diário:

Comece a remover as escamas do peixe. Segure-o com força pela cabeça e raspe as escamas da cauda em direção às guelras. Teste até achar a pressão certa. As escamas devem se soltar facilmente. Precisa manter os movimentos de descamação curtos e rápidos. Não pressionar com muita força, pode rasgar o peixe. Limpe cuidadosamente ao redor das barbatanas, pois elas podem picar ou perfurar sua pele. Não esqueça das escamas ao redor das barbatanas do peitoral e dorsais e até à garganta. Lave o peixe. A pressão deve ser forte o suficiente para remover as escamas soltas. Insira a faca perto da cauda. Puxe a faca em direção à cabeça, dividindo o peixe até a base das guelras. Os peixes pequenos podem ser segurados com uma mão, enquanto a outra mão usa a faca. Peixes grandes devem ser segurados de costas sobre a mesa. Abra a cavidade abdominal com os dedos. Coloque os dedos dentro e puxe para fora as entranhas. Lave o peixe.

Para escalar o peixe: Pegue por cima da cabeça dele e segure com força, apoiando na mesa. Com a faca entre na guelra direita e desça abrindo o pescoço até chegar ao outro lado. Com força e movimentos precisos bata, corte a junção da cabeça com a espinha. Retire a cabeça. Pelas costas do peixe, espinha vá cortando bem rente a fim de abrir totalmente a tainha pelas costas e assim como nos filés, retire a espinha por completo. Retire e limpe todas as vísceras. Lanhe o peixe. Lanhar: fazer pequenos cortes na carne para melhor absorção do sal. Lave o peixe. Salge e deixe escorrer um período. Depois de escorrido o peixe vai para cima do fogão a lenha e permanece de dois a quatro dias defumando (depende da umidade).

Figura 81



Fonte: Simone Frigo (2015).

Por fim, todos os relatos e as experiências alimentares descritas acima dependem de uma técnica culinária muito pouco considerada, porém, extremamente aprimorada entre as mulheres, a limpeza dos peixes. Existem técnicas distintas conforme os tipos de peixes, mas basicamente um peixe pode ser limpo e cortado em postas; em filés; ser limpo apenas retirando suas vísceras para ser assado; ser limpo retirando as vísceras, as escamas e a cabeça também para ser assado e pode ser limpo para escalar, defumar o peixe. Na Ilha do Mel o único peixe que ainda é defumado é a tainha, assim esse tem extremo valor tanto para a venda como para o consumo.

4.2 OUVIR: SONS, CHAMADOS E IDENTIFICAÇÕES

“Vento suele (sudeste) meu povo! O peixe está vindo, fica todo mundo aqui; Vento sul é tempestade! Vamos recolher o acampamento; A maré tá muito cheia, o peixe não vem assim não. Vamos pro mato lenhar; Maré seca! Vamos tirar marisco”. Falas tão comuns ouvidas durante o trabalho de campo que não preciso recorrer ao diário para lembrar.

O requintado mecanismo de observação desenvolvido pelas pescadoras, neste caso, pressupõe também um repertório linguístico que segue regras de gênero, portanto, determina o que é dito e como se diz a partir da relação de gênero do ego e seu interlocutor. Obviamente a imensa maioria do repertório linguístico é compartilhado entre homens e mulheres, visto que forma uma comunidade linguística. Neste ponto, as etiquetas é que chamam mais a atenção. Além disso, ou como complemento, a identificação dos sons, dos chamados, o saber

ouvir e interpretar o significado dos sons arremata o conjunto de percepções extremamente aguçadas. Este tópico apresenta esse tema.

Figura 82



Fonte: Simone Frigo (2016).

Desde os primeiros contatos de campo, interessei-me pelos sons, pois sempre que procurava alguma pescadora em sua casa, nunca era atendida. Batia palmas, chamava e nada. Lógico que comecei achar que elas não queriam minha presença. No entanto, sempre que encontrava a dita mulher, seja nas trilhas ou no acampamento de pesca, elas me tratavam muito bem. Fiquei um tempo sem entender o que estava acontecendo. Somente no primeiro ano de campo intensivo compreendi que a forma como eu as chamava em frente as suas casas é que estava incorreta. Bater palmas não é uma forma de chamar, ou melhor, é a forma que os turistas chamam e, dificilmente, qualquer pescador (a) atende um turista em sua casa sem ter aviso prévio. Apenas os “de fora” ou turistas batem palmas ou chamam alguém pelo nome no portão de casa ou na área do quintal do barraco ou rancho. Esse é um sinal muito claro que distingue quando um parente ou amigo chega a sua casa. Pescadores (as) assobiam ou dão uma espécie de gritinho, não muito alto, que traduzi como “Uhu”. O assobio é em um estilo mais longo e o gritinho sem grande altura ou empolgação. É um sinal que alguém conhecido está chegando. É dessa forma que qualquer amigo, vizinho ou parente anuncia sua chegada à casa do outro.

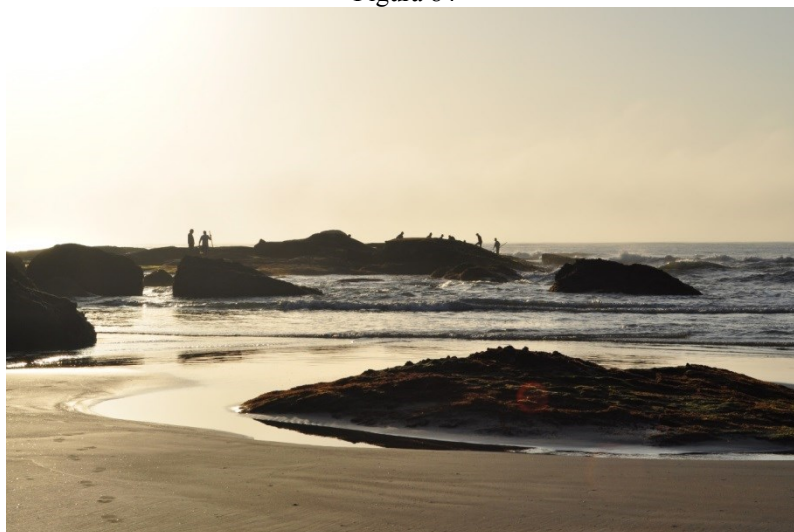
Figura 83



Fonte: Simone Frigo (2016).

Nos barracos do acampamento não é diferente. Ninguém se aproxima do quintal de uma família acampada sem antes anunciar sua presença. E, especificamente, no ambiente da pesca os donos do barraco, se estiverem presentes, irão responder com outro assobio ou grito. Indicando que a pessoa pode entrar, pode se aproximar. Se acaso você assobiar anunciando sua chegada e não obtiver resposta, deve permanecer onde está. Não se aproximando mais. Esperam-se alguns minutos e a etiqueta é repetida. Nessas situações entende-se que pescadores (as) podem estar fazendo algo realmente privado, como tomar banho ou trocar de roupa. Se isto realmente estiver acontecendo, a pessoa anuncia de longe: “*estou tomando banho*”. Confirma-se que aquela não é uma hora apropriada e o outro dá meia volta. Agora, pode ocorrer de a pessoa estar apenas dentro do barraco principal, então ela assobia, termina o que está fazendo e sai para o terreiro para encontrar a visita que está esperando na cozinha, no terreiro ou na entrada da trilha, depende da intimidade que o visitante tem com o visitado.

Figura 84



Fonte: Simone Frigo (2016).

Sabemos através de Boas (2004) que a percepção também é determinada pela cultura. Aprendemos a produzir e captar sons a partir de longo uso da língua. Esses sons, espécies de gritos, são bem comuns em várias outras situações e pescadores e pescadoras sabem bem identificar a que o som se refere. Quando a possibilidade de ocorrer um lanço na praia do Miguel, o espia, Seu Carlinhos, passa uma mensagem por rádio para sua esposa, Fique. Dona Fique (Silvia Agostinho) é uma das mulheres que permanecem na vila de Encantadas, não acampa como as outras. Dona Fique é responsável por avisar o povo da vila que existe possibilidade de lanço. Ela liga para os parentes próximos e segundos depois já se ouve gritos na trilha que vai em direção à praia do Miguel. Homens e mulheres saem de suas casas já entoando um grito mais agudo e longo. Durante o caminho de suas casas até a saída da vila se ouve esse chamado, avisando a todos da vila que devem correr para o acampamento, pois existe a possibilidade de ocorrer um lanço de tainha. A percepção é gerada a partir da semelhança com sons que já se ouviram anteriormente. “Os sons precedentes e subsequentes, além de muitas outras circunstâncias, exercem certa influência sobre o som que pretendemos produzir” (BOAS, 2004, p. 99).

Também no acampamento existe um som que avisa, que chama a atenção para a possibilidade de pesca. É um grito baixo e que é proferido do acampamento em direção à mata. Um som para dentro, abafado que busca informar os (as) pescadores (as) que estão na mata sobre o lanço e, também, abafado e para dentro da mata para que as tainhas não escutem, pois elas tem ótima audição. Descrevi em meu diário várias dessas situações:

Anunciou-se pelos gritos dentro da mata que existia a possibilidade de mais um lanço. As mulheres, como de costume, correram para a praia para “dar uma olhada”.

E também seguindo o costume rapidamente foram se retirando de volta para os barracos. Hoje foi incomum, tinham mais homens que mulheres no acampamento. Estávamos eu, Sandra, Maria, Rute, Ciana e Daniele apenas. Eu fiquei na trilha, olhando a canoa entrar no mar. Sandra me chamou, como sempre. *‘Você tem que entrar! Mulher tem que ficar no barraco até a canoa passar a arrebentação’*. Eu falei: *‘Só vou dar uma olhadinha!’* Depois ficaram rindo de mim por isso. Por dentro das trilhas fui até o barraco de Rute, pois lá dá para ver um pouco mais da canoa. Passado alguns segundo, Rute foi para a praia e fui com ela... Fechou-se o lanço. Os braços doem e em meio a uma puxada e outra, Rute grita. Aliás, a comunicação da puxada da rede é toda atrás de gritos e gestos, indicando orientação e força. Quando os peixes batem na rede, os gritos são de alegria e agradecimentos. Neste momento começam as falas propriamente ditas. Mais gritos de motivação e orientação para o lado em que o peixe está se acumulando na malha. Com a rede puxada por completo e o peixe na areia as falas tomam conta da praia [...] [...] Mais ou menos nessa hora, os irmãos de Sandra, Valdecir, Ricardo e a cunhada Ciana da vila. Ficamos conversando enquanto Rafael arrumava o pé da mesa. Aí vieram os gritos. O alerta, o chamado específico que identifica a movimentação dos cardumes de tainha próximos a praia[...] Imediatamente os homens foram para a praia descer a canoa para mais próximo do mar[...]

Como recordou Sandra: *“E quando começa a puxar aquela rede assim, ‘êêêêê êêêê’, gritando na praia, é emocionante de se ver”*. No que se refere à constituição de uma performance coletiva realizada para “atingir determinado fim”, é possível observar que todas as ações desse evento direcionam-se para o cerco do peixe – considerado extremamente sensível e “cismado” – concentrando esforços não só daqueles que permanecem acampados na Praia do Miguel, mas também a atenção dos moradores que ficam na vila.

No evento, também se observa uma ordenação dos fatos, que articula toda uma gestualidade, disposição espacial, códigos comunicacionais e interditos, que fornecem ao lanço da tainha noções de uma estrutura sensível, as sequências dependem necessariamente do sensível. Sensação “corresponde a uma certa série de estímulos ligeiramente diferentes” (BOAS, 2004). Por isso a prática tem uma influência tão grande, para definir os limites entre tais estímulos. E as novas sensações são sentidas a partir das já existentes – são classificadas conforme esta semelhança, ainda que sejam diferentes. Esse ordenamento pode ser notado não apenas na observação etnográfica do evento, mas nas narrativas sobre diferentes cercos do peixe. Há uma sequência nas ações, que começam na observação do ambiente, observação do peixe, comunicação entre os (as) pescadores (as), sinalização, contato visual e sons reforçados pelos pescadores e pescadoras mais experientes e que se desenvolve na puxada da rede e no matar do peixe tem seu auge performático. A contagem, o processo de “enfiar o peixe” e carregá-lo até o morro, culminando na divisão do quinhão e na venda da tainha finalizam a sequência do evento.

Figura 85



Fonte: Simone Frigo (2016).

A capacidade de perceber, distinguir as peculiaridades de certos sons, diferenças de tonalidade e de timbres sonoros não se restringe às práticas relativas aos lanços de tainha. Sinais sonoros também orientam o mariscar.

No exato lado oposto ao do Morro do Sabão ficam as pedras que dividem a praia do Miguel (Encantadas) com a praia Grande (início de Brasília). Esse limite entre a Praia do Miguel e a Praia Grande, já considerada como parte de Brasília, outra comunidade da Ilha do Mel, é disputado por entre os habitantes das duas localidades. Existe um marco de pedras, que os (as) pescadores (as) chamam de laje. Os habitantes de Encantadas só podem tirar mariscos até ali. Sendo o contrário também válido. A simples suspeita de quebra deste acordo gera acusações que duram semanas. É nessa encosta com grandes pedras que as mulheres retiram o mexilhão. É nesse local que as mulheres vão mariscar, ou seja, retirar os mariscos que depois de preparado será comercializado na própria Ilha do Mel ou em Paranaguá.

Figura 86

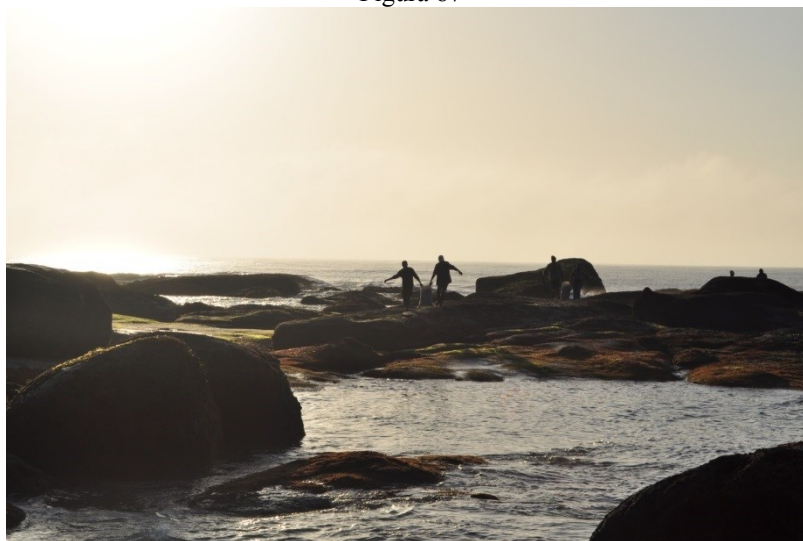


Fonte: Simone Frigo (2015).

Essa atividade, que não é exclusiva das mulheres, é realizada nos períodos em que se “espera a tainha passar”. Os homens também retiram marisco, no entanto, existe uma predominância do trabalho das pescadoras. Rute e Sandra são as mulheres que mais mariscam sozinhas. Participei inúmeras vezes deste processo, retirada, limpeza, cozimento, abertura e armazenamento.

Os sinais sonoros identificam a chegada de uma nova pessoa ao local, mas principalmente orientam aqueles que estão retirando o marisco nas pedras atingidas pela crescente da maré. Em geral, elas retiram o marisco pela manhã bem cedo, quando a maré está seca. O processo de retirada evolui conforme o crescimento das águas, assim existe o som, também um “*Uhu*” que é entoado todas as vezes que as ondas se aproximam depois de um relativo período de recuo. O som da voz humana precede o som da batida das ondas nas pedras. Depois, o som das pás e dos facões em atrito com os mariscos predomina. E assim o ciclo sonoro continua.

Figura 87



Fonte: Simone Frigo (2016).

Os mariscos são colocados em grandes sacos e carregados com carrinhos de mão ou pelos homens quando voltam da vila. Os homens ajudam a carregar o marisco, depois de voltar da Vila e também preparam o fogo para o cozimento dos mariscos, mas não são tão ativos na hora de descascá-los. Este é um momento de reunião de várias pessoas de ambos os sexos. Ao lado de todo o barraco existe uma mesa para limpar peixe e descascar marisco. Em volta dessa mesa, mulheres e homens conversam bastante. Esposas, maridos e parentes mais próximos compõem este grupo. Além das festas com consumo de álcool elevado, esse momento de descascar o marisco me parece o mais aberto, com poucas distinções entre conversas de homens ou mulheres. A venda de mariscos durante a pesca da tainha é uma contribuição financeira significativa para a renda das famílias. No ano de 2011, por exemplo, houve poucos *lanços* de tainha, por isso foi considerado um ano muito ruim para a pesca. Como consequência, intensificou-se o trabalho de coleta dos mariscos.

Figura 88



Fonte: Simone Frigo (2016).

Outro momento, mais restrito, porém de demonstração de conhecimentos e afetividades são os trabalhos realizados na mata. Até a conclusão do trabalho de campo continuei impressionada com a familiaridade das mulheres com a mata. Em uma ocasião fui com um grupo cortar bambu no caminho do Belo. Fiquei impressionada em ver como Sandra conhecia aquelas trilhas, aquele mato. Ela é capaz de identificar detalhes, lembra de lugares específicos onde ia tirar samambaias com sua mãe, Dona Marlene, onde iam lenhar. Lembrando que há tempos atrás a trilha do Belo era usada para levar as tainhas do Miguel até Brasília, de onde o transporte saía para Paranaguá. O caminho do Belo é mais distante, o comum é lenhar mais próximo dos barracos enquanto se espera a tainha chegar.

Observando, o processo me pareceu simples, no entanto ganhei um apelido de Dona Maria, Pica Pau. O jocoso apelido era usado apenas quando eu ia lenhar. Foi-me dado devido as minhas fortes habilidades com o facão (ironia). Segundo ela, eu parecia um pica pau batendo o facão na madeira. Sobre o processo de identificação e retirada das madeiras transcrevo uma nota de meu diário:

Fomos tirar lenha no mato hoje. Eu, Sandra, Rute, Nereu e Dona Mariazinha. Primeiro escolhe-se visualmente aquelas árvores ou galhos que avaliam estar secos. Com o facão, o experimento, vai-se tirando algumas lascas das árvores e confirma-se ou não se é madeira boa para o fogo. Portanto, concretamente se vê e se sente pelo tato, atrito do facão na árvore, a boa madeira. 2) Identificando os galhos ou árvores corta-se com o facão ou machado. Nessa região que fomos lenhar, perto da praia na entrada da trilha do Miguel indo em direção as bananeiras, todas as árvores podiam ser cortadas com o facão. Apenas adentrando mais a mata é que necessita-se do machado. 3) vai-se acumulando os galhos cortados em montes nas laterais da trilha. Os montes são identificados, ou seja, cada pessoa tem o seu. Por mais que essa madeira possa ser redistribuída nos barracos, nesse momento não é. Claramente cada pessoa demarca seu monte, identificando para o outro. A acusação de roubo de

lenha é uma quebra de etiqueta comum no acampamento, causando sempre rumores e desconfortos entre as famílias. ‘Ah Esse monte é da Sandra!’ Rute disse ao passar. Sei que ela disse isso para Maria, ou seja, eu estou aqui observando e não quero que você mexa na lenha de minha cunhada. 4) dos montes faz-se feixes de lenha que são ensacados ou amarrados. 5) com os feixes nas costas ou eventualmente transportando em carrinhos de mão a lenha é levada para o terreiro próximo ao barraco do seu dono. Depois organizada e empilhada ao lado do fogão para ficar bem seca.

Nesses momentos de espera do peixe, a mata se torna laboratório e se lenha muito com o objetivo de armazená-la, pois será usada não só para o cozimento das refeições, mas também para o defume do peixe e o cozimento do marisco. Esses momentos de espera do peixe são de balanços e avaliações futuras. Avaliação das próximas marés, se o marisco está gordo o suficiente para retirá-lo. Se o preço da venda do peixe foi satisfatório ou não. Ou seja, são momentos onde as pescadoras fazem avaliações mais gerais que, posteriormente, e quase nunca totalmente públicas, serão repassadas aos seus companheiros e repercutindo na Vila.

Figura 89



Fonte: Simone Frigo (2016).

Além de lenhar, agarra-se um mato constantemente. Isso significa adentrar a mata atlântica em busca de frutas, raízes ou para observar como “*estão às coisas por lá*”. Usa-se a expressão agarrar um mato para lenhar também, mas o comum é o uso desta expressão em situações se fazem “expedições” dentro da mata.

Nessas expedições, a etiqueta rege que casadas não podem “agarrar um mato” com outros homens que não sejam exclusivamente seus maridos e irmão. Mulheres solteiras apenas com seus irmãos, pai ou irmãs com seus respectivos maridos. Qualquer comportamento de mulheres que escape a esse padrão é extremamente mal visto por

pescadoras e pescadores. Como solteira e sem familiares, fui “adotada” por Sandra e Rafael. Literalmente um dia me falaram que eu era como irmã para eles. Também me sentia confortável com Rute e Nereu, um casal de pescadores um pouco mais velhos, sendo Nereu irmão de Sandra. Assim todas as minhas expedições foram com Sandra ou Rute.

Figura 90



Fonte: Simone Frigo (2016).

Agarrar o mato, ir em busca de frutos ou raízes não diz respeito à necessidade alimentar básica. Diz respeito ao ver, ao pensar e ao experimentar tanto do ponto de vista degustativo como de elaboração, reelaboração de técnicas visuais em mata fechada. Descrevo abaixo uma das oportunidades que “agarrei um mato” em busca de carás.

Tirar cará no Morro. Eu, Sandra, Nereu, Nenem, Valdecir e Ciana fomos para o mato tirar cará. Nenem sabia exatamente onde o cará estava plantado. Sua família, seu pessoal que plantou e todos os anos da época da pesca o pessoal garra o mato e vai lá tirar cará. O caminho é relativamente longo. É necessário entrar na mata indo em direção a fonte, local onde a água do acampamento é encanada, e seguir até a trilha da copel (onde passam os postes de energia). Depois começa a subida do morro onde a vegetação muda de restinga para mata atlântica mais densa. Com árvores mais grossas, algumas bem grandes e altas. O dia foi de tempo fechado, sem sol. Eram três da tarde e dentro da mata estava anoitecendo, era como um crepúsculo. Entre árvores enraizadas em pedras enormes encontramos o cará. Nenem indicou o local exato e tiramos (todos nós) quatro sacos (destes de farinha) de cará. Os carás são raízes maiores que mandiocas. Nem todos os carás retirados estavam bom para o consumo. A raiz tem que estar num tom mais próximo do branco. Os de tons mais amarelados ainda não estão próprios para o consumo, então os replantamos para o próximo ano. A chuva caiu e voltamos correndo para o acampamento. Lá se procedeu a divisão do cará do mesmo modo que se divide a tainha, por quinhões.

Figura 91



Fonte: Simone Frigo (2016).

Nesse dia tivemos muitos debates e avaliações sobre possíveis locais onde mais raízes de cará estariam plantadas, sobre quem plantou e em qual data. Foi feita uma vistoria completa na bica d'água fornecedora do acampamento. Ela estava secando. Avaliaram-se os porquês e concluíram que era necessária uma intervenção, se não haveria problemas com o fornecimento de água no ano que vem. Foi planejada uma limpeza no local. Descobrimos novos pés de maracujá. E refletiu-se sobre a grande quantidade de árvores de grande porte que estavam caídas. Ouvimos os mais experientes com atenção, mas não em silêncio absoluto. Perguntas, comentários e piadas fazem parte dessa dinâmica. Aprendi e treinei muito minha audição e visão. Eles, pescadores e pescadoras, também. Apenas diferenciando-nos por patamares de conhecimentos muito distintos.

4.3 VER, INTERPRETAR E OS JOGOS DA CONJUGALIDADE

Sentadas nos barrancos de frente para a praia, observando o mar, os ventos, eventuais pescadores, o espia, a circulação de pessoas e coisas entre os barracos e quem vem na trilha do Morro do Sabão. Costuma-se até apostar para ver quem acerta mais rapidamente quem é a pessoa ou grupo que está caminhando no morro. É todo um universo no qual precisam estar atentas.

Estávamos observando o mar. Sandra, a pescadora me alerta, desviando o olhar para o morro que dá acesso ao acampamento de pesca: *'olha lá Simone! É sua amiga'*. Eu não vejo nada além de um ponto vermelho muito distante. Ela repete: *'Olha lá, ela veio com o filho dela'*. Continuo não enxergando nada e só confirmo a informação quando minha amiga Lígia e seu filho – 'de fora', mas moradores da Ilha – cessam a

descida do morro e começam a caminhar na praia. (Registro copiado do diário de campo)

E assim prosseguimos, eu e elas. Tentaram durante um tempo de “ensinar a ver”. “*Olha! A cor da roupa, tamanho da pessoa, aí você já sabe se é homem ou mulher. Depois você repara no jeito de andar. Aí vai saber quem é a pessoa*”. Eu continuei não sabendo identificar ninguém a uma distância tão longa. Não aprendi. O treinar dos olhos destas mulheres claramente aciona dois recursos que meu contexto cultural não desenvolveu. A prática de identificação de pessoas, coisas e organismos através de percepções de longa distância e, mais especificamente, o reconhecimento da identidade (sentido literal) da pessoa ao associar essa técnica com o conhecimento prévio do outro. Afinal, na pesca “todo mundo é parente”.

Figura 92



Fonte: Simone Frigo (2016).

Pergunto-me, assim como Butler (2002), “O que um corpo pode fazer?” Que conjunto de capacidades formam o corpo da mulher pescadora? E o conjunto de instrumentalidades ou ações? Não serão todos os corpos uma espécie de reunião dessas coisas? Creio que sim. A forma como os corpos se movimentam e deixam suas marcas, rastros no mato, pegadas na areia é completamente individualizada. O porte físico e certas características de mobilidade selecionam para o ego, em um primeiro momento, em qual família nuclear a pessoa que se observa está inserida. Dentro deste núcleo já restrito (família nuclear), a forma de movimentar o corpo e deixar marcas de sua passagem é peculiar, é única e é conhecida pelas pescadoras. Essa seleção de técnica visual e memória de parentesco é o que possibilita que as mulheres

tenham uma visão tão aguçada. Que elas reconheçam pessoas a uma longa distância ou também pelo vulto.

O reconhecimento dos vultos, sombras, imagens refletidas das pessoas é algo essencial para a vida em Encantadas. A luz elétrica é concentrada nas casas e estabelecimentos comerciais. Não existe um sistema homogêneo de iluminação pública nas trilhas da vila. Alguns habitantes focam um ponto de luz de sua casa em direção à trilha pela qual acessam a casa. Mas a maioria dos habitantes não faz o mesmo. É uma forma de economizar energia, me disseram. Creio que sim e, além disso, não sentem necessidade de maior iluminação. Andam tranquilamente nas trilhas completamente escuras, sem visibilidade. Pescadores (as) e demais moradores da Ilha não usam lanterna na vila, apenas em trilhas dentro da mata ou nas trilhas dos morros. Quando se visualiza de longe uma luz de lanterna na trilha já se sabe que é um turista.

Figura 93



Fonte: Simone Frigo (2016).

Agora, quando se vê o vulto da pessoa se aproximando, se faz necessário reconhecer quem é. Principalmente se você for uma mulher. Presenciei poucos casos efetivos, mas a ideia de que as mulheres estão em constante perigo, quando não acompanhadas, é uma das características mais relevantes para a compreensão da relação entre homens e mulheres. Estar sozinha, ser sozinha (solteira, separada ou viúva) é um perigo iminente. Diversas vezes fui alertada sobre isso, não apenas pelas mulheres, mas também pelos homens. Pois, descrevendo sem grandes delongas, é necessário dizer: ser ou estar sozinha é uma posição de vulnerabilidade para as mulheres, pois os homens estão autorizados a falar e a agir de forma menos respeitosa do que agiriam com mulheres casadas.

Por ser uma mulher solteira passei por inúmeras situações constrangedoras, mas contornáveis. Relato aqui minha própria experiência, verificada como similar com todas as mulheres solteiras que tive contato. Primeiro, o medo e sua objetificação, relatado por mim no início do segundo período prolongado de campo. Ou seja, eu já possuía alguma experiência e entendia muitos códigos. Assim relatei:

O caminho para o Morro do Sabão estava péssimo. Mais ou menos no meio da trilha eu vi um homem perto da praia. Imaginei ser um turista e continuei. Conforme eu avançava na trilha, eu percebi que o homem andava entre a restinga vindo em minha direção ou na direção apenas da trilha, não sei. Fiquei atenta, pois achei estranho aquela atitude. Fui visualizando-o melhor, ele andava mais devagar. Acompanhei. Ele parou antes de alcançar a trilha e ficou literalmente me observando, vendo para onde eu estava indo. Comecei a ficar realmente com medo. Naquela hora eu cheguei à conclusão que ele não era um pescador, um nativo. Duas coisas me fizeram chegar a isso. 1) A forma de andar. Os homens e mesmo os adolescentes andam sempre muito rápido. O tronco mais ereto e mexem bastante as mãos (se elas estiverem desocupadas). Andam rápido nas trilhas. Aquele homem andava mole, ficava olhando onde pisar. Um nativo não olha o tempo todo para o chão enquanto anda. Sabe onde pisar, portanto, seu ângulo de visão é bem mais amplo. Conhece o caminho, não teria errado a trilha como pareceu que aquele homem errou. 2) Se um homem nativo como aquele, aparentando ser um pouco mais velho, mais de 60 anos, encontrasse uma mulher sozinha em uma trilha, jamais agiria como o tal sujeito. Isso eu já sei. Ele iria andar mais rápido e passar por mim. Os homens adultos e mesmo os adolescentes não ficam andando atrás de uma mulher sozinha pescadora ou nativa. E também tomavam essa atitude comigo. Eles apressam o passo e ultrapassam. Podem te cumprimentar ou não durante essa passagem. Mesmo os jovens solteiros que possam ter algum interesse na mulher, não ficam andando atrás da garota. Eles passam, falam algo, te cantam, mas não andam atrás de mulheres que estão andando sozinhas, principalmente se não forem parentes... Em resumo, acabei voltando para a vila, pois não me senti nada segura com o desenrolar desta história e nunca mais vi o tal homem. (Registro retirado do caderno de campo).

Quando fiz este relato ainda não tinha compreendido todas as nuances desse processo. Foi só vivenciando, através do medo e das risadas, que tive acesso a este tipo de informação. Bom, como disse acima, os homens não andam atrás de mulheres solteiras. Eles apressam o passo e ultrapassam, independente de serem homens casados ou solteiros. Mas então, por que existe o medo e a necessidade constante de ver quem vem à frente? Porque o assédio ou cantada inicia-se sempre por assobios e sons, quase nunca entre o homem e a mulher olhando um para o outro, se vendo. Pois bem, ocorre que se o homem tiver interesse amoroso ou sexual pela mulher solteira que encontrou na trilha, ele procede da seguinte forma: ultrapassa a mulher e anda muito rapidamente até não ser mais visto. Esconde-se em meio à vegetação presente nas trilhas, lembrando que está completamente escuro, e espera a mulher passar. Aí o homem emite sons, assobios baixos e específicos. Ou seja, uma mulher nativa irá compreender os sons como um convite. Esse convite não é necessariamente sexual, sua natureza será posteriormente discutida entre os dois, caso a mulher responda o convite. A

resposta é também a emissão destes assobios. O silêncio por parte da mulher obviamente significa uma negativa, não interesse.

Mesmo recebendo um não a sua investida, os homens ainda estão autorizados a acionar um último recurso, bater de leve na porta ou janela da mulher. Pensem no medo que senti na primeira vez que ouvi passos e depois batidas em minha porta e janela. Eu não sabia, ninguém tinha me falado. Ana Valentim, esposa de Maninho, casal que me acolheu em sua casa no primeiro ano de campo intensivo, não conseguia parar de rir enquanto eu, assustada, falava sobre o ocorrido. Depois do susto, recapitulando, lembrei de ter ouvido algo na trilha, no caminho de volta da casa de minha amiga Lígia. Estava explicado, eu é que não conhecia as regras do jogo. Segundo me contaram depois, a insistência, ir atrás da mulher e bater em sua porta ou janela de seu quarto, pode dar resultados. A mulher pode reavaliar e abrir a porta. Caso isso não ocorra, passando um tempo o homem irá embora. Eu e outras moradoras da Ilha, não nativas, com as quais tive contato e que também viveram esse tipo de situação, achamos que é uma forma de relação abusiva.

Figura 94



Fonte: Simone Frigo (2015).

Acompanhei um relato onde a mulher morava sozinha e teve sua porta esmurrada durante quase um mês. Eu mesmo, no segundo momento de campo, aluguei sozinha uma casinha um pouco mais afastada na região central da vila. E por várias vezes escutei a batida na porta. Jamais sequer levantei da cama, petrificada pelo medo. No entanto, jamais escutei tal opinião de pescadoras ou nativas sobre esta questão. Umam riam e falavam que era assim mesmo, “*É só você não abrir a porta Simone!*”. Também não foi incomum escutar o seguinte

conselho: “*É por isso que você tem que arrumar um marido ou namorado. Assim você não precisa passar por essas coisas*”.

A observação exige técnica. Técnica para viver o ambiente, para pesca e para se relacionar com pessoas. A observação como técnica é parte constitutiva da socialidade local que também se desdobra em vigilância e controle sobre os habitantes. Desde o começo da pesquisa de campo usei galochas, por conta da umidade e frio. Meus passos, minhas pegadas sempre foram reconhecidas mesmo existindo muitas pescadoras que também usam essa bota. Muitas vezes fui questionada sobre meu paradeiro durante a noite na vila. Minhas pegadas, indo ou voltando em direções opostas a casa onde estava hospedada denunciavam minhas andanças no período noturno, gerando muita curiosidade e uma certa preocupação por parte das mulheres. A descoberta de meu destino, a casa de uma amiga “de fora”, fez questão de revelar, pois não tinha interesse nenhum que as mulheres questionassem o meu caráter, pois a simples suspeita de que uma mulher possa estar se relacionando com um homem casado pode trazer grandes problemas, inclusive violência física.

São nestas redes de socialidade, da percepção arguta das pescadoras que a pesca adquire forma e sentido. As ideias em torno da observação apontam para uma percepção de mundo que é construída na performatividade (BUTLER, 1994), pensada não só como aquilo que elas fazem individualmente, mas também aquilo que, no coletivo, a faz uma mulher pescadora com todos os seus sentidos capacitados e instrumentalizados para a vida, aquelas que são treinadas para ver, ouvir e fazer.

Elas olham e veem bem mais que os peixes, pois não cabe a elas “apenas” ficar atentas aos cardumes e matar os peixes. Cabe a elas gerenciar todo o acampamento de pesca em sua perspectiva material, mas, para isso, é necessário desenvolver as técnicas do sensível. O ver, o ouvir e o falar, em suas formas de percepção, revelam quais os engajamentos necessários para que se concretize as ações cotidianas, em especial as relações de gênero.

5 “VOCÊS NÃO FODEM? A GENTE FODE, MAS NÃO CHEGA A ARRANCAR A PELE DA PICA!” SOBRE GÊNERO, SEXO E PESCA

“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos surpreenderá a todos, não por ser exótico. Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto, quanto terá sido o óbvio.”

(Doces Bárbaros).

Em meio ao turbilhão de vivências, reflexões e anotações próprias do período de campo, uma das questões que chamam minha atenção são as piadas, brincadeiras e “causos” que abordam os temas sexuais e as relações de gênero. Arrisco dizer que a dinâmica das piadas, brincadeiras e “causos” é constituinte da socialidade cotidiana no acampamento de pesca. “*A gente fode, mas não chega a arrancar a pele da pica*” é a conclusão de um “causo” que me foi contado sobre uma pescadora que não conhecia preservativos. Durante um lanço de tainha (técnica de pesca), ao limpar os peixes, ao lenhar (cortar ou buscar lenha), ao mariscar (retirada e processo de limpeza e cozimento do marisco), ou mesmo nos momentos de descanso, a jocosidade é a característica que marca grande parte das relações na pesca da tainha de Encantadas, especialmente as relações de gênero. Assim, neste capítulo proponho entremear meus registros do diário de campo apresentando algumas piadas, brincadeiras e “causos” como forma de exprimir algumas de suas relações afetivas, como falam sobre sexo e, também, quais os limites para este tipo de discussão.

Não foi surpresa perceber que a sociabilidade no acampamento de pesca era marcada por brincadeiras, piadas e causos. Tendo mantido contato com os (as) pescadores (as) de Encantadas desde o ano de 2011, já havia escutado suas histórias de humor e sexo. Porém, os contatos regulares, mas pouco intensos, não me permitiram dimensionar o quão importante é a jocosidade para a dinâmica local. Apenas a partir do ano de 2015, pude permanecer em campo durante todo o período da pesca, entre maio e agosto (incluindo preparação e desfecho) pude dimensionar essa importância.

Minha surpresa, conforme íamos nos adaptando, eu e eles com minha permanência em campo, foi com relação a intensidade e as temáticas tratadas nestas brincadeiras de humor. Os dias passavam e, conforme construíamos um lugar para mim na dinâmica do acampamento de pesca, fui percebendo que a jocosidade era constitutiva das relações de gênero entre pescadores (as), tendo a temática da sexualidade como eixo central.

Ao me dar conta de que se falava muito, se brincava muito, com temas relacionados ao sexo, confesso que assumi pensamentos um pouco pretensiosos. Minha primeira interpretação foi de aquelas falas e comportamentos eram dirigidos a mim. Pensei. Sou de fora, da cidade, da Universidade, devem estar tentando estabelecer relações com temas que consideram do meu interesse. Até porque, desde o início deste campo, nunca me furtei de participar das rodas de conversa, escutar as piadas, rir muito e dar minha opinião quando questionada. Mas devo dizer logo de início que eu estava enganada. Essa pretensão inicial me faz rir hoje. É claro que existem falas e brincadeiras para “os de fora” e para eles mesmos, conforme buscarei apresentar. No entanto, a jocosidade ao tratar de temas sexuais nunca foi e acredito que nunca será uma fala, um comportamento para estranhos. É uma forma de dar cor, de acentuar ou reformular questões e práticas referentes às relações de gênero no cotidiano dos (as) pescadores (as) de Encantadas. Neste capítulo os nomes dos interlocutores foram substituídos.

5.1 O RESPEITO, O CIÚME E O CONTROLE

“Simone!”, Cátia me chama. “Eu já te contei aquela da camisinha?” Respondo que não. “Então foi assim”, diz ela:

Uma mulher do sítio, pescadora né! Morava lá pros lados de Superagui. Isso faz tempo. Ela limpava os quartos da pousadinha lá. Ela limpava o quarto de uma mulher rica, da cidade. Todas às vezes que ela ia limpar o banheiro, ela encontrava camisinhas usadas. Ela não sabia o que era. Então ela pegava, observava e ficava pensando o que era aquilo. A mulher ficou muito curiosa, mas não conseguia entender aquela coisa. Um dia, ela foi limpar o banheiro e a patroa estava lá. Ela não se aguentou, pegou uma camisinha na mão e, mostrando para a patroa, perguntou o que era aquilo. A patroa, meio sem jeito, ficou pensativa, tentando pensar em uma forma de responder e falou: ‘é um preservativo. Você não sabe?’ Perguntou. A mulher respondeu: ‘não sei o que é isso’. ‘É uma camisinha’, continuou afirmando a patroa. E a resposta da mulher continuou a mesma: ‘não sei o que é isso.’ A patroa, já sem paciência falou: ‘vou ter que ser mais clara com você! Lá de onde você vem, vocês não fodem?’ Perguntou a tal patroa. ‘A mulher responde, a gente fode! Mas não chega a arrancar a pele da pica!’

Gargalhadas se espalham pelo acampamento. Cristina dando o tom da brincadeira ainda pergunta: “como pode né?” Referindo-se a ideia de como é possível que a tal mulher não soubesse o que era uma camisinha. A jocosidade neste caso me parece bem interessante. A tal mulher, sem nome específico, coisa bem rara nos causos contatos pelas pescadoras, morava em uma Ilha, Superagui. Essa Ilha, juntamente com a Ilha das Peças, também próxima geograficamente, são constantemente lembradas pelos habitantes de Encantadas como análogas à Ilha do Mel “no passado”. No passado à Ilha do Mel era como Superagui é hoje,

pelo isolamento, sem grandes empreendimentos imobiliários, com turismo restrito e muitas atividades laborais ligadas exclusivamente à pesca. A analogia também é com relação às mulheres pescadoras, pois R. logo após responde: “*Você não lembra da gente. A gente era boba de tudo! Não sabia nada. Fui saber um pouco já tava quase casada.*”

A piada fala sobre os seus conhecimentos e desconhecimentos localizados em um dado período. É sintomático também que a tal mulher pescadora trabalhe também limpando os quartos de uma pousadinha. Trabalho mais que comum operado pelas pescadoras na atualidade.

“*Você anotou aquela história da camisinha Simone?*”, “*Sim, anotei.*”, “*Então vem aqui e lê para a gente*”. Li a história como tinha anotado e conforme ia lendo, o grupo de cinco pessoas fazia as correções. Estavam presentes Cátia e Rodrigo, casal que me adotou como irmã, como me disseram depois. “*Afinal, temos mais ou menos a mesma idade.*” Renata e Paulo, casados e primos. Sendo Paulo irmão de Cátia. Também presente Augusto. Não é bem assim, me diziam. E, assim, eu reescrevi algumas das anotações do diário de campo conforme iam me ditando.

Aliás, devo dizer que a prática de anotar no diário de campo foi objeto de reflexão por parte dos interlocutores³⁹. Ao perceberem que em todos os momentos de tempo livre, momentos onde se davam os descansos das atividades cotidianas, eu pegava meu caderno e pontuava temas ou questões para lembrar no fim do dia, as mulheres pescadoras começaram a questionar por que eu anotava coisas e o que anotava. Expliquei de diferentes maneiras a minha necessidade de registrar o que acontecia no cotidiano da pesca. Em um episódio, Cátia e Renata me perguntaram: “*Mas você anota tudo que a gente fala aqui?*” Já fizeram a pergunta com um tom de malícia. Respondi que anotava tudo que considerava que era importante para, depois, escrever sobre a vida das mulheres que pescam tainha na Ilha. Foram mais específicas na próxima pergunta. “*Mas você anota as sacanagens que a gente fala também?*” Respondi que sim, que anotava tudo que lembrava e perguntei o que elas achavam, se elas se sentiriam ofendidas ou coisa assim. Cátia me respondeu: “*não, mas você sabe né*

³⁹ Assim como Calávia (2013), não creio que dar um nome aos pesquisados, seja nativos ou interlocutores é uma questão de grande relevância. Busquei, ao longo do texto, não centrar-me em uma categoria unificada. A escolha na “etnografia precisa usar o termo que melhor se adequa à situação descrita, isto é, segundo ele esteja aí como ferreiro, como cigano, como João ou como O Nativo” (p. 151). Assim, neste capítulo, utilizo o termo interlocutores com mais frequência do que nos capítulos anteriores, pois os movimentos de interlocução foram realmente intensos.

Simone. Tem coisas que a gente fala para você, mas a gente não quer que os outros saibam que foi a gente que falou, a pessoa pode entender errado. Não ver que é brincadeira. Como que é? Você vai escrever o nome de quem falou? Aí fica ruim.” Respondi, explicando como estava pensando em escrever. Falei da importância dos registros de parentesco, das informações que elas estavam me passando sobre a pesca etc. Mas concluí propondo que, quando as conversas fosse sobre sexo, piadas ou fofocas eu iria ocultar os nomes das pessoas que me falaram. “*É só você não dizer quem falou. Tem como fazer isso né?*”. De pronto, respondi que sim. Que eu poderia ocultar ou alterar o nome das pessoas na escrita do texto. E desta forma firmou-se o nosso acordo.

Não tenho certeza, mas creio que foi Cátia mesmo quem repassou para todos o que tínhamos combinado, pois, nas outras situações que se seguiram, não houve constrangimentos de fala. Apenas olhavam para mim e falavam: “*não coloca o meu nome*”. E eu entendia o recado. Já sabendo que a história que viria a seguir envolvia algum habitante de Encantadas, por isso eu deveria registrá-la ocultando os nomes dos envolvidos.

Devo dizer também que ocorreram também situações em que, depois de contado um caso ou uma piada, meus interlocutores me pediam para eu ler a história que havia registrado no diário de campo. Essa prática se tornou relativamente comum, pois me contavam algo e assim que alguém que não tinha escutado o episódio chegava ao acampamento, já me pediam para ler a história que havia registrado. Assim, operavam-se dois mecanismos ao mesmo tempo. Primeiro, conferir, controlar o meu registro e, depois, incluir ou informar aquele que ainda não conhecia o caso, a piada ou a falação no circuito de relações do acampamento. O controle que os habitantes de Encantadas exerceram sobre mim não se limitou à leitura das anotações das histórias, nem ao controle das minhas caminhadas, como disse em capítulo anterior. Deu-se, principalmente, pela busca de um parceiro. Ao questioná-las sobre seus amores, afetos e sexualidade entro no circuito das relações de gênero locais, pois como bem coloca Calávia:

Se ele está a estudar – temas bem clássicos- relações interétnicas ou de gênero, deve ser consciente de que a relação interétnica ou de gênero mais determinante é a que ele mantém com seus interlocutores. Seria pouco recomendável que tentasse esquecer disso e não fizesse disso já não tema de alguma confissão preliminar mas o fulcro da sua descrição e análise (CALÁVIA, 2013, p. 152-153).

Logo de início já me foi citado pelas mulheres quais eram os homens solteiros da Vila. Sem restrição de idade, dos 15 aos 70 anos foram listados os pescadores que teoricamente eu estaria autorizada a me relacionar. Nunca constituí uma relação com nenhum pescador ou

pescadora de Encantadas, mas os esforços para que eu arrumasse um namorado, marido nunca cessou. Como descrevi no capítulo anterior, os homens tem maior liberdade com mulheres solteiras, uma espécie de autorização para o assédio. Passei por estas situações várias vezes a ponto de me “arranjarem um namorado” fictício. Antônio, um adolescente de 15 anos, pescador de uma das famílias “tradicionalistas da pesca” foi meu “namorado” durante um tempo. A invenção do namoro foi de outro pescador que, constatando meu total constrangimento frente a investidas de um senhor, ajudou-me da forma como funciona a lógica local. Eu namorava Antônio, um parente. O senhor inclusive me pediu desculpas, falando que não sabia que eu era namorada de Antônio. Essa mentira me salvou de muitas situações desconfortáveis neste início, não negava nem afirmava meu tal namoro. Depois, me sentindo mais segura, resolvi me separar do meu namorado virtual.

Voltando a ser solteira, voltei para a rede de controle mais restrito. Diário, passos, festas, praia, casa, tudo. De uma forma ou de outra, as (os) pescadoras (os) sempre souberam dos lugares que fui e com quem conversei sem sair do acampamento. Isso não é uma novidade. As diferentes práticas de controle das relações em Encantadas estenderam-se a mim. Mesmo que essa captura seja sempre parcial, visto que não sou pescadora e nunca me coloquei como, ela sempre existiu. As mulheres pescadoras sempre fizeram questão que eu partilhasse com elas as práticas de controle, mas é preciso ter cuidado.

Os causos e piadas, como não poderiam deixar de ser, tem limites, espaços e contextos que devem ser respeitados. Uma das grandes questões cotidianas é saber o que se fala e para quem se fala, pois ultrapassar os limites do que é considerado respeito entre os locais é considerada falta grave e, ao mesmo tempo, alimenta o ciclo das fofocas e “falação” dos moradores. Natália, filha de seu Francisco, chegou ao acampamento contando um fato que tinha acabado de acontecer com ela. No diário de campo, traduzi a história dessa forma:

A mulher e o seu Gerson são muito curiosos e ficam em frente à casa deles, ou seja de frente para a trilha onde todos passam, observando todos e tudo que acontece por ali. Natália, uma moça considerada ‘bem gordinha’, passou pela trilha em frente à casa do seu Gerson. A mulher dele, estava na frente da casa observando e chamou ela, ‘filha! Vem cá!’. Natália se aproximou e a mulher perguntou: ‘Minha filha, você está grávida?’ Natália que obviamente ficou braba respondeu: ‘Sim! E o filho é do tio Gerson!’

Natália chegou ao acampamento de pesca contando essa história e rindo muito, pois nesse contexto, como ela disse: “colocou a mulher do seu Gerson no lugar dela”. Neste caso a intromissão em excesso, a não intimidade existente para perguntar sobre uma suposta gravidez, fez com que Natália, mesmo tendo alguns laços de parentesco com Seu Gerson,

desse uma resposta a fim de ferir, zombar da sua interlocutora. Importante perceber como sua resposta se deu no mesmo plano discursivo de sua interlocutora. Ao perguntar sobre a suposta gravidez, recebeu como resposta, mesmo que como piada, um questionamento da honra e fidelidade de marido da interlocutora.

As situações de intromissão em excesso se desdobram em alguns outros níveis, por vezes positivo. Registrei um contexto em que senti que havia passado dos limites, no entanto, Rosa, esposa de um dos pescadores mais conhecidos de Encantadas, apropriou-se de minha intromissão a seu favor. Descrevi a situação dessa forma no diário:

Sai da casa de Cátia e fui ao mercado comprar algumas coisas para o almoço. Na volta, encontrei escrita na areia de uma das trilhas a seguinte frase: ‘Carlos eu te amo’. Detalhe. Estava escrito com pétalas de rosas vermelhas. Parei para registrar com o celular e uma mulher saiu da casa que se localizava bem em frente à trilha onde a frase estava escrita. Ao perceber que eu estava registrando, me disse: ‘por que você está tirando foto?’ Expressando um rosto sério. Expliquei quem eu era e na casa de quem eu estava morando. Ela suavizou a expressão e me disse: ‘Ele (Carlos) está com vergonha’. Eu respondi: ‘ele vai ficar chateado mesmo quando não tiver ninguém que diga que ama ele’. Meu primeiro pensamento foi, putz! Não deveria ter dito isso. Mas, de imediato, ela sorriu para mim e gritou para dentro da casa: ‘viu o que ela disse?! E repetiu minha frase’. (Depois vim a descobrir que Carlos e Rosa são casados). O marido saiu de dentro de casa e me disse: ‘Eu gosto, mas fico com vergonha’. Assim, começamos a conversar e ela me contou que sempre faz este tipo de surpresa para ele. Carlos entrou em casa e voltou ao nosso encontro com um porta retrato na mão. Os dois me mostraram orgulhosos uma foto grande com um coração que dentro estava escrito ‘eu te amo’. Tudo isso feito de pétalas de rosas vermelhas. O desenho era bem grande e feito na praia perto do trapiche. Local de chegada de Carlos, que é pescador e barqueiro. Elogiei a foto e segui meu caminho.

Fiquei sabendo apenas depois desse episódio que Rosa é considerada uma das mulheres mais ciumentas da vila. Presenciei inclusive várias falas dela sobre essa questão. Naquele momento descrito acima ainda não havia me dado conta, mas Rosa, na realidade estava me avaliando, questionado se eu poderia ou não ser uma ameaça para ela. Sim, ela especialmente compreende a maioria das mulheres solteiras como ameaças. No entanto, já naquele momento quando eu disse: “*ele vai ficar chateado mesmo quando não tiver ninguém que diga que ama ele*”, ela suavizou sua postura comigo, pois gostou do que escutou. No decorrer do campo, nos tornamos mais próximas e o seu ciúme não se dirigia mais a mim.

Para além de falas ou intromissões em excesso, existem as atitudes realmente condenáveis. Aquelas que geram afastamento ou reações mais drásticas por parte de homens ou mulheres. Uma regra básica entre os casais de pescadores é não ofender o (a) parceiro (a). A ofensa, intimamente ligada com a ideia de respeito, é sempre pública e ocorre quando um cônjuge compara seu parceiro com outro (sempre do mesmo sexo) dando a este outro maior qualidade, merecimento, elogios. Ou seja, comete-se uma falta de respeito com o outro,

quando se elogia publicamente uma pessoa do mesmo sexo que seu cônjuge. Na suposta comparação a pessoa estará ofendendo seu parceiro, falar bem de outro é quase como se estivessem falando mal de seu parceiro. O tom é basicamente esse. Esse entendimento de ofensa pode causar sérias brigas entre os casais. Duas situações de ofensa. É unânime a avaliação de que o barraco de Gisele e Augusto (dormitório e cozinha) é o mais bem feito, caprichado em detalhes. A cozinha tem porta, Augusto fez um fogão com base de barro. Ficou lindo! Também tem uma pia de plástico toda arrumada. Todos reconhecem o capricho do barraco desse casal, mas os comentários das outras mulheres sempre são muito cautelosos. Pressupõem-se que ao falar bem do trabalho feito por Augusto, estará desmerecendo o esforço feito por seu marido. Elas não querem ofender seus maridos e também dar muitos créditos ao marido de outra, pois esta também ficaria receosa, poderia ter ciúmes. O mesmo se dá com relação ao preparo da comida no acampamento. Em cada barraco, cada uma das mulheres cozinheiras são as melhores, não havendo comparação nem por parte de visitas da Vila. Pois, no caso, respeito é não elencar as qualidades de pessoas do gênero oposto que não sejam seus parentes próximos.

A falta de respeito no acampamento também pode ser de casal para casal. Existe uma diferença muito grande entre falar abertamente sobre sexo, sobre seu parceiro em determinadas situações e ver as experiências dos outros. Do diário retirei esse exemplo:

Estávamos no acampamento de pesca em um momento de relaxamento após o almoço. Tínhamos almoçado juntos em um grupo grande de pessoas e sentamos um pouco para descansar. Augusto chega e senta conosco. Falou sobre o tempo e as possibilidades de algum cardume de peixes passar na praia aquele dia. Depois, mudando completamente de assunto, falou que o Sidnei pediu para dormir com a mulher no barraco deles (de Augusto e sua esposa). Renata e Cátia lançaram um olhar diferente para Augusto. Não consegui entender exatamente o que aquele olhar significava, mas tenho certeza que não era de aprovação com a notícia. Augusto imediatamente falou: ‘A Gisele (sua mulher) falou que não quer o Sidnei e a Roberta no nosso barraco, mesmo que a gente não venha dormir aqui. A Gisele falou para eu não deixar, que ela não quer saber daquela mulher dormindo aqui’. Daneil pergunta: ‘por que Augusto?’ (são irmãos). ‘Porque a mulher do Sidnei grita demais. Quando eles estão na barraca ela grita feito uma louca. Ninguém que tem barraco perto consegue dormir com a gritaria da mulher. Aí fica ruim né. Tem a Renata e o Paulo ali do meu lado. Essa mulher é muito escandalosa’. Todos riram muito. E realmente, Sidnei e sua mulher não dormiram nem um dia no acampamento de pesca.

Roberta, mulher de Sidnei não respeita as regras de etiqueta sexual dos barracos, pois ela grita demais quando o casal tem relações sexuais. Este é um ponto importante, falar sobre sexo, contar causos e piadas dentro do contexto de “respeito” é algo não só aceitável como estimulado. Mas, sobre a relação em si, os momentos práticos de intimidade dos casais não devem ser expostos. Alega-se a proximidade com que os barracos estão dispostos, sendo que

é necessário “respeitar” o seu vizinho, não os obrigando a ouvir suas intimidades. Outro fator que considero importante, neste caso é que Sidnei e Roberta não tem tanta afinidade com as famílias em questão. Sidnei é filho de pescadores. Ele também pesca, no entanto, não tão assiduamente. Roberta é uma mulher “de fora” que se casou com um nativo.

Agora, as histórias de sexo contadas depois do ocorrido, como apontei acima, estas sim, são bastante valorizadas.

Cheguei ao acampamento e fui direto para o barraco de Cátia e Rodrigo. Ela estava fazendo café e ele arrumando a rede do cambau. Ele me recepcionou com um bom dia muito animado. Disse: ‘glória a Deus por mais esse dia maravilhoso senhor!’ Eu achei engraçada a animação dele e falei: ‘poxa! Hoje você está contente!’ Rodrigo se aproximou de Cátia, pegando na bunda dela e dando um tapinha. Olhou para mim e disse: ‘hoje à noite foi boa aqui. Ainda bem que você foi dormir em casa. O barraco aqui pegou fogo’. Cátia imediatamente ficou séria e disse: ‘Rodrigo! Isso é coisa que se diga pros outros. Respeito!’ Rodrigo deu uma risadinha e falou: ‘você é minha mulher. Não tem falta de respeito nenhum aqui. Além disso, a Simone é de casa’. E o assunto se encerrou. Cátia ficou séria na hora, mas devo dizer que ela não ficou realmente muito braba pela exposição do marido. Falo isso pois já presenciei situações em que ela passou mais de um dia realmente chateada com ele. Essa situação foi momentânea, talvez ela, assim como as outras mulheres, apenas falam para manter certa postura que é exigida delas como mulheres casadas.

Diferente do que possa parecer pelo relato acima, não foram os homens os maiores contadores de histórias de sexo. As mulheres, no cotidiano do acampamento, não cansavam de evocar esta temática em meio às discussões sobre os peixes. A força e os termos usados entre conversas apenas de mulheres não deixa em nada a desejar quando comparados às mulheres de meu cotidiano urbano. D. M. (falecida em 2017), mãe de Cátia, não se cansava de repetir: “*A gente fodia muito quando era jovem!*” em meio às conversas de sua filha e suas noras, Cristina e Ana.

As brincadeiras e a naturalidade com que os pescadores e pescadoras falam sobre sua sexualidade também são pontos que ressalto.

Era fim de tarde no acampamento de pesca. Estávamos sentados perto do fogão. Como de costume, Paulo iria até a sua casa para dar de comida para as galinhas e comprar alguns mantimentos que estavam em falta. Levantou-se e foi pegar um papel e caneta para anotar o que deveria ser trazido. As mulheres fazem essas listas todos os dias para os maridos. Assim, eles não esquecem o que precisa. Dizem. Renata fez a lista e Paulo pegou a sacola reforçada que sempre carregava. Foi saindo em direção à trilha. Trilha que leva a praia. Renata lembrou-se de algo. Levantou de súbito e gritou para o marido: ‘Não esquece de trazer cuecas! Você está sem aqui!’ Paulo voltou e colocou apenas a cabeça para dentro do barraco da cozinha, onde ainda permanecíamos sentados. Sorriu malicioso e seguiu seu caminho. Renata nos olhou e falou usando um tom que misturava aborrecimento e sorriso: ‘Depois à noite, esse desgraça sem cueca, fica com o pau duro me incomodando!’ E fez um gesto simulando uma aproximação do marido por trás dela. Rimos todos.

Em outro contexto também registrei:

Era próximo do meio dia. Cátia estava cozinhando, Rodrigo cortava a lenha e eu recolhia e guardava ao lado do fogão. Local onde todos armazenam a lenha que é utilizada para o cozimento das refeições. Rodrigo terminou de cortar a lenha que havíamos recolhido no dia anterior. Chegou atrás da mulher e lhe encoxou. Ela deu um pulo, não estava esperando aquela atitude. Cátia riu e falou para ele ter modos. ‘Olha a Simone aí Rodrigo!’ Completou. ‘Pare Cátia! A Simone é de casa’. Falou com olhar malicioso. Ela entrou na brincadeira, rindo disse para ele: ‘Olha que estou sem sutiã. Apontando para os peitos e rindo’. Rodrigo falou: ‘Sua gostosa! Vem aqui para eu te chupar’, e foi em direção à esposa. O tom era de brincadeira. Cátia ria muito e se desvencilhou dele falando: ‘isso não é hora para essas coisas’. Rodrigo olhou para mim e disse: ‘Simone, hoje você vai dormir na vila né?’ Eu respondi que sim. Então completou: ‘hoje à noite tem!’ Cátia respondeu: ‘hoje à noite tem cambau!’ Ele olhou para ela fingindo um desapontamento, entrando na sua brincadeira.

A naturalidade das brincadeiras não se restringem aos casais. Brinca-se e fala-se também dos parentes e companheiros de pesca no limite da afinidade que é sempre contextual, diga-se de passagem.

Cheguei ao acampamento um pouco mais tarde nesse dia. Tinha notícias de que não existia nenhum cardume de tainhas nas lajes ou proximidades. Assim, resolvi dormir um pouco mais nessa manhã. Lá chegando, passei pelo barraco de Renata e estava fechado. Fui para o de Cátia e perguntei o que tinha acontecido. Naquele horário todos já estavam acordados. Cátia me explicou que Renata não tinha passado bem a noite passada e por isso, ela e Paulo formam dormir em casa. Pois, pela manhã, ela iria buscar atendimento do posto de saúde da vila. Contou-me que Renata estava com muita dor na região da barriga e apontou com as mãos para baixo do umbigo. Falou: ‘não sei, ela tava com um tipo de pontada, de cólica’. Nesse momento, enquanto Cátia me explicava o acontecido, Rodrigo aparece e ouvindo nossa conversa emenda uma brincadeira sobre o assunto. Falou: ‘é que o Paulo meteu demais. Aí ela ficou com dor’. Cátia olha sorri e balança a cabeça em sinal de negação misturada com um sorriso e complementa com a seguinte frase: ‘Aí Rodrigo, você diz tanta bobagem’.

Aqui, Rodrigo, mesmo repreendido em tom de brincadeira pela esposa, estava autorizado a brincar com uma situação ocorrida com sua cunhada. A configuração de parentesco e afinidade alinham-se no contexto. Assim como no caso a seguir:

Estávamos eu, Ana, Cátia e Cristina. na casa dos pais de Cátia. Cátia convidou-nos para ir na casa de Ives, sua mulher vende roupas e ela (Cátia) queria comprar uma bermuda. Saímos pela trilha do meio e passamos em frente à casa de Tio Mauro. Alguns homens que eu não identifiquei estavam no terreno. Um deles gritou: ‘Onde vocês vão?’ As outras mulheres sabiam quem eram aqueles homens. Então, sem parar de andar, responderam em tom de brincadeira: ‘Vamos bater borda! E todas riram muito’.

Convidar é uma categoria nativa de grande importância e demonstra concretude nos laços de afinidade. Bater borda se refere ao movimento do andar das mulheres. As bordas que batem são os lábios externos da vagina. As risadas demonstram a correspondência de interpretação entre homens e mulheres pelo parentesco e afinidade, afirmando a brincadeira bem sucedida.

Apesar da grande intimidade adquirida ao longo do trabalho de campo, vivenciei algumas situações onde foi demarcado minha posição de pesquisadora, ou melhor dizendo, “de fora”. No diário descrevi desta forma:

Gisele, esposa de Augusto, é conhecida por ser uma pessoa muito alegre e sorridente. Sempre está de bom humor e fazendo piadas e rindo das situações. Mas sua fama é também de uma mulher braba em algumas situações. Não gosta que o marido beba demais quando ela não está por perto. Todos sabem disso, me contaram várias situações em que ela foi ao bar dos pescadores (local exclusivo dos homens pescadores de Encantadas. Nenhuma mulher frequenta o local) para buscar o marido. Sabendo dessas histórias sobre Gisele, um dia encontrei Augusto e outros pescadores em um bar. Ele já estava bêbado, mas como eu estava acompanhada de várias outras mulheres, fiquei à vontade para conversar um pouco com alguns homens. Pela minha experiência, sabia que estava sendo observada, mas isso era algo que já estava acostumada nesse momento. Fui cumprimentar Augusto e Jorge e conversamos um pouco sobre a pesca. Depois disso, Augusto mencionou que tinha que ir para casa, afinal já era tarde. Eu respondi: ‘Verdade, já é tarde’. E, apostando na intimidade de quase três meses convivendo diariamente, continuei com uma fala que me parecia ser próxima daquelas ditas por outras mulheres de Encantas: ‘Melhor você ir mesmo. Daqui a pouco a Gisele pode vir te procurar. E ela vai ficar braba!’ Imediatamente Augusto me respondeu: ‘Ela é braba sim, mas na cama eu domino ela. Ela fica mansinha’. Fiquei um pouco constrangida com a resposta dele, mas não achei nada inadequado. Pareceu-me que sua resposta se adequava bem ao esperado naquela situação. Afinal, eu deveria me lembrar que não era parente dele, não deveria ter exaltado o suposto controle que a mulher tinha sobre ele. Essa fala é reservada aos parentes mais próximos. Minha fala soou como um questionamento de sua masculinidade, do seu lugar de homem. Por isso, sua resposta se deu no patamar da exaltação de sua dominação no sexo.

Uma das atividades que mais gera piadas e brincadeiras de cunho sexual é o preparo dos mexilhões. Geralmente se tira o dia para essa atividade que reúne homens e mulheres. Após a retirada do marisco das pedras, juntam-se as famílias nos respectivos barracos para o cozimento e descasco do mesmo. Essa atividade é realizada em volta de uma mesa, previamente preparada para isso. Ao lado do fogo externo, fogueira externa a área dos barracos feita com o intuito de cozinhar o marisco. A forma do marisco, sua textura e suas cores são constantemente associadas às vaginas. Alguns mariscos criam uma espécie de ramificação fibrosa que cresce do seu interior até a saída da concha. Isso, eles chamam de pentelho. Retirar essa ramificação quando se descasca o marisco é muito importante, pois a avaliação de qualidade do marisco, para posterior venda, tem esse como um dos critérios.

Assim, constantemente alguém supervisiona os mariscos descascados e alerta: “*tem que tirar os pentelhos!*” Renata gosta de comer essa ramificação. Então sempre falava, “*eu gosto de comer os pentelhos!*” Gerando risadas e perguntas maliciosas sobre a sua orientação sexual.

Outra situação recorrente entre as mulheres pescadoras era uma pergunta, sempre em tom de brincadeira, que faziam para crianças e adolescentes homens. “*Você já comeu fulano?*” Se referindo obviamente ao sexo. “*E aí fulano? Você já comeu?*” Como disse, escutei várias vezes as mulheres fazendo essa pergunta à crianças e adolescentes. Escutei várias mulheres fazendo essa pergunta a R, uma criança de oito anos. Para R., filho de Cristina e Felipe, o tom da pergunta era de total brincadeira. Com intuito claro de gerar constrangimento na criança. Ele entendia muito bem do que se tratava a pergunta e respondia com o constrangimento esperado. Respondia silencioso, com um sorriso constrangido. Já com J., um adolescente de dezesseis anos, a pergunta era a mesma. Escutei fazerem essa pergunta a ele duas vezes. No entanto, faz-se num tom mais enfático. A resposta de J. foi no mesmo tom enfático, mesmo que um pouco constrangido com minha presença: “*Claro que sim!*” Em nenhum momento presenciei as mulheres fazendo esta pergunta para meninas. Devo dizer que convivi pouco com crianças identificadas com o sexo feminino. Por uma questão de contingência mesmo. A maioria das crianças é do sexo masculino. Entre as adolescentes, convivi pouco, por opção delas. Sempre se mantiveram afastadas e recusaram minhas tentativas de aproximação. Somente do final deste campo mais prolongado é que comecei a ganhar a confiança delas. Algumas já me cumprimentam com mais entusiasmo e consegui trocar algumas palavras de aproximação.

O sexo não é temática interdita na fala, mas a audição da intimidade ou qualquer tipo de ação que indique uma exibição da vida sexual não é algo indicado. Parece-me necessário apenas que este filtro da falação, da brincadeira, dos causos seja acionado. Um filtro fluido, leve, onde as questões geracionais e as classificações de gênero são menos relevantes que o estado civil dos interlocutores. Tudo que ultrapassa este filtro entra em uma zona perigosa, os ditos rumores. Os rumores sim são versões sobre condutas de homens ou mulheres que podem chegar ao ponto de abalar o cotidiano da Vila.

Existe um tema que nunca foi sequer mencionado comigo por qualquer pessoa da pesca, mas que tive acesso pela via dos outros moradores da Ilha. As relações sexuais entre as travestis e os pescadores. Existem três mulheres travestis que moram na Vila de Encantadas. Elas não pescam e nem frequentam o acampamento. Mas frequentam um mesmo bar que os pescadores (homens) e também os bailes e festas mais gerais que acontecem na Vila. Nunca tive contato mais próximo com elas porque as pescadoras rechaçam estas mulheres e não

mantem qualquer tipo de contato com elas. Então fiz minha escolha e houve poucas oportunidades em que pude dialogar mais abertamente com as mulheres trans. Em uma destas oportunidades, estava de madrugada no referido bar e encontrei um pescador. Bêbado me repetiu algo que já havia escutado. “*No inverno, na falta de sereia. Vai tubarão mesmo né, Simone!*”⁴⁰. Repito. Nunca mulheres ou homens pescadores falaram sobre algum tipo de relação com as travestis, apenas essa frase acima me foi dita. Quem muito me falou sobre estas relações foram os moradores da Vila não pescadores, donos de pousadas, restaurantes e bares. Deles eu escutei inúmeras histórias sobre as relações sexuais e afetivas entre pescadores e travestis. O tom das falas sempre foi de reprovação. Apenas uma vez me atrevi a perguntar para uma pescadora sobre o suposto envolvimento de homens da vila com as travestis e recebi uma resposta muito ríspida. Afirmando que estas fofocas eram para manchar a honra dos homens, feitas por gente maldosa.

Ferreira (2008) descreve o contexto do exercício da sexualidade masculina em uma cidade do interior do Ceará, numa perspectiva próxima a que apresento aqui. Os rumores sobre supostos “desvios” de conduta estão o tempo todo circulando pela cidade. No entanto, o silêncio é a marca de determinados temas. O autor propõe um experimento textual e de campo que possa contemplar novas formas de olhar o que não é dito, o indizível. No caso aqui relatado, essa possibilidade não existiu. Ao optar pela perspectiva das mulheres pescadoras foi-me negado as outras visões existentes.

5.2 VIÚVAS, SEPARADAS E SOLTEIRAS

Com essas mulheres tenho outro tipo de relação no que diz respeito às discussões sobre relacionamentos e sexo. Afinal, desde o início fui classificada nessa categoria de mulheres: solteira, separada. Ao ser encaixada nessa categoria, entrei no circuito de mulheres disponíveis para relações. Isso gerou dois movimentos. O primeiro diz respeito ao controle, à vigilância por parte de muitos dos habitantes de encantadas, homens e mulheres. O segundo movimento, mais específico das mulheres, diz sobre a procura de um parceiro para mim. Tanto mulheres solteiras como casadas assumiram a função de me ajudar a encontrar um

⁴⁰ Esta frase me remeteu ao trabalho de Kulick (2008), ao pesquisar as travestis da cidade de Salvador. A lógica de gênero que opera entre as travestis, e o autor arrisca generalizar para uma interpretação mais geral do gênero no Brasil, é que o critério determinante para o gênero não é o biológico, mas sim o papel da genitália. A diferença de gênero se dá através das ações penetrador e penetrado. Aquele que penetra é o homem, os penetrados podem ser “viados” ou mulheres.

parceiro. Fui apresentada a vários parentes e amigos das mulheres pescadoras. Entre as mulheres casadas existe um desejo de constituição de uniões estáveis, obviamente.

Já entre as mulheres solteiras ou separadas, os desejos se multiplicam e as piadas também. Referem-se muito mais abertamente sobre sua vida íntima, sobre a prática sexual. Entre as mulheres mais jovens, até vinte e poucos anos existe vontade, disposição para relações com moradores da Ilha. O que não ocorre em absoluto com as mulheres acima de trinta anos ou as separadas. Entre elas é unânime a visão negativa que se tem do homem pescador da Ilha do Mel. Há mulheres que depois de separadas, mesmo sendo jovens, não tiveram mais nenhum tipo de relação afetiva, sexual. As viúvas e separadas tem experiências de relações violentas. Ou encaram estes homens como parceiros sexuais provisórios, não como companheiros. Cunharam até um apelido para como dizem “este tipo de homem”, é o homem camarão. “*Você tira a cabeça Simone e come só o corpo. A cabeça não vale nada, mas o corpo é bem gostoso.*” Referindo-se obviamente a forma física do pescador.

Existem falas recorrentes sobre as vantagens de ser solteira e todos os problemas causados pelos relacionamentos anteriores. Todas as mulheres separadas que convivi passaram por processos de separação muito difíceis, marcado por traições, violências e muitas brigas (por vezes judiciais) por patrimônio. Exaltam a boa vida que levam e afirmam que “*não querem mais homem em casa*”. Mas, em outros contextos afirma que sentem falta da presença masculina. “*Que é bom ter alguém para dividir, para esquentar a cama*”.

Além do desejo por encontrar parceiros para relacionamentos, a busca por parceiros sexuais provisórios é muito mais presente na fala, na vida destas mulheres. Relatei:

Estava indo ao mercado e encontrei Tânia e Rebeca em uma das trilhas. Era véspera de fim de semana e naquele sábado iria acontecer a festa da Tainha na comunidade de Brasília. A maior festa e de maior repercussão na Ilha, tanto para os habitantes como no fluxo de turistas durante o inverno. Rebeca gritou me chamando: ‘Simone! Simone!’ Fui ao encontro delas. Rebeca me pergunta: ‘você vai pra Brasília amanhã?’ Respondi que gostaria de ir, mas ainda não tinha certeza. Me convidaram para ir junto com elas, dizendo que já tinham organizado o barco e as bebidas para levar. Aceitei o convite. Estávamos nos despedindo e Rebeca grita já virando a esquina de uma das trilhas: ‘Combinado Simone! Hoje nós vamos achar o que comer pro lado!’ Se referindo a encontrar um parceiro sexual em Brasília.

Em outro contexto, estávamos conversando sobre um homem que elas, Rebeca e Tânia, haviam me apresentado. Acharam que ele combinava comigo. Diante na minha hesitação, Rebeca me olha com ar de malícia e diz: “*Simone! Tenho que te falar como as coisas funcionam aqui. É assim: Beijou bem, sentiu o volume, calcinha no chão! Aqui é assim, não ficamos enrolando não!*”

Assim posso dizer que vivi uma verdadeira antropologia reversa, como chamou Wagner (1981). As minhas experiências e vivências sexuais foram pesquisadas, interrogadas e questionadas todo o tempo que permaneci em campo. Partilhei muitos aprendizados com as pescadoras, relações de trocas emocionais. A antropologia nativa questionou minhas condutas sexuais e afetivas em vários momentos, principalmente no que diz respeito à agência da mulher nas relações amorosas e eróticas.

6 EPÍLOGO

Este trabalho almeja contribuir para o campo de estudos de gênero e pesca a partir da constatação da invisibilização das mulheres no universo pesqueiro. O foco excessivo na captura e o próprio gênero dos pesquisadores contribuíram em muito este apagamento, recorte das mulheres da pesca. A parca representação de mulheres nos estudos científicos sobre o universo da pesca e dos saberes e conhecimentos daqueles que vivem em relação com o mar vai ao encontro a uma lógica que formula poucas políticas públicas e excludentes quando se trata da mulher pescadora.

O texto discorre sobre as relações de gênero estabelecidas no cotidiano da pesca da tainha de Encantadas, Ilha do Mel, Paraná. Em um contexto considerado “tradicional”, descrevo todo o processo de preparação para a pesca de inverno até seu desfecho, quando partem para outro ciclo temporal, o tempo do turismo. Da captura à venda, as pescadoras estão presentes demonstrando que o processamento da tainha é apenas uma das inúmeras atividades que desenvolvem. O acúmulo de tarefas no acampamento de pesca também lhes proporciona prestígio, mas também a concreta função de gerenciar toda a dinâmica da engrenagem pesqueira.

Além disso, também busca apresentar as especificidades das mulheres pescadoras, apontando que o desenvolvimento das técnicas pesqueiras é pautado pelas relações de gênero. A partir dessas descrições, a tese aponta a diversidade de atividades nas quais as mulheres da pesca se envolvem, desmistificando a ideia de que “mulheres não pescam” ou que as técnicas são características próprias dos homens pescadores. O rico desenvolvimento de observação, visualização das pescadoras de Encantadas aponta para a abertura de diferentes percepções sobre o ambiente (INGOLD, 2000) da pesca, técnicas corporais e apreendidas através da performance. Suas histórias, piadas e brincadeiras fecham este trabalho enfatizando a agência das mulheres nas relações amorosas e eróticas.

Dentre todas as pescadoras de Encantadas, apenas uma possui o registro de pesca. Outras duas fizeram o pedido, mas até a conclusão deste trabalho não haviam obtido respostas. A criação das unidades de conservação junto a uma legislação restritiva, focada apenas na captura, exclui as pescadoras de Encantadas. Devo dizer que não existiria a pesca da tainha em Encantadas se não fossem as mulheres. Portanto, como pescadoras, são tão legítimas quanto o pescador profissional artesanal definido/delimitado pelo Estado na legislação. Infelizmente o Estado insiste em se omitir da obrigação de reconhecer o direito à

igualdade de gênero. Insiste em manter o foco da gestão na captura e em ignorar as vozes das mulheres nas pesquisas sobre pesca.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Edna Ferreira. **Pescadeiras, companheiras e perigosas**: a pesca feminina na Ilha dos Lençóis-MA. 1991. 188 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- ALMEIDA, Jorge d'. **Arquitetura Naval**: O Dimensionamento do Navio. Lisboa: Prime Books. 2009.
- ARISI, Barbara Maisonnave. Vida Sexual dos Selvagens (Nós): Indígenas Pesquisam a Sexualidade dos Brancos e da Antropóloga. In: SACCHI, Ângela; GRAMKOW, Márcia Maria (orgs.). **Gênero e povos indígenas**: coletânea de textos produzidos para o “Fazendo Gênero 9” e para a “27ª Reunião Brasileira de Antropologia”. Rio de Janeiro/ Brasília: Museu do Índio/GIZ/FUNAI, 2012. p. 50-77.
- BECK, Anamaria. **Lavradores e pescadores**: um estudo sobre o trabalho familiar e trabalho acessório. Florianópolis: UFSC, Mimeo, 1979.
- BRETON, Yvan. L'Anthropologie sociale et les sociétés de pêcheurs: réflexions sur le naissances d'un sous-champ disciplinaire. **Anthropologie et Sociétés**. v. 1, n. 5. 1981, p. 7-27.
- BOAS, Franz. Sobre sons alternantes. In: _____. STOCKING, George W. Jr. (org). **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto & Editora UFRJ, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A linguagem e o poder simbólico. In: _____. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008, pp. 81-126.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Esse obscuro objeto da pesquisa**: um manual de método, técnicas e teses em antropologia. (Edição do Autor Primeira Edição, não tão corrigida e revisada como deveria). Ilha de Santa Catarina: Edição do autor, 2013. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d53-osaez.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2018.
- CHIEUS Jr., Gilberto. A Braça da Rede, uma Técnica Caiçara de Medir. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, v. 2, n. 2, 2009, p. 4-17. Disponível em: <<http://www.etnomatematica.org/v2-n2-agosto2009/chieus.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2018.
- COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.
- DIEGUES, Antonio Carlos. As Ilhas e Arquipélagos Tropicais Brasileiros: Práticas Sociais e Simbólicas. In: _____. **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP. 1997. p. 3-36.

_____. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, v. 3, n. 2. 1999, 2001. p. 361-375.

FERRAZ DE LIMA, Jacqueline Stefanny. **Mulher Fiel**: as famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital. 2013. 164 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

FERREIRA, Paulo Rogers. **Os afectos mal-ditos**: o indizível nas sociedades camponesas. São Paulo: Editora Hucitec/ Anpocs. 2008.

FIRTH, Raymond. **Malay fishermen**: their peasant economy. London: Karl Mannheim, 1975.

FONSECA, Cláudia. **Cavalo Amarrado Também Pasta**: Honra e humor em um grupo popular brasileiro. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3505/claudia_fonseca.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

_____. **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: _____. **História da Sexualidade 1**: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988 (1976).

_____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)/ Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997 (1994).

GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o Mar**: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina. 2013. 418 fls. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GODIO, Matias. **500 quilos**: etnografia visual de uma comunidade de pescadores da Barra da Lagoa. 2005. 149 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

GOLDMAN, Marcio. Introdução: Políticas e Subjetividades nos “Novos Movimentos Culturais”. **Ilha: Revista de Antropologia**. Florianópolis, v. 9, n. 1, 2007. p. 8-22.

GROSSI, Miriam Pilar. Na Busca do Outro Encontra-se A Si Mesmo. In: _____. **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992, p. 7-18. Disponível em: <<http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar7.pdf>>. Acesso em 19 jul. 2018.

HELLEBRANDT, Luceni Medeiros. **Mulheres da z3 – o camarão que “come” as mãos e outras lutas**: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2017.

KULICK, Don. **Travesti: Prostituição, Sexo, Gênero e Cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes 2015.

_____. Culture, Nature, Environment: Steps to an Ecology of Life. In: _____. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**, London: Routledge, 2000, p. 13-26/420-421.

_____. Culture, perception and cognition. In: _____. **The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London and New York: Routledge, 2000. p. 157-171.

_____. Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world. In: _____. **The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London and New York: Routledge, 2000. p. 172-188.

LAGO, Mara. **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário**. 1983. 144 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1983.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 2. ed. São Paulo: Editora 34. 2009.

LINS DE BARROS, Myrian Moraes. Memória, gênero e geração na sociedade brasileira contemporânea. **Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v. 16-17, 2007. p. 44-68.

MACIEL, M. E. de S. Churrasco à gaúcha. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 2, n. 4, 1996, p. 34-48.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do Mar**. São Paulo: Editora Ática. 1986.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril. 1978.

MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ALVARES, Maria Luzia Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas**. [online]. v. 20, n. 3, 2012, p.713-737. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2012000300007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 jul. 2018.

MARCUS, G. E. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, n. 34. 1991.

MAUÉS, H. R. & MAUÉS, A. G. O modelo da “reima”: representações alimentares em uma comunidade amazônica. **Anuário Antropológico**, n. 77, 1978, p. 120-146.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades Esquimó. **Sociologia e Antropologia**, v. 2. São Paulo: Epu; Edusp. 1974.

MOTTA-MAUÉS, M. A. Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**. Lisboa. v. 3, n. 2, 1999, p. 377-399.

MOURÃO, F. **Pescadores do Litoral Sul de São Paulo**. NUPAUB/CEC, São Paulo: HUCITEC. 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Plano de Gestão Integrado Ilha do Mel**. Curitiba, 1996a.

_____. Instituto Ambiental do Paraná. **Plano de Manejo Estação Ecológica da Ilha do Mel – Pr. Curitiba**, Curitiba, 1996(b). Versão preliminar.

PEIRANO, M. G. S. Proibições Alimentares numa Comunidade de Pescadores. 1975. 200 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília, 1975.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade; SANTANA CRUZ, Maria Helena (org.). **Gênero e Trabalho: Diversidades e Experiências em Educação e Comunidades Tradicionais**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

LIMA, Roberto Kant de; PEREIRA, Luciana. **Pescadores de Itaipu: Meio ambiente, conflito e ritual no litoral do estado do Rio de Janeiro**. Niterói: EDUFF, 1997.

RIAL, Carmen Silvia; GODIO, Matias (org.). **Pesca e Turismo: Etnografias da Globalização no Litoral do Atlântico Sul**. Florianópolis: NUPPE, CFH, UFSC, 2006.

_____. Contatos Fotográficos: nativos, antropólogos, jornalistas e turistas. Diferentes linguagens fotográficas?. In: KOURY, M. G. P. (org.). **Imagens & Ciências Sociais**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1998, p. 203-223.

_____. Fast-foods: a nostalgia de uma estrutura perdida. **Horizontes Antropológicos**, n. 4, 1996, p. 94-103.

_____. A globalização publicitária: o exemplo das fast-foods. **Revista Brasileira de Comunicação**, v. 16, n. 2, jul./dez. 1993. p. 134-148.

_____. **Mar de dentro: a transformação do espaço na Lagoa da Conceição**. 1988. 383 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

RISPOLI, F. Trabajar de Pescador. Aportes desde La Antropología Marítima. **8º Congreso Argentino de Antropología Social**, Universidad Nacional de Salta, 2006.

SAMAIN, Etienne. Raízes e asas para as imagens. In: FERRAZ, Ana Lucia Camargo; MENDONÇA, João Martinho (orgs). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília (DF): ABA, 2014.

SCHENA, Fernando. **Turismo, Estado, Sociabilidade e Mudança**: uma etnografia da Vila de Encantadas, Ilha do Mel – PR. 2006. 118 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SEGATO, Rita Laura. A Antropologia e a Crise Taxonômica da Cultura Popular. **Anuário antropológico**. Brasília: UNB. 1991. p. 81-94.

TELES, Anamaria. **Sereias e Anequins**: uma etnografia visual com pescadores da Barra da Lagoa. 2002. 129 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

TOMAZ, Lea Maria. O Mato e os Manguezais na Ilha do Mel: a percepção dos nativos. In: DIEGUES, Antonio Carlos. **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP. 1997. p. 221-233. Disponível em: <
http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/Ilhas_Sociedades_Insulares.pdf
>. Acesso em: 19 jul. 2018.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, (1981) 2010.

WOLF, Eric E. Encarando o Poder: Velhos Insights, Novas Questões. In: BIANCO, Bela F.; RIBEIRO, Gustavo L. (orgs.). **Antropologia e Poder**: Contribuições de Eric R. Wolf. Brasília: Editora da UnB. 2003.